



revista da

# AAL

{ ACADEMIA AMAZONENSE de LETRAS }

N.º 30

set. 2011 - ISSN 2236-0643



— Sem título, Anísio Mello, 2007 · foto de Roberto Mendonça.

**ANÍSIO THAUMATURGO MELLO** nasceu a 21 de junho de 1927, em Itacoatiara (AM). Filho de Octaviano Augusto Soriano de Mello, magistrado, escritor, tupinólogo e poeta, e da artista plástica Esther Thaumaturgo Soriano de Mello. São seus avós paternos, Anísio Ferreira de Mello, comerciante, e dona Palmira Soriano de Mello, e maternos, Cel. Rufino Thaumaturgo e dona Maria Helena de Oliveira Thaumaturgo. Herdou dos pais a vocação pelas letras e pelas artes. “É pintor, é músico e é poeta”, no dizer do poeta Américo Antony, tendo participado de várias exposições nacionais e internacionais, conquistando lãureas. Fez exposições de pinturas em São Paulo e no exterior. A convite da embaixada brasileira em Paris, conquistou, em 1948, a “Medalha de Ouro”, no Salão da França Livre. Realizou uma centena de exposições de pinturas individuais e participou de várias coletivas. Possui várias composições musicais e dezenas de livros publicados, versando sobre assuntos diversos: poesia, crítica literária, ensaios, folclore e linguística.



Sem título [arte espacial], Anísio Mello, 1975 · foto de Roberto Mendonça.



— Sem título, Anísio Mello, 1995 · foto de Roberto Mendonça.





revista da

AAL

( ACADEMIA AMAZONENSE de LETRAS )



número 30

fundada em 1º de janeiro de 1918 5 ano 93 · setembro de 2011

**5** DIRETORIA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS  
*Biênio 2010/2011*

---

*Presidente* · JOSÉ DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

*Vice-Presidente* · TENÓRIO NUNES TELLES DE MENEZES

*Secretário-Geral* · ALMIR DINIZ DE CARVALHO

*Secretário-Geral-Adjunto* · CARMEN NOVOA SILVA

*Tesoureiro* · ARLINDO AUGUSTO DOS SANTOS PORTO

*Tesoureiro-Adjunto* · ABRAHIM SENA BAZE

*Diretor de Patrimônio* · MOACIR COUTO DE ANDRADE

*Diretor de Promoções e Eventos* · CLÁUDIO DO CARMO CHAVES

*Diretor de Edições* · MARCUS LUIZ BARROSO BARROS

---

*Conselho Fiscal*

LAFAYETTE CARNEIRO VIEIRA

ARMANDO ANDRADE DE MENEZES

FRANCISCO GOMES DA SILVA

---

*Suplentes*

ANTONIO JOSÉ SOUTO LOUREIRO

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO NETO

EULER ESTEVES RIBEIRO



COORDENAÇÃO EDITORIAL

*José Braga*

COMISSÃO EDITORIAL

*Marcus Barros · Jorge Tufic · Almir Diniz*

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE

*Rômulo Nascimento*

· Capa: "Mensageiro do Apocalipse", Anísio Mello. Coleção Pinacoteca do Estado do Amazonas – foto de *Luciane Pdscoa*

REVISÃO

*Sergio Luiz Pereira*

JORNALISTA RESPONSÁVEL

*Mazé Mourão* {reg. profissional 16700/101/48}

---

REVISTA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS.  
Ano 93, nº 30 (setembro de 2011). Manaus: Academia  
Amazonense de Letras, 2011.

ISSN 2236-9643

208 p.

1. Literatura – 1. Título: Revista da Academia Amazonense de Letras

---

A A L

*Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil*

Av. Ramos Ferreira, 1.009  
Centro. CEP 69010 120  
TEL / FAX: (92) 3234 0584  
acadam@ig.com.br

5 QUADRO DE PATRONOS E ACADÊMICOS EFETIVOS DA  
Academia Amazonense de Letras

· 1	Péricles Moraes	José Bernardo Cabral
· 2	Euclides da Cunha	Moacir Couto de Andrade
· 3	Gonçalves Dias	
· 4	Sílvio Romero	Newton Sabbá Guimarães
· 5	Araújo Filho	Almir Diniz de Carvalho
· 6	Adriano Jorge	Rosa Mendonça de Brito
· 7	Maranhão Sobrinho	Aldisio Gomes Filgueiras
· 8	Torquato Tapajós	Euler Esteves Ribeiro
· 9	Machado de Assis	José dos Santos Pereira Braga
· 10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro Neto
· 11	José Veríssimo	Marcus Luiz Barroso Barros
· 12	Olavo Bilac	Elson José Bentes Farias
· 13	Estelita Tapajós	Abrahim Sena Baze
· 14	Barão de Sant'Anna Nery	Cláudio do Carmo Chaves
· 15	Graça Aranha	Almino Monteiro Álvares Affonso
· 16	João Leda	Tenório Nunes Telles de Menezes
· 17	Francisco de Castro	
· 18	Jonas da Silva	Jorge Tufic Alaúzo
· 19	Coelho Neto	Lafayette Carneiro Vieira
· 20	João Ribeiro	Francisco Gomes da Silva
· 21	Tenreiro Aranha	Luiz Franco de Sá Huet-Bacellar
· 22	Farias Britto	Robério dos Santos Pereira Braga
· 23	Cruz e Sousa	Joaquim de Alencar e Silva
· 24	Joaquim Nabuco	Marilene Corrêa da Silva Freitas
· 25	Araújo Lima	Márcio Gonçalves Bentes de Souza
· 26	Rui Barbosa	José Roberto Tadros
· 27	Tavares Bastos	José Maria Pinto de Figueiredo
· 28	Aníbal Teófilo	Maria José Mazé Santiago Mourão

- 29 Castro Alves Amadeu Thiago de Mello
- 30 Araripe Júnior Armando Andrade de Menezes
- 31 Raimundo Monteiro Max Carphentier Luiz da Costa
- 32 Bernardo Ramos
- 33 Antônio Brandão de Amorim Carmen Novoa Silva
- 34 Ermano Stradelli Antonio José Souto Loureiro
- 35 Dom Frederico Costa Arlindo Augusto dos Santos Porto
- 36 Inglês de Souza Dom Luiz Soares Vieira
- 37 Benjamin Lima Luiz Maximino de Miranda Corrêa Neto
- 38 Barbosa Rodrigues William Antônio Rodrigues
- 39 Alfredo da Matta Mário Augusto Pinto de Moraes
- 40 Paulino de Brito Francisco Marques de Vasconcelos Filho

## — Sumário

— Nossa edição 11

{*Academia de portas abertas*}

— Marcos Vilaça, visita do presidente da ABL 13

— Academia sintonizada com o povo 17

{*Fundadores*}

— José Chevalier, o sentido da vida 21

JOSÉ BRAGA

— Benjamin de Sousa, desvendando o enigma 25

ZEMARIA PINTO

{*Oratória*}

POSSE DO ACADÊMICO Euler Ribeiro

— Abertura 31

— Discurso 33

— Saudação 41

POSSE DO ACADÊMICO Abraham Baze

— Abertura 46

— Discurso 48

— Saudação 61

POSSE DO ACADÊMICO Roberto Tadros

— Abertura 66

— Discurso 67

— Saudação 73

POSSE DA ACADÊMICA Mazé Mourão

— Abertura 79

— Discurso 81

— Saudação 87

POSSE DO ACADÊMICO Almino Affonso

— Abertura 96

— Discurso 99

— Saudação 116

{Alguma poesia}

- O salto, MOACIR ANDRADE 123
- Poemas de ontem, JORGE TUFIC 124
- Evocação, LAFAYETTE VIEIRA 128
- Cantopranto para Nicolás Guillén, ALENCAR E SILVA 129
- Ode às mãos trabalhadoras, ELSON FARIAS 132
- Colo de pai, CARMEN NOVOA SILVA 134
- Soneto de um novembro findo, FRANCISCO CALHEIROS 135

{Diálogos qualificados }

- A Utopia Cristã, MAX CARPENTIER 137

{Ensaio}

- O conceito de Ciência em José Bonifácio 151  
ROSA MENDONÇA DE BRITO
- O constitucionalismo reconhece a floresta 160  
ROBÉRIO BRAGA

{Medalha Péricles Moraes}

2008

- Abertura 169
- Elogio ao mérito 171
- Agradecimento 184

2009

- Abertura 188
- Os cavaleiros da medalha 189
- Agradecimento 196

{portfólio}

- Anísio Mello, SERGIO LUIZ PEREIRA 201

{resenhas}

- Um passeio pela Catedral dos Sacramentos 203  
ALMIR DINIZ
- As doces lembranças 205  
JORGE TUFIC

## — Nossa edição

JOSÉ BRAGA, *presidente*

Estampada em primorosa feição gráfica, a *Revista da Academia* busca aprimorar-se cada vez mais como instrumento vigoroso de divulgação do pensamento acadêmico.

Novo formato e cores. Ensaio, literatura, reconhecimento, diálogos, história, tribuna, portas abertas. Eis o novo perfil e o resumo da Revista nº 30 enriquecida com um portfólio das obras de Anísio Mello – um ano de silêncio do artista.

Comprometidas com a verdade e a beleza, vozes das ciências, das artes, da literatura emprestam-lhe erudição por meio das letras de Abrahim Baze, Alencar e Silva, Almino Affonso, Almir Diniz, Arlindo Porto, Bernardo Cabral, Carmen Novoa, Carlos Gomes, Cláudio Chaves, Elson Farias, Euler Ribeiro, Francisco Calheiros, Jorge Tufig, José Braga, Marcos Vilaça, Marcus Barros, Max Carpentier, Mazé Mourão, Moacir Andrade, Óscar Ramos, Robério Braga, Roberto Tadros, Rosa Brito, Sergio Luiz Pereira, Tenório Telles, Zemaria Pinto.

Destaque para a visita histórica do presidente da Academia Brasileira de Letras, escritor Marcos Vinícios Vilaça, e o seu pensamento sobre o papel das academias na atualidade; a reconstituição da história quase centenária da Acaemia Amazonense de Letras através dos estudos sobre a vida e obra de dois fundadores: José Chevalie e Benjamin de Souza; a sucessão acadêmica e os discursos proferidos por ocasião da posse dos novos imortais: Euler Ribeiro, Abrahim Baze, José Roberto Tadros, Mazé Mourão e Almino Affonso.

Cumpra, pois, a *Revista da Academia* o seu papel sintonizada com o propósito que a inspirou nos idos de 1921, havia três anos a chama do ideal acadêmico a incendiar a floresta.

Honras a todos que, no infatigável ofício de construção do pensamento, ontem como hoje, são luzes em suas páginas!

{ *Academia de* PORTAS ABERTAS }

## — Marcos Vilaça

RECEPÇÃO DO PRESIDENTE DA ACADEMIA  
BRASILEIRA DE LETRAS<sup>1</sup>

Poderia ser apenas o abraço. Porque o abraço é gesto de acolhimento e amizade, de sensibilidade e afeto.

Poderia ser apenas o abraço, eminente Presidente Marcos Vinícios Vilaça, o gesto de acolhimento a Vossa Excelência, hoje, em nossa Casa, quando a Academia Amazonense de Letras o recebe nesta noite, com amizade.

Mas sendo a palavra o nosso ofício, não devemos suprimi-la em ocasião tão especial. Permita-me, pois, a par com o abraço de amizade, saudá-lo em nome desta Casa para dizer-lhe do prazer e honra que a sua presença nos dá.

Cidadão do Brasil, Vossa Excelência já não é mais apenas do seu Pernambuco, mas nos pertence em particular, pelos laços antigos e novos de amizade, e aqui aguardamos poder entregar-lhe o Título de Membro Honorário que lhe foi conferido em 2008 à unanimidade dos integrantes deste Silogeu. As obras de restauração, quase reconstrução desta Casa, realizadas pelo Governo do Estado por meio da Secretaria de Cultura, recentemente concluídas, retardaram a homenagem. A Casa vestiu-se de novo e está pronta para recebê-lo em noite de festa e beleza.

A entrega da honraria dar-se-á agora, quando Vossa Excelência acaba de ser reconduzido à Presidência da Casa de Machado de Assis pelo justo reconhecimento de seus pares ao notável trabalho realizado nos anos de 2006/2007, inspirado na tradição e na modernidade, rico em realizações e conquistas para a respeitável instituição.

As Academias não podem mais permanecer sisudas. Elas existem para servir à sociedade e precisam participar mais de perto, com desenvoltura, dos movimentos culturais, transpor os próprios muros, abrir

<sup>1</sup> Pronunciamento feito pelo presidente da AAL, José Braga, em 8 de fevereiro de 2010.

- 14 suas portas, comunicar-se mais eficientemente com a comunidade, aproximar-se dela, envolver-se mais, assumir novas responsabilidades.

Vossa Excelência vem sendo exemplar na condução da Academia Brasileira de Letras tornando-a contemporânea dos novos tempos. Martinho da Vila e os passistas do carnaval do Rio foram testemunhas disso na grande festa do samba em homenagem a Noel, realizada há poucos dias na vetusta Casa dos imortais, sob sua batuta e inspiração.

Aqui estamos procurando fazer a mesma coisa, caríssimo Presidente Marcos Vilaça. De um tempo para cá, a Academia Amazonense de Letras, sem embargo da escassez de recursos, vem desenvolvendo programas e projetos que lhe têm dado maior visibilidade. Cito alguns para dizer-lhe que também somos sensíveis aos apelos que a Academia Brasileira soube interpretar e acolher. Além dos instrumentos usuais de divulgação do pensamento acadêmico (biblioteca, publicação de livros, revista, boletins, exposições), realizamos atividades periódicas para estudo e debate da literatura dentro e fora de nossa Casa. Por intermédio do programa *Sábados na Academia*, promovemos dois projetos destinados a estudantes universitários, professores e intelectuais interessados: *Leituras Essenciais* e *Diálogos Qualificados*, ambos com a participação dos acadêmicos; as *Plenárias Itinerantes* levam-nos à Universidade e às escolas da periferia para estudo e debate da vida e obra de escritores brasileiros renomados, uma forma que encontramos de ultrapassar os muros e dialogar com a sociedade lá fora. Nossos acadêmicos têm participado também da *Roda do Conhecimento* realizada às quintas-feiras na Biblioteca Parque dos Bilhares, pelo município. Às sextas-feiras, recebemos a visita de alunos da rede pública de ensino através do projeto *Academia de Portas Abertas*, ocasião em que os estudantes, ao visitarem a sede, são recebidos por um acadêmico que lhes fala sobre a trajetória da instituição, sua obra e o panorama literário do Amazonas.

Estamos empenhados em levar para o interior do Estado o ideário acadêmico e, assim, orientamos e participamos da fundação da Academia Parintinense de Letras e da Academia Itacoatiarense de Letras, prevendo para este ano a criação de mais duas academias, disseminando o gosto pela literatura e estimulando novas vocações para as letras.

Concluída a obra material de reconstrução da sede da Academia, vamos nos voltar este ano para um programa de edição de livros, com a publicação ou reedição de pelo menos uma obra de cada acadêmico, em parceria com a Secretaria de Estado de Cultura.

O Centro de Memória, nesta Sala que homenageia o historiador Mário Ypiranga Monteiro, será uma nova conquista para a Casa de Adriano Jorge na preservação de sua história quase centenária.

A Academia estará no próximo sábado participando do desfile carnavalesco, homenageada pela Escola de Samba Vitória-Régia,<sup>2</sup> a mais antiga e uma das mais prestigiadas agremiações do carnaval amazonense.

Instituímos um modelo de planejamento e gestão participativa que chamamos *Rumos & Remos* numa associação a elementos do ambiente amazônico, a fim de que as nossas tarefas não sejam opções solitárias da Presidência ou da Diretoria, apenas. Criamos na *Sala Memória*, um pequeno espaço de convivência acadêmica, aqui onde ora recebemos Vossa Excelência, destinado a uma maior integração dos pares e a estimular a criatividade. O apelo é sugestivo:

2. Com o samba-enredo "Cantando o pensamento na Amazônia a Verde e Rosa saúda os imortais", a Vitória-Régia sagrou-se campeã do Carnaval de Manaus de 2010.

### Rimas Café

*Beba um café saboroso,  
leia os jornais do dia  
e jogue conversa fora...  
Mas, ao sair não se esqueça  
de deixar a "obra-prima"!  
E volte sempre, apareça:  
tome o café e deixe a rima.*

Para assinalar a alegria de sua presença entre nós, eminente Presidente Marcos Vilaça, concluo com o samba-enredo em homenagem aos imortais e, trocando o café pelo vinho, proponho um brinde em sua homenagem e a Dona Maria do Carmo, a quem a Acadêmica Rosa Brito entregará as flores do nosso bem-querer. E peço ao Amigo Marcos Vilaça, escritor de boa cepa, que ao sair não se esqueça de deixar a "obra-prima".

Festejando o encontro, fiquemos com a alegria!

3. Samba-enredo com  
 autoria de: Marinho Saúba,  
 Onércio Torres, Rodrigo  
 Novaes, Lício Júnior e  
 Edmundo Soldado.

*Os Imortais*  
 riscando o chão de poesia  
 estampada na fantasia,  
 após tempos sombrios uma estrela surgiu  
 Academia Amazonense de Letras  
 iluminando o céu do pensar  
 do caboclo sonhador  
 que no beiradão foi revelado  
 através de literaturas magistras  
 no jardim da inspiração musas caboclas  
 flores lendárias da mais bela criação.  
 Sou poeta trovador... eu sou  
 viajando na canção... que emoção!  
 linda aquarela, perfeita harmonia  
 Vitória-Régia com os fardões da Academia.

*Na arte, expressão de liberdade  
 constelação de cultura  
 folclore nossa identidade  
 que maravilha o teatro  
 nos atos, a ópera da vida  
 retratando a saga do homem da floresta  
 que luta e não se verga  
 em busca de um futuro promissor  
 tem sabedoria e destreza  
 o destemido guardião da Natureza.*

*Alô! Praça 14  
 berço do samba, eu te amo de paixão  
 sou verde e rosa soberana da folia  
 cantando a história da nossa Academia...*

## — Academia sintonizada com o povo

PRESIDENTE DA ABL FALA DOS DESAFIOS  
DA LITERATURA E A APROXIMAÇÃO  
DA ENTIDADE COM OUTRAS ARTES<sup>1</sup>

Nas palavras de Marcos Vilaça, presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), a instituição deve estreitar suas alianças com vários segmentos da sociedade, pois na visão do escritor e advogado, “o povo está na poesia, no romance e em ensaios históricos”. Tudo isso, para explicar que as academias de todo o país devem estar sintonizadas com a sociedade. Esse foi um, entre outros assuntos, que o presidente conversou com a reportagem de *A Crítica* enquanto visitava a Academia Amazonense de Letras, na última segunda-feira, onde também foi homenageado ao lado de sua esposa, Maria do Carmo. “Todas as vezes que venho a Manaus, revejo os amigos e fico muito feliz. Fico ainda mais, quando encontro a Academia daqui anunciando o envolvimento com outros setores da sociedade. Isso só confirma o meu discurso que o dever da entidade é servir ao povo”, destaca. Vilaça explica que essa característica vem tomando frente nas academias de todo o Brasil, um ponto positivo para ele que, lembra ainda, a ABL não pode ser pensada no sentido rigoroso da palavra, mas observada com uma visão ampla, como um espaço humano. Por isso, interpreta de fundamental importância a interação com a música, com as artes plásticas, com o teatro ou com a dança.

<sup>1</sup>. Publicado originalmente em *A Crítica*, caderno “Bem Viver”, em 10 de fevereiro de 2010.

### — NOVAS TECNOLOGIAS

É nesse sentido que o presidente da ABL destaca a interação com a chegada de novas tecnologias, hoje presentes no cotidiano da população. “Estamos nos preparando com a chegadas dessas mudanças.



Portrait of [Name]



Hoje, temos um portal na internet bem dinâmico ([www.academia.org.br](http://www.academia.org.br)), atuando quase que em tempo real, e também estamos no twitter ([twitter.com/abletras](https://twitter.com/abletras)), tudo para chegar a esse público”, revela. Outro projeto que será estabelecido em março – quando voltam as atividades da ABL para 2010 – é a da distribuição de e-books com obras de Joaquim Nabuco e Machado de Assis aos acadêmicos, uma forma de aproximar os membros dessa nova tecnologia que, para o presidente, surge para agregar o mercado do livro.

Quando indagado se a tecnologia irá acabar com o livro de papel, Vilaça não pensa duas vezes para responder: “Isso é bobagem, coisa de pessimista!”. Ele é descrente quanto ao assunto e cita declarações do passado para reforçar sua defesa. “No passado, diziam que a tv iria acabar com o rádio, o que não aconteceu. O tempo é trívio, é passado, presente e futuro, se não soubermos lidar com isso nada prospera”.

Página anterior: Marcos Vilaça em visita a Academia Amazonens de Letras. Foto de Márcio James.

#### — FUTURO DA ABL

Por fim, o “imortal” lembrou das comemorações previstas para 2010, que conta com o centenário de escritores como Joaquim Nabuco, Rachel de Queiroz, Aurélio Buarque, Miguel Reale, Carlos Chagas e Noel Rosa. Além disso, em março, acadêmicos de todo o país se reúnem para discutir o direito autoral no sentido da distribuição de conteúdo por meio da internet. No dia 30 de julho, Marcos Vilaça volta à capital amazonense para uma sessão solene em que receberá o título de Membro Honorário da Academia Amazonense de Letras, obtido em 2008, porém nunca teve a oportunidade de tomar a homenagem. A volta à cidade enfocará também a participação da AAL nas atividades desenvolvidas ao longo do ano pela ABL.

✶ THIAGO HERMIDO, jornalista de A Crítica

{ FUNDADORES }

## — José Chevalier

O SENTIDO DA VIDA



Cada homem nasce, por assim dizer, sob o signo de um valor que marca a sua vocação. Impossível tentar resumir, como disse Miguel Reale, todas as vias do destino humano, pois elas se desdobram à luz das incontestáveis constelações axiológicas que iluminam o céu de nossas existências.

Espírito vocacionado para o magistério e as letras, José Chevalier Carneiro de Almeida realizaria a sua existência comprometido com a causa humana da educação. Homem de ideias e de ação, construtor e reformador contemporâneo de seu tempo, antecipou-se em Manaus às mudanças no fazer pedagógico contribuindo significativamente com outros intelectuais e educadores para a formação de gerações e o desenvolvimento social e cultural do Amazonas, onde viveu a maior parte de sua vida.

Um dos idealizadores da Academia ao lado de Benjamin Lima, Adriano Jorge, Péricles Moraes, José Chevalier foi fundador da cadeira Afonso Arinos, número 3, hoje cadeira 20, de João Ribeiro, sucedido pelo padre Raimundo Nonato Pinheiro e por Francisco Gomes da Silva, atual ocupante. Primeiro secretário da Academia, sob a presidência de Adriano Jorge, esmerou-se no cumprimento dos encargos que lhe eram atribuídos, sediando durante muitos anos no Colégio Universitário Amazonense, de sua propriedade, a secretaria do Silogeu amazonense. Na lembrança de sua presença, guardamos ainda hoje peça valiosa e histórica incorporada ao patrimônio da Academia: a escrivaninha em mogno e verniz com o seu nome esculpido, que utilizava para os trabalhos de secretariado. A relíquia encontra-se na *Sala Benjamin Lima*, pórtico da AAL, onde

22. nas sessões públicas o livro de presenças se oferece à assinatura dos convidados.

Nascido em Penedo, estado das Alagoas em 5 de setembro de 1882, José Chevalier Carneiro de Almeida faleceu aos 58 anos de idade no dia 3 de março de 1940, na cidade do Rio de Janeiro. Filho de Manoel Carneiro de Almeida e Amélia de Chevalier, casou-se com Raimunda de Paula e Souza de Chevalier, sendo pai de Walmiki Ramayana, membro ilustre desta Casa, e Wladimir Carlyle Paula e Souza de Chevalier.

Vindo para Manaus ainda moço, com apenas 20 anos, José Chevalier realizaria aqui a sua formação e os seus desígnios de vida. Formou-se em Direito em 1914 pela Universidade Livre de Manáos, a mais antiga universidade brasileira, revalidando o curso no Rio de Janeiro após complementação de dois anos de estudos.

Trabalhara em Penedo como despachante da Alfândega, exercendo em Manaus destacadas funções: suplente de Juiz de Direito, tipógrafo, revisor, redator e chefe de redação de jornais e revistas, diretor da Imprensa Oficial, do Arquivo e da Biblioteca Pública.

O magistério seria, no entanto, a sua maior vocação e principal atividade, dando-se desde cedo ao fazer pedagógico, inicialmente como professor do ensino primário, pontificando depois no Ginásio Amazonense Pedro II, Colégio Dom Bosco, Escola Técnica Solon de Lucena e Colégio Universitário Amazonense.

Educador é sem dúvida o maior e mais adequado título que se pode atribuir a José Chevalier. No fazer educativo a que se doou durante a maior parte de sua vida, esmerou-se em proporcionar aos seus alunos, especialmente no Colégio Universitário Amazonense, que adquirira ao professor Alberto de Aguiar Corrêa, um ensino de vanguarda, deixando evidente a compreensão de que a educação, processo universal, constitui fator de cidadania que visa promover o desenvolvimento consciente do homem através do aproveitamento de todas as suas potencialidades.

Chevalier implantou e desenvolveu naquela instituição de ensino uma pedagogia sustentada no positivismo individualista de Spencer, fortemente marcada pelo domínio da dimensão física e moral do indivíduo. Ele próprio define a sua posição filosófica ao escrever na *Revista de Ensino* nos idos de 1911, conforme consta dos arquivos de

Robério Braga: “Trilhando sempre a larga estrada do civismo e estabelecendo normas perfeitas para uma educação sólida, seguimos as teorias de Spencer, pondo de parte os estudos de caráter puramente convencional e aplicando ensinamentos práticos e capazes de tornar menos íngremes os caminhos ásperos da vida”. A publicidade do Colégio Universitário Amazonense não deixaria dúvidas quanto aos fins propostos e métodos utilizados no prestigioso estabelecimento de ensino: “Educação intelectual, física, moral e cívica pelos métodos mais racionais e modernos que recomendam altamente este Colégio a todos os pais e chefes de família”.

A pedagogia de Herbert Spencer (1820-1903) corresponde ao tipo de educação solicitada pela sociedade industrial, científica e comercial da época.

Influenciada por Augusto Comte e Rosseau, a obra *Educação intelectual, moral e física* (1861) elege três tipos de educação como exigência para o desenvolvimento integral do indivíduo e capacitação para a vida: educação física, educação intelectual e educação moral. Baseia-se no método evolucionista-experimental que pode ser assim sintetizado: a evolução se processa do simples para o complexo, do homogêneo para o heterogêneo, do desorganizado para o organizado; o ensino deve partir das exigências e da evolução psicológica da criança e das experiências concretas e úteis; são impulsores da educação o interesse e a satisfação do educando, em substituição ao castigo. Na pedagogia spenceriana os instrumentos utilizados são os jogos para liberar as energias, desenvolver os músculos, afinar a percepção e fazer mais ágeis os juízos. O papel fundamental do professor é provocar o interesse do aluno pela aprendizagem, decidir sobre o que ensinar e saber para quais atividades preparar os alunos.

Sob tal inspiração e o lúcido tirocínio de José Chevalier, o Colégio Universitário Amazonense era moderno para a época, inovador, utilizando-se de instrumentos de ensino ainda bastante restrito, como projetores para o ensino de geografia, história geral e história natural. Além disso, a escola ministrava aulas complementares de francês, ginástica sueca, esgrima e ginástica artística.

Espírito visionário, Chevalier ultrapassou os estreitos limites da sala de aula criando outros instrumentos de apoio à educação, des-

24 tacando-se o Museu Escolar, a Revista de Ensino, a Revista de Educação da Sociedade Amazonense de Professores e a Legião de Escoteiros destinada a promover a preparação física e moral, obrigatória, de meninos a partir dos 12 anos. Esse foi, segundo ainda os arquivos consultados, o segundo grupo de escoteiros do Brasil.

Poeta, jornalista, prosador e orador de grandes recursos e erudição, José Chevalier foi membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, de Alagoas, de Pernambuco e do Rio de Janeiro, sendo também orrespondente de importantes associações culturais do Peru, Colômbia, Equador, Chile, Urugai.

Cultivador das letras, publicou, além de artigos em jornais e revistas: *Divinal*, *Satânica*, *Em lucto*, *Amor e ódio* (poesias, 1905), *Pensador* (poesia, 1920) e *Profissão de Fé* (prosa, 1935).

Sobre o escritor, registra Agnello Bittencourt no seu Dicionário Amazonense de Biografias (1973:299):

*Sem ofender a gramática, nem os cânones da ética, ele desejava uma literatura mais flexível, mais condizente com a natureza do assunto, tanto se trate de prosa quanto de poesia. Indaga de sai para si da existência de uma literatura religiosa, científica, romântica, brejeira, cada uma girando em torno do seu objetivo, assim também uma regional, ecológica, mormente visando a poesia aproveitados os motivos da própria natureza: os ruídos de uma cachoeira, os entro das águas, na confluência de rios tormentosos, o rumor das ondas numas praias e nas pedras das margens, o sussurro do vento das grandes florestas, ou seja, o real tornado imaginação, contanto que conseguisse impressionar a nossa sensibilidade.*

Fundador e membro desta Casa ao longo de vinte e dois anos, José Chevalier sonhou e contribuiu para a materialização do ideal acadêmico deixando-nos valioso contributo de inteligência e operosidade. Ao nomearmos os espaços da *Casa Adriano Jorge*, reverência a figuras exponenciais do sodalício, demos seu nome à sala de reuniões da Diretoria como que a buscar no seu exemplo inspiração e luz para os fazeres desta hora. Que jamais nos faltem!

## — Benjamin de Sousa

DESSENDANDO O ENIGMA



Seu nome “desapareceu” dos registros da Academia Amazonense de Letras. Não se tem notícia de seu falecimento ou mudança de Manaus, pois seu nome também não consta como correspondente, conforme a praxe da época. A *Revista Acadêmica*, da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais de Ma-

naus, de 1923, dá-nos algumas informações.

Benjamin Malcher de Sousa nasceu a 18 de junho de 1883, em Baião, no Pará, onde fez seus primeiros estudos com seu pai, o professor Samuel Prudêncio de Sousa, deputado estadual. Após prestar exame de madureza, formou-se na Faculdade de Direito do Pará, em dezembro de 1916, aos 33 anos.

Foi oficial de gabinete dos governadores Augusto Montenegro e, por dois meses, João Coelho. Por nomeação federal, foi Inspetor Regional de Seguros, em Belém. Como jornalista, foi redator-secretário do *Diário da Manhã*, *Correio de Belém* e *O Diário*, além de redator do *Estado do Pará* e *d’A Província do Pará*.

A revista diz ainda que “logo que aportou a Manaus” foi convidado para o cargo de diretor da repartição Arquivo, Biblioteca e Imprensa Oficial, “função que exerceu com superior critério e zelo”. Note-se que essa chegada a Manaus, embora não esteja explícito, deu-se em 1917. Exerceu ainda a função de Secretário-Geral da Polícia Civil, da qual pediu exoneração para assumir a Inspeção Federal junto à Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, a 24 de novembro de 1922. O artigo, não assinado, não lhe poupa elogios:

*Dotado de verbo fluente e aprimorada pena, goza o representante do Conselho Superior do Ensino perante a escola superior de que somos órgão, de uma reputação invejável pelos seus talentos e cultura literária e jurídica, adquirida não só no desempenho dos cargos públicos que tem exercido, como nas batalhas da tribuna e da imprensa.<sup>1</sup>*

1. Revista Acadêmica. Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais de Manaus. Ano 11, número 2. Manaus: 1923. Arquivo de Antônio Diniz.

Anísio Jobim escreveu sobre Benjamin de Sousa, em 1934:

*No seu Estado militou por muito tempo na imprensa, filiado que se achava à política, enfrentando as pugnas mais acirradas. As letras paraenses receberam o influxo desse espírito que, em outros tempos, formava à frente do movimento intelectual, produzindo, e hoje se retrai, na sua modéstia, e se limita à atividade da advocacia.*

*Deixando o Pará, veio Benjamin de Sousa para o Amazonas, onde se fixou. (...) Entrando para o nosso sodalício, o distinto acadêmico levava credenciais de um nome conhecido no Estado vizinho, quer na literatura, quer na agitada vida jornalística. Tem-se consagrado nestes últimos anos aos misteres da advocacia; mas, mesmo assim, a sua colaboração se faz sentir, uma vez por outra, no jornal.<sup>2</sup>*

2. JOBIM, Anísio.

A Intelectualidade no Extremo Norte. Manaus: Clássica, 1934.

Jobim parece desculpar-se por estar incluindo Benjamin de Sousa entre aqueles que ilustravam a intelectualidade no extremo norte. Mas era um companheiro de Academia, que o tomara como membro-fundador pelo renome que trazia de Belém. Teria havido precipitação na escolha? Será que Jobim queria nos passar alguma mensagem ao pintar a imagem de um “retraído” e “modesto” Benjamin de Souza? O esquecimento de Benjamin de Souza nos anais da Academia seria um reflexo dessas circunstâncias?

Na Internet, o oráculo da era da tecnologia da informação, encontrei duas referências a Benjamin Malcher de Souza, mas nada me permite assegurar que se trata do mesmo personagem. A 24 de agosto de 1939 foi fundada, no Rio de Janeiro, a Loja Maçônica 7 de Setembro. Entre seus fundadores, escolhido orador oficial, consta o nome de Benjamin Malcher de Souza. É desnecessário dizer que os meus apelos, por correio eletrônico, aos dirigentes da citada Loja foram vãos.

A outra pista, referindo-se à história do movimento sindical no Espírito Santo, fatos ocorridos em 1941, conta que: 27

*Tamanha era a ingerência do DRT que, via de regra, as reuniões dos sindicatos com as empresas eram presididas pelo delegado Regional do Trabalho, Benjamin Malcher de Sousa.*<sup>3</sup>

3. RIBEIRO, Luiz Cláudio. Estratégias de atualização e representação sindical: 60 anos do Sinergia-Espírito Santo. Internet.

Benjamin de Sousa não deixou obra visível. O único texto que lhe sobreviveu – até que se mergulhe fundo nos jornais e revistas das primeiras décadas do século 20, antes que eles se desintegrem – é *A Felicidade*, transcrito integralmente na sequência deste, como última homenagem a Benjamin de Souza: uma prova de que sua produção alcançava leitores.

*A Felicidade* foi publicado no primeiro número da revista da Academia Amazonense de Letras, em 1920. Trata-se de uma breve palestra, dirigida a um público essencialmente feminino. A forma, entretanto, é de crônica. Apesar da delicadeza, sobressai do texto um gosto amargo, expressando a certeza de que o amor não traz felicidade. E é preciso muita cautela com ele. Ancorando-se no clássico *Mal secreto*, de Raimundo Correia, Benjamin de Sousa reafirma o gosto humano pelas aparências, para concluir que “o amor imortal, amor que não arrefece e que não trai, que conforta e aconchega, que abençoa e santifica...” é a amizade. Só nela podemos ser felizes. Repetindo uma expressão sempre usada pelo querido Thiago de Mello: *a amizade é a mais alta forma de amor...*

Lamentavelmente, concluo este trabalho num ponto bem aquém do que de mim mesmo costumava exigir. Mas foi o que consegui. Que outros tenham melhor sorte.

#### — A FELICIDADE

*Palestra de Benjamin de Sousa*<sup>4</sup>

Venho falar-vos, minhas Senhoras, da felicidade... E que doloroso contraste! Eu que sou o menos feliz para a tarefa de palestrar convosco, nesta ameníssima tarde florida de maio...

4. Revista da Academia Amazonense de Letras. Manaus: ano 1, nº 1, 1920.

A felicidade... Existe, porventura, a felicidade? Não será, como a verdade, a eterna ânsia da filosofia, embrenhando-se nos meandros sombrios da ciência, à procura, sôfrega, do incognoscível e do imponderável?

Mas, se ela existe, se é uma coisa concreta, real, palpável, d'alma e corpo, nas relações dos seres vivos; se a felicidade é isso, por que há a dor para enxotá-la do riso que vem do coração? Por que há a lágrima para sufocá-la no beijo que vem da alma? Por que há o anseio ofegante para bani-la da esperança que vem do espírito? Por que há o desengano para aniquilá-la na saudade que vem do coração, e vem da alma, e vem do espírito?

O riso deverá ser a perene alvorada da terra; a alegria, a primavera eterna do amor; a candura, o bem imperecível do afeto; a graça, a sedução infinita da alma; a ternura, o perfume suavíssimo do coração; o canto, a sinfonia suprema do supremo consolo; o sonho, a volúpia cariciosa e embriagante da vida...

Ah, a felicidade é irreal, do ponto de vista da existência material: incorpórea, invisível, impalpável, intangível; sente-se-a, experimenta-se-a, compreende-se-a, mas ninguém houve ainda que a tivesse tocado... de leve, sequer, com uma flor ou com um ósculo.

A felicidade é uma ficção, um sonho, uma vaga bruma, uma concepção alada e volátil. E desde que o homem surdiu no subsolo, imenso e árido, tantos anseios lhe ela desperta e lhe cava na alma!...

Ficção, sonho, bruma, a felicidade é a nova estrela pressagiosa que conduz os transeuntes desse Calvário da existência ao inalcançável Tabor da ventura absoluta: é a concha pulcra das mais doces esperanças; sim, o íris divino dos desejos mais veementes e castos, a aleluia cantante do prazer e da fé.

Fugace como uma aurora de estio, passageira como a harmonia dum beijo, fugidia como uma visão de lenda, é, porém, o anelo sempre renovado, vívido, ardente, dólido, aliciante e bom de todos os dias...

A ilusão da felicidade... Sombra que passa, som, diafaneidade, símbolo, ideal... expressão vaga de mistério e de luz...

Quanta gente sofre da grande ânsia, que é uma angústia, da angustiosa ambição, que é uma tortura, de ser feliz!...

E quanta gente, Deus dos altos céus!, não tem, dentro de si, a roer-lhe o desespero escondido na fímbria da alma, a atormentar-lhe a tristeza oculta, a gritar-lhe ironias à desventura recalcada, a funda, a dolorosa, a mordente agonia desse Mal secreto, imortalizado pelo poeta no mármore imperecível dos versos:

...quanta gente existe  
cuja ventura consiste  
em parecer aos outros venturosa!<sup>5</sup>

A felicidade será a ventura eterna, trancando o coração aos desenganos, a alma à mágoa, o amor à traição?

Para ser feliz é necessário não sofrer, não viver, não sonhar... que o sonho é a maior de todas as delícias, porque é a felicidade absoluta, que é o gozo incriado.

Para não sonhar, não desejar... que o desejo é a procura ininterrupta do que nos falta na alma e no coração, no amor e na vida. A própria existência é um desejo que se não extingue, sempre o mesmo, insatisfeito sempre!...

Para não viver, não gozar... Mas, haverá quem, integrado nas suas funções orgânicas, tenha forças para rejeitar, Senhoras minhas, a doce beleza, a suavíssima, a voluptuosa delícia da vida?

Para não sofrer, não amar... que o amor é o supremo bem e o mal supremo, em luta eterna, dando a vida e dando a morte; que hoje concede e amanhã recusa: hoje, uma promessa; amanhã, um desengano... Até que se possa transfundir na amizade, que é o amor imortal, amor que não arrefece e que não trai, que conforta e aconchega, que abençoa e santifica...

A felicidade, minhas Senhoras... É esta suprema ventura que tenho eu de ser ouvido por vós!

5. Mal secreto. Poema de Raimundo Correia (1859-1911). O terceto correto é: Quanta gente que ri, talvez, existe / Cuja ventura única consiste / Em parecer aos outros venturosa!

{ ORATÓRIA }

## — Abertura

posse do acadêmico EULER RIBEIRO<sup>1</sup>

Faz dois dias, despediram-se de nós os últimos operários dos mais de cem que conjugaram suas forças no trabalho de restauração desta Casa: pedreiros, projetistas, decoradores, carpinteiros, pintores, encanadores, vidraceiros, eletricitas, restauradores, mestres de obra, arquitetos, serralheiros, engenheiros, apontadores, capatazes. Dez meses de obras, de frenética atividade para repor a sede da Academia, edificada no início do século passado, nas suas características originais e ampliá-la, harmonizando o antigo e o moderno por meio dos traços e da inspiração do arquiteto Caio Borges, cuja memória hoje reverenciamos, eis que o destino impiedoso impediu de celebrar conosco este momento.

Recolheram-se as pranchetas, os prumos, as espátulas, as serras, os martelos, as plainas, os pincéis, os carros de mão, os maçaricos, desfizeram-se os andaimes, mas estas paredes que há sete décadas nos vigiam e inspiram guardarão para sempre no seu silêncio reverencial os rostos dos artífices desta magnífica obra de restauração. Pelo milagre do trabalho, eles permanecerão conosco em cada detalhe e em cada canto, na beleza deste salão, no brilho novo das paredes, nos adornos reconstituídos, nos cristais que resplandecem no alto, na nova simetria das poltronas azuis que abrigam o nosso sonho, no novo espaço erigido para guardar a memória acadêmica.

Reformada do piso à cumeeira, quase reconstruída, e ampliada com a Sala-Memória Mário Ypiranga Monteiro, a Casa de Adriano Jorge incorpora recursos modernos e tecnológicos para maior conforto e funcionalidade. Trata-se de obra que integra a ação empreendedora da Secretaria de Estado de Cultura em conjunto com outras tantas e igualmente importantes intervenções do governo em favor do patrimônio cultural e artístico do Amazonas.

<sup>1</sup>. Cadeira nº 8, de Torquato Tapajós, em 12 de dezembro de 2009.

Vestida de novo, a Academia Amazonense de Letras reabriu anteontem as suas portas em noite memorável de celebração e beleza, prestando ao governador Eduardo Braga, com a entrega do Título de Benemérito, o tributo merecido do reconhecimento e da gratidão pela restauração deste patrimônio cultural de nossa terra.

Hoje, reúne-se novamente o Silogeu para a liturgia da imortalidade acadêmica. Eleito no dia 16 de abril deste ano para ocupar a Cadeira nº 8, de Torquato Tapajós, o médico, professor, político, conferencista e escritor Euler Esteves Ribeiro recebe hoje a sagração acadêmica, sucedendo ao imortal José Jefferson Carpinteiro Péres, figura ilustre da República, presença eterna nesta Casa, falecido subitamente no dia 23 de maio do ano passado.

Eclética e plural, a Academia congrega todos os saberes e nela têm assento artistas e cientistas que guardam em comum a vocação para as letras. O médico Euler Ribeiro não será, pois, um estranho entre nós, que aqui pontificaram e ainda pontificam nomes ilustres da Medicina, cultores das letras e da beleza: Adriano Jorge, Araújo Lima, Aurélio Pinheiro, Mendonça de Lima, Jorge de Moraes, Ribeiro da Cunha, Alfredo da Matta, Ramayana de Chevalier, Cláudio de Araújo Lima, Djalma Batista, Mário Moraes, Antonio Loureiro, Cláudio Chaves, Marcus Barros, expressões singulares do Silogeu.

O doutor Euler Ribeiro chega a esta Casa na plenitude de sua maturidade intelectual e profissional para manter ao lado de quatro apóstolos da Medicina a tradição da presença dos médicos na Casa de Adriano Jorge. Homem de ação, vocacionado para o bem e para as letras, Euler Ribeiro chega para nos legar os tesouros do seu saber e dos seus fazeres e realizar conosco, na amável convivência acadêmica, os desígnios desta notável e quase centenária instituição cultural.

O ilustre confrade Cláudio Chaves, que muito honra a tradição médica nesta Casa, dará boas vindas ao eleito.

Declaro aberta a sessão.

## — Discurso

*posse do acadêmico* EULER RIBEIRO

### — CUMPRIMENTOS FORMAIS

Não basta ser conhecido; é necessário o reconhecimento e, quando isso acontece, a gratidão deverá ser o primeiro sentimento a ser expresso. Muito obrigado, muito obrigado a todos os membros deste Sodalício. Aqueles que, por convicção democrática, optaram não por mim, os meus respeitos. E, genuflexo, volto à minha gratidão. Pois estou convencido de que a unanimidade quase sempre é pobre, e a competição não se valoriza. Mais uma vez, muito obrigado por me trazerem a esta Casa tão cobiçada do saber, pois, com certeza, só existe cobiça quando os valores transcendem!

E quanta responsabilidade de assumir a Cadeira número oito, cujo Patrono, o ilustre sanitarista Torquato Tapajós, lembrado por seus feitos, não só como o intelectual que o fora, mas também, sobretudo, pela participação efetiva na erradicação da febre amarela, na antiga Capital Federal, a cidade do Rio de Janeiro. E aqui entre nós formulou as bases do controle epidemiológico de epidemias crônicas de moléstias tropicais prevalentes à sua época entre nós. Guardemos, pois, com devida vênia, a distância entre aquela celebridade e o simples acadêmico que assume sua cadeira nesta data, que também é sanitarista, ajudou, como coordenador do Programa de Controle da Tuberculose no Norte do país e depois como secretário de Estado de Saúde no Amazonas, a erradicar a raiva, a conter a leishmaniose, a diminuir a mortalidade infantil por meningite tuberculosa, além de minimizar a alta prevalência da malária entre nós.

Contudo, o acadêmico que abriu espaço nesta mesma cadeira, que com muita honra será ocupada por mim, na data de hoje, por ordem natural da própria vida, que contém a morte, foi o ilustre amazonense,

34 economista, professor universitário, secretário do Tribunal de Justiça do Amazonas, vereador da cidade de Manaus e senador da República por dois mandatos representando no processo federativo o seu Estado, o Amazonas. O eminente senador Jefferson Carpinheiro Péres, de saudosa memória, deixando uma lacuna no coração do povo brasileiro e muito particularmente na sua família e no seu povo, que o amava e o respeitava pelo seu caráter, pelo seu comportamento ético e por sua voz respeitada em defesa dos direitos de todos os brasileiros. Com ele mantínhamos o maior respeito e admiração, muitas vezes até distante, mas tendo a certeza de que a admiração sempre foi mútua. Não esqueço nunca que, quando da minha escolha para ser o relator da Reforma da Constituição Brasileira, recebi de imediato sua visita em meu gabinete, para se solidarizar e para me estimular com seus conselhos, naquele momento muito excitante de minha vida, quando o Parlamento depositava, nas minhas frágeis mãos, a tarefa de produzir leis que repercutiriam na vida, direta e indiretamente, da maioria da população brasileira. Saiu do meu gabinete e, ao se despedir, disse-me: “Não se deixe escravizar, tenha coragem de dizer sim quando for possível e dizer não quando for necessário!”. Mais recentemente, em uma reunião social, ao me ver, veio cumprimentar-me e disse para minha esposa: “A coragem do seu marido, em ter largado definitivamente as lides partidárias, deverá ser por mim imitado brevemente!”. Não teve tempo! E aqui fica o meu pranto pela precoce passagem de tão ilustre membro deste Sodalício. E, com maior responsabilidade ainda por tudo isso, vou dedicar-me como ele o fez à Academia Amazonense de Letras.

Chego assim, neste momento, a ter o privilégio da imortalidade, que infelizmente não será biológica, mas sim biográfica. E eu, que me tenho dedicado a estudar todo o processo, do “Princípio ao Fim”, passando pelos meandros dos sentimentos, a aproximação dos gêneros homem *versus* mulher e, finalmente, a perpetuação da espécie, sei que o fenômeno nascer é um “DESAFIO”, crescer e desenvolver-se é uma eterna “COMPETIÇÃO” e envelhecer é “PRIVILÉGIO”. Mas morrer é uma CERTEZA!

E esta Casa, ainda seguindo a ordem natural da vida, só é renovada quando a própria morte alcança um de nós! Essa realidade tem de ser entendida como um processo biológico natural, que é a permanente

renovação da própria natureza. Essa determinação partirá da Divindade? Não sei! Mas será a Divindade a própria natureza? Quem pode saber?

Falar sobre a temática da morte não é fácil tarefa. Nem para mim nem para nenhum de nós que nunca passamos por essa experiência limite. Mas existem muitas pessoas que lidam habitualmente com esse fenômeno quando, em verdade, é de outrem!

Para tal, reuni muito material para construir este discurso visando a esse tema. Li livros, artigos, memórias, nos quais a morte, a dos outros obviamente, é tratada. Ao fim, tentei construir uma espécie de metadiscorso sobre esse intrigante tema, tabu, incômodo, mas, ao mesmo tempo, inquietante, apaixonante, mesmo compulsivo.

Não é recente o meu convívio com esse metadiscorso; já publiquei dois livros a respeito do tema. E, à medida que entendo melhor, também tomo consciência de que vivo melhor. Vida sem a morte passa a ser lugar-comum; não é vida! Pode ser qualquer outra coisa. Vida é que não é! Depois de ler tanto em várias fontes, convenci-me de que praticamente tudo já havia sido dito. E, como queria dedicar-me a um projeto bioantropológico, como seria se tudo já havia sido dito? Então consultei mais um livro, em que, em verdade, está tudo dito. E, a partir desse livro, por acaso composto por seis volumes, consegui escrever estas palavras, com as quais me comunico neste instante. E esse livro é o *Dicionário da Língua Portuguesa*. Que obra fantástica para falar da morte como corolário da própria vida! E lá a palavra morte começa com a letra “m”, que está depois de muitas outras e antes de mais outras.

Em “a”, encontramos a palavra amor; em “b”, beleza. Em “c”, consciência. Há mais, mas o que é o ser humano sem amor, sem beleza e sem consciência? Sei também que há aborto em “a”, bomba em “b” e cadáver em “c”. Mas a consciência de tudo, até da própria morte, dilui o mal que alguns “aa”, “bb” ou “cc” poderão trazer ao homem.

Dalai-lama, já em “d”, “ênfatisa a vida”. Em “e”, temos *Ecce homo*, que em português se mantém com a mesma letra, significando “eis o homem!”. Na vida, como na letra “f”, encontramos a felicidade, enquanto que Gandhi se escreve com “g”. A guerra, junto de Gandhi, nada é, uma vez que ética da vida se sobrepõe sempre à ideia de violência.

A letra “h” é notável para o desenvolvimento das nossas ideias. É a letra de homem, este ser que o é desde o nascimento ou mesmo até o momento final ou, ainda, até depois. Sim, porque não se pode desligar a vida do seu momento final, ou mesmo até depois. Somente os heróis também com “h”, como Homero, é que ultrapassam o tempo, não morrendo verdadeiramente. A esses se cantam hinos de louvor. Mas essa letra também é da hipocrisia, do holocausto com todo o seu horror, mostrando que, por vezes, o homem pode ter hábitos horríveis.

Também a letra “i” nos ajuda a compreender o sentido da morte dos homens. A vida é um instante, e a morte projeta-nos para infinito. E esta palavra se traduz como algo inacabado – *in finitum*, ou seja, algo que não está finito, que não está acabado. Para Leonardo Boff, o homem conclui-se no velho, ou seja, no idoso e, quando uma criança morre, a nossa infelicidade é insuportável. Sim, porque a criança é um ser humano inconcluído, completando-se apenas à medida que a idade avança. Sabemos que a vida é cada vez mais incerta, e a morte inevitável, mas o mito da imortalidade é talvez um dos segredos mais procurados desde os tempos mais idos.

Não querendo causar enfado, terei de passar por cima de algumas letras, por exemplo, o “j”, letra que nos convida a jogar com a própria vida, sendo o jovem aquele que mais a arrisca, por vezes com pouco juízo, restando depois apenas a possibilidade de ver onde é que ele jaz.

Ah, o “l” vai ser passado rapidamente, lembrando apenas que é a letra daquilo que é letal, provocando lamentos vários, uma vez que impede que o homem seja verdadeiramente livre. Aliás, o poeta Drummond de Andrade diz que “livre, mas mesmo livre, é estar morto”. É ainda a letra do luto, do luto pelo desaparecimento de alguém. Mas luto é igualmente a primeira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo lutar. E um verbo é uma palavra viva, uma palavra que indica ação. E eu luto pela VIDA, muito antes e muito mais do que o luto que farei pela minha morte. E, quando isso acontecer, espero que a lembrança de mim seja pela luta pela própria vida.

E chegamos à letra “m”, aquela por onde começam as palavras mãe e Maria, gênese de toda a vida. Palavras magníficas que tudo significam. Até a pátria é agora mátria. É a terra-mãe que nos marca para todo o sempre. É a letra de memória, que é um dos dramas da vida hu-

mana. A mitologia curiosamente também iniciaria por “m”, que pretende perpetuar a memória do princípio, possibilitando ao homem um imaginário em que a morte não é o fim de tudo.

Essa letra também nos projeta para a morte e para todas as palavras a ela associada. E o dicionário diz que a morte é o fim. Mas não diz de quê. Da vida? Qual vida? E, se a vida pode ser manipulada, também a morte poderá ser manuseada? Apenas um minúsculo exemplo. O que é a morte num ser clonado? Nesse caso, a morte não se assume como nenhuma conclusão, uma vez que não existe um autêntico projeto antropológico. Há nisso, sim, um narcisismo medonho que pretende não sujeitar o homem à essência da própria vida, qual seja nascimento, crescimento, reprodução e morte. O clone não morre, porque não nasce. Transforma-se, qual metamorfose, de nada em nada até o nada final, numa espiral sem finalidade.

Ao contrário do ser humano que se conclui no momento da morte, o clone é sempre algo inconcluído, nunca terminado, sem esperanças nem promessas.

Fernando Savater é eloquente quando afirma que os animais vivem sem propósito próprio.

Nós, humanos – ratifico para os verdadeiros humanos –, temos planos de vida para poder viver. Sem a morte – a verdadeira morte – não há vida, uma verdadeira vida. Adianta ainda o autor que o ser humano consiste em buscar as fórmulas da vida humana uma e outra vez. O clone não faz isso. É aquilo uma vez e daquilo nunca sairá. E a morte, esta não concretiza nada, uma vez que nada significa para quem apenas é um expositor de células. Não existe nenhum mistério, mas um “m” na gênese do clone. Tudo controlado como se fosse uma máquina. Uma máquina complexa, mas uma máquina. Não um ser humano. Este último é sempre o resultado de dois genes. É a expressão e o produto da diversidade. Aquele, o clone, é a continuação de um outro e somente isso. De um só, que se perpetua no tempo, uma vez que o tempo está balizado pelo nascimento e pela própria morte.

Sei que a sociedade da tecnologia pretende negar a morte. Tudo parece fazer para anular a nossa condição de seres mortais. E a sociedade? Ah! A sociedade só fala na morte do outro. Esquece a sua condição futura, hoje, amanhã, mas sempre vai estar presente, pois a

38 ciência não admite nem aceita esse fracasso. A clonagem é, pois, uma triste tentativa de engodar aqueles que sentem, afinal, que a vida e a morte são inerentes uma à outra.

Por outro lado, o projeto do Iluminismo era criar em cada homem um Deus. É assim que percebo a morte de Deus anunciada por Nietzsche. Prometeram tudo, transformando o além no aqui e no agora. Mas o inevitável não se evita; compreende-se. E eu tento compreender a morte como o corolário da própria vida, com uma entidade que só fortalece a nossa própria existência.

A letra “m” proporciona diversas leituras sobre a vida. A vida pode ser uma máscara? Qual máscara grega, que significava a sua própria personalidade? Podemos compô-la? Podemos, qual mentira, tentar sair dela para dela evitar o desenlace? Podemos tentar manobrar a existência para evitar, um dia, chegar àquela indesejável meta? Desistir da vida, apressando a própria morte – a minha ou a do outro – é não deixar que um projeto de vida seja levado até o fim. Há aqueles que se preocupam com a estetização da morte, da sua morte, conferindo-lhe uma dimensão teatral. Se Michel Foucault alude à vida como obra de arte, vê a morte provocada como zênite de uma existência. Nesses casos, a ideia de homem não chega a concretizar-se, uma vez que fica sempre um capítulo por escrever.

Passemos rapidamente por outras letras. A letra “n” é aquela por onde começa a palavra nada. O meu dicionário de sinônimos diz-me que significa não ser. Raul Brandão, em *Húmus*, leva-nos a crer que cemitério nada é. Mas todos lá vão, nem que seja apenas no dois de novembro. Por isso é alguma coisa, nem que seja a memória material do ser humano. Parece que a morte nada é, mas tudo significa. Pelo menos significa que houve uma transcendência. Mas em “t” veremos essa palavra.

Em “o”, encontramos o ódio. Ora, o ódio por alguém, por uma cultura, por um povo ou até em relação a uma religião leva a que se mate, impedindo que se viva, que se concretize o ideal ético da vida humana. Mais uma vez, pela palavra ódio, observa-se que um projeto antropológico pode ser aniquilado pela provocação da morte. Lembram-se de Jesus, de Lhuter King?

Na letra “p”, existe a poesia, palavra maravilhosa que levou Teixeira de Pascoaes a perguntar por que é que a verdade não há de estar nos poemas? E a vida é um poema, cuja morte nada mais é do que o último terceto de um soneto.

O alfabeto é sábio e não deu a mim muitas palavras começando por “q”. O tempo urge, pelo que só encontrei a “quimera”, que, de alguma forma, remete-nos para a fantasia de vencer a morte. Vejam a quimera da alquimia que prometia a vida eterna.

Em “r”, percebemos a razão pela qual a vida é um valor de superior importância. Percebemos que o homem fala em renascer, em ressuscitar e não em “remorrer”, para que depois, já em “s”, fiquemos a saber que, em obediência a valores supremos, o ser humano admite mesmo sacrificar a vida, não valendo a morte por si mesma, o que é bem diferente do simples suicídio.

“T” é a letra do tempo, essa dimensão inexorável a que todos estamos sujeitos. Mas também é a letra de terra, telúrico. Trabalho, visto por muitos como uma trágica e terrível missão da condição humana, começa também por “t”. É terrífico, mas tímulo, que marca o fim do nosso tempo, ideia que nos tortura, também começa pela primeira letra da palavra transcendência. Sim, porque vida, isto é, aquele instante que antecede a viagem tumular, é um excesso. O normal é não se viver, pelo que ultrapassar. Já com “u”, a não vida é um feito único que importa realçar neste universo carregado de utopias.

Chegamos à nossa última letra, dado que o “x” e o “z” ficam à vossa disposição. E a última letra a que quero reportar-me é o “v” de VIDA. Mas também é de velho. Repare-se que velho está junto da vida e não da morte. Por acaso? Não, porque nem o acaso acontece por acaso. E só o velho é que conhece de verdade o que é a vida. Venceu-a não se vergando àquilo que são vãs ilusões.

A vida, no dicionário, está bem para lá da morte, não se deixando contaminar por esse vulto que nos quer atormentar. A morte pode ser uma voz que nos chama lá de longe, mas a vida é toda um poema que nos vincula à vitória humana sobre o nada. É a vida, com ou sem véus, que se assume como o maior valor do homem, pelo que tenho de terminar esta viagem pelo nosso abecedário com uma palavra começada com “d” de DIGNIDADE, mesmo no momento da morte.

- 40 Segundo Cícero, a vida, ah! A vida é uma peça de teatro, que não permite ensaios. Por isso cante, chore, dance, ria e viva intensamente, antes que a cortina se feche, e a peça termine sem aplausos.  
Muito obrigado!

¶ EULER RIBEIRO

## — Saudação

*posse do acadêmico* EULER RIBEIRO

As Academias de Letras são casas essencialmente de poetas! Para ser membro de um sodalício das letras há de ser reconhecido como tal.

Entendendo-se como poetas tanto os que sob inspiração criam o que desperta o sentimento do belo, quanto os poetas da vida – aqueles que levam a vida em forma de poesia, e, principalmente, os que constroem no correr da vida páginas de lindos poemas.

Portanto, sede bem-vindo, poeta da vida Euler Esteves Ribeiro!

É um grande prazer recebê-lo na Academia Amazonense de Letras.

Senhor Presidente, Acadêmico José dos Santos Pereira Braga, Autoridades, Senhores Acadêmicos, Senhoras Acadêmicas, demais Autoridades, Senhoras e Senhores.

A práxis acadêmica inclui discursos e esses fazem parte obrigatória das solenidades das academias quando sagram mais um novo membro.

Os discursos de recepção devem conter tópicos imprescindíveis, tais como: comparação e identidade de atuação e de pensamento entre o novel Acadêmico e seus antecessores e o patrono da cadeira; destaques à atuação do escritor que chega ressaltando-se suas obras e fazendo-se apologia às suas atividades profissionais; afeição e respeito ao novo confrade; e, acima de tudo, a preocupação com a importância da alocução para a história do Sodalício.

Sob estes prismas é que vamos discorrer sobre a vida, a obra e o perfil do novo imortal que esta Casa, sob o signo de Sagitário e as bênçãos da Virgem Santíssima de Nossa Senhora de Guadalupe – a Padroeira da América Latina – recebe na sessão de hoje. Trata-se do médico, professor de Medicina, escritor e homem público Euler Esteves Ribeiro.

A generosidade do Presidente Acadêmico José Braga e o do novo Acadêmico Euler Ribeiro houveram por bem escolher o orador que

42. vos fala para ser o portador da saudação ao novo titular, certamente, pela identificação dos fortes laços de amizade que nos unem, há longo tempo, com o Presidente e o Acadêmico que chega.

Fundada a Academia Amazonense de Letras, em 1º de janeiro de 1918, a sua Cadeira de nº 8 teve como Patrono, escolhido pelo seu fundador o advogado, professor, jornalista e teatrólogo Benjamin Franklin de Araújo Lima, o higienista e matemático Torquato Xavier Monteiro Tapajós.

Torquato Tapajós nasceu em Manaus, em 3 de dezembro de 1853, e faleceu na capital da República aos 12 dias de novembro de 1897. Engenheiro, geógrafo e matemático, é considerado um dos mais ilustres amazonenses de todos os tempos. Dedicado ao saneamento básico, foi uma das maiores expressões nacionais nessa área do conhecimento no início do século 20.

Benjamin Lima, uma das células mais importantes para a fundação desta Academia, o primeiro ocupante da Cadeira nº 8, natural do Pará, nascido em 27 de novembro de 1855, foi figura exponencial do teatro brasileiro, tendo sido suas principais obras: *O Homem que Marcha*, *O Homem que Ri* e *O Martírio de Dom Juan*.

Ele veio a falecer no Rio de Janeiro em 9 de janeiro de 1948.

Para preencher a vacância de sua poltrona, foi eleito em 29 de outubro de 1949 Antônio Mavignier de Castro, cearense que para cá emigrou e aqui se destacou como escritor, poeta e homem público. Ele foi empossado no dia 6 de maio de 1950, recebendo a saudação erudita do verbo de Aristophano Antony.

Mavignier faleceu em Manaus em 6 de fevereiro de 1970.

Com a sua passagem para a eternidade, para ocupar seu assento nesta Academia, foi eleito em 30 de maio de 1992 José Jefferson Carpinteiro Péres que tomou posse na sessão de 3 de junho de 1993 com discurso de recepção bem elaborado da lavra do Acadêmico Ruy Alberto da Costa Lins.

Jefferson Péres nasceu em Manaus em 19 de março de 1932, filho da Srª Maria do Carmo Campelo Carpinteiro Péres e do Desembargador Arnaldo Carpinteiro Péres. Ele foi professor de Economia, servidor público, escritor e articulista da imprensa local, além de festejado e respeitado político com atuações marcantes em defesa da ética e do

bem servir quando esteve na Câmara Municipal de Manaus e no Senado Federal. Faleceu em 23 de maio de 2008, na terra que lhe serviu de berço, onde viveu toda a sua existência e constituiu exemplar família ao lado da magistrada Dr<sup>a</sup> Marlídice.

Como sucessor de Jefferson Péres, foi eleito na sessão de 16 de abril de 2009 o médico, professor de Medicina e escritor Euler Esteves Ribeiro no escrutínio com a não menos ilustre professora, historiadora e memorialista Etelvina Norma Garcia, o que engrandeceu em muito a tertúlia.

E Euler, como no conto de Patrônio, muito citado por Josué Montello, teve a primazia de tanger o sino do campanário por ter chegado primeiro.

Euler Ribeiro nasceu em Itacoatiara, em 31 de julho de 1941, cresceu em Parintins, estudou em Santarém e Belém, escolheu e foi adotado por Manaus para viver e constituir família, onde reside há mais de 40 anos.

Ele é o segundo do rosário de sete pérolas do casal composto pela Dona Darlinda Esteves Ribeiro e do Senhor José Menezes Ribeiro – o saudoso irmão Zezito, na intimidade, entre os obreiros da Arte Real.

Ele é também irmão do Ivan, da Maria do Carmo, da Delouiza, da Ivana, do Júnior e do Afrânio.

Com a acadêmica Dr<sup>a</sup> Edneia Maia Ribeiro – a sua *Neinha*, companheira, amada e consorte, que o alegra há quase meio século –, constituiu uma família maravilhosa como dão prova os seus filhos Euler Filho e Gizella e os netos Gabriel, Giullia, João Vítor e Lucca.

Na sua identidade de atuação encontramos pontos de convergência tanto com o patrono da cadeira Torquato Tapajós na devoção ao saneamento básico como o ingrediente maior na macroeconomia para a promoção da saúde quanto com os ocupantes anteriores, Benjamin Lima e Mavignier de Castro, na dedicação ao serviço público, e com Jefferson Péres na participação da política do país e no ensino universitário.

A sequência nos leva a destacar o escritor, professor, mestre e doutor que chega com sete densas obras: *Quedas* – artigo de conclusão do Curso de Especialização na Universidade de Brasília; *Depressão em Idosos da Floresta* – dissertação de conclusão do Mestrado na Pontifícia Uni-

44 versidade Católica de Porto Alegre; *Análise da Concentração de Vitamina D em Mulheres Pós-Menopausa e a Prevenção da Osteoporose Analisada por Ultrassonografia de Calcâneo* – tese de Doutorado também apresentada Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre; e os livros *Viver 100 anos, Do Começo ao Fim, Tanatologia – Vida e Finitude e Envelhecimento*.

Todas essas obras, que são de grande conteúdo, passaram a engrandecer a literatura e vieram ratificar a sua trajetória de mais de 40 anos de atuação como médico e professor de Medicina na Universidade Federal do Amazonas das disciplinas Anestesiologia e Pneumologia e na Universidade do Estado do Amazonas das disciplinas de Geriatria e Gerontologia.

Da ideia nascida na Academia Amazonense de Medicina, por ele imaginada, resultou na criação de uma universidade para a terceira idade, o que hoje é uma realidade incontestável, a modelar UnATI como peça integrante da UEA a serviço do prolongamento da vida com qualidade dos idosos do Amazonas.

No seguimento, registramos a afeição e o respeito que reciprocamente mantemos, já há bastante tempo. Os nossos laços de amizade, que se estenderam entre Fernanda e Edneia, se iniciaram no ano de 1971, quando eu fui seu aluno no Curso de Medicina da Ufam e, a partir daí colegas, parceiros e protagonistas de várias jornadas na Secretaria de Saúde do Amazonas, no antigo Inamps, na Sociedade Amazonense de Hospitais, nas Academias Amazonense de Medicina e Maçônica de Letras e na Brasileira de Medicina Militar, e mais recentemente na missão de implantação e consolidação da UnATI, e a partir de agora nesta Academia de Letras.

Também participamos da política do país no Congresso Nacional. Só nesse momento é que não estivemos juntos e forças ocultas nos levaram a caminhar em linhas paralelas e opostas por quase dez anos, o que incomodava bastante a nós dois, pelo alto grau de boa querência que sempre tivemos.

Graças a Deus, em determinado momento, aplainamos as arestas e retomamos os fortes laços de amizade, ratificando o que diz a sabedoria popular que nem o tempo, nem a distância, e nem os áulicos do poder ou até mesmo os agentes da intriga, jamais podem afastar verdadeiros amigos.

Os profissionais das Ciências da Saúde, em número expressivo, têm passagens por esta Casa, a prova os saudosos médicos Adriano Jorge, Araújo Lima, Aurélio Pinheiro, Cláudio de Araújo Lima, Djalma Batista, Jorge de Moraes, José de Mendonça Lima, Ramayana de Chevalier, Ribeiro da Cunha e Vivaldo Lima, os odontólogos Jonas da Silva e Moacyr Rosas, o farmacêutico Manoel Bastos Lira e o veterinário Ulisses Bittencourt, e também os esculápios Mário de Moraes, o orador que vos fala, Antonio Loureiro e Marcus Barros, e, a partir de agora, com a chegada de Vossa Excelência Acadêmico Euler Ribeiro, esse quadro se engrandece ainda mais.

Meu amigo Euler Ribeiro, vós que chegais para tomar assento na Poltrona nº 8 deste Sodalício, como o quarto na ordem sucessória de seus ocupantes, o décimo nono dentre os profissionais de saúde e o décimo quinto médico, na história da Academia Amazonense de Letras, podeis adentrar efetivamente aos umbrais de todas as portas deste Silogeu na certeza de que sua atuação aqui dentro será a continuidade da vossa vitoriosa trajetória de correr de vida.

Esta Academia de Letras é a vossa Canaã!

Se já tínheis o privilégio de vossa grandiosidade, tendes agora confirmada a vossa imortalidade.

Fazeis por merecer os aplausos desta consagração.

Sede, pois, bem-vindo, já estávamos há muito a vossa espera.

Sentai-vos efetivamente na Cadeira nº 8, ela é de agora em diante toda vossa.

Que Deus continue a manter a Academia Amazonense de Letras sob a sua Guarda.

## — Abertura

posse do acadêmico ABRAHIM BAZE<sup>1</sup>

1. Cadeira nº 13, de Estelita Tapajós, em 5 de agosto de 2010.

Caminhando para o centenário, a Academia Amazonense de Letras permanece acesa no seu mister em favor das línguas nacionais e cultivo das letras nos vários campos da erudição humana. Referta de luz, a Cadeira nº 13, na qual tomará assento o escritor e historiador Abraham Sena Baze, parece predestinada às indagações mais profundas acerca da existência humana. Estelita Tapajós, que lhe empresta o patronato, Gaspar Guimarães, Arthur Virgílio, Arthur Reis e Jauary Marinho, que a ilustraram com seus saberes e seus fazeres neste percurso de 93 anos de vida da instituição, eram homens de ciência. Comprometidos com a vida, com o bem e a verdade, a Medicina, o Direito, a História deram voz à cadeira que hoje se oferece a nova celebração da imortalidade acadêmica.

Dedicado à comunicação e, em especial, à Historiografia que tem como fundamento a totalidade dos modos de ser e das criações humanas no mundo, a totalidade da vida espiritual ou das culturas envolvendo ações, tradições e memórias conscientes, Abraham Baze chega para realizar entre nós o exercício da memória, essencial à compreensão do presente e antevisão das possibilidades do futuro. Desde tempos imemoriais, os homens se informavam a respeito da História recorrendo à lenda e ao mito; desde a invenção da escrita, a informação brota do registro de experiências e ações, registro que as livra do olvido. Sem História, vemo-nos privados de linguagem que nos permita indiretamente falar das origens de que brotamos e que nos sustentam. A História nos permite conhecer as ações de nossos antepassados, que nos trouxeram até o ponto de onde prosseguimos incansavelmente. Sem que o substrato biológico seja alterado, a História se altera de geração para geração.

A História da humanidade não é uma história da natureza. Não podemos entendê-la como continuação do evoluir do universo e da Terra ao longo do tempo ou como prolongamento da aparição de seres vivos sobre o planeta. Nossa História é de natureza fundamentalmente diversa. O fazer História representa um momento central da atividade cultural e dotado de uma função específica e essencial. A História é um organismo: o que está antes condiciona o que vem depois; assim, a partir do presente, da contemporaneidade e suas características, seus problemas, deve-se remontar para trás, bem para trás, até o limiar da civilização e reconstruir o caminho complexo, não linear, articulado, colhendo, ao mesmo tempo, seu processo e seu sentido. Processo feito de rupturas e de desvios, de inversões e de bloqueios, de possibilidades não maturadas e expectativas não realizadas; o sentido referente ao ponto de vista de quem observa e, portanto, ligado à interpretação: nunca dado pelos fatos, mas sempre construído nos e por meio dos fatos, precário e sub júdice.

Como nos ensina Gambi, faz-se história se, e somente se, se conseguir fazer reaparecer a complexidade dos eventos e suas agitadas inter-relações, seu perfil instável, múltiplo e, ao mesmo tempo, unitário. Pluralismo e conflitualidade, indecisão e incerteza são certamente características fundamentais do fazer História hoje. Entretanto, não estamos diante de um resultado anárquico, mas radical e dialeticamente crítico. É justamente da integração dinâmica e atenta das diversas perspectivas de leitura que emerge a possibilidade de ler a História segundo a verdade, deixando sempre espaço para aprofundamentos ulteriores, para aproximações, para um objeto complexo e fugidio, como é o histórico.

A tribuna acadêmica resplandecerá nesta noite com a eloquência de Bernardo Cabral na saudação ao historiador Abrahim Baze.

Está aberta a sessão.

## — Discurso

*posse do acadêmico* ABRAHIM BAZE

Sonhar e Acreditar. Dessas duas qualidades resultam as realizações sociais e os fazeres do espírito humano – fatores indispensáveis para a perpetuação das aspirações enobrecedoras e a construção de possibilidades efetivas para a existência humana.

Toda nova geração forja novos padrões, valores e atitudes sobre a vida e a sociedade. Esses caminhos que se descortinam resultam do entusiasmo, da fé e da crença no porvir, e se constroem com doação e muito trabalho.

A existência é fruto do diálogo com o passado e das projeções em relação ao futuro. Mas é no presente que os alicerces do amanhã são estabelecidos. As ações humanas são tecidas a partir da vontade e da decisão de realizar aquilo que pulsa no coração e na consciência: as vitórias nos trazem contentamento, mas as derrotas nos fazem refletir e nos acrescem experiências necessárias para os empreendimentos futuros.

A história de um povo, de uma nação, de uma instituição é feita por homens e mulheres. O homem faz a história e a faz o homem. A história é uma atividade científica que nos dá a conhecer o passado da humanidade. *É certo que não podemos compreender o presente sem conhecermos o passado.* Este conceito é atribuído a Aléxis de Tocqueville (1805-1859), célebre magistrado e pensador francês.

Essas considerações me ocorrem enquanto constato, que aqui na Casa de Adriano Jorge estarei entre mestres do conhecimento, e poderei utilizá-los como pátina, no cinzelamento do meu conhecimento e do meu trabalho como historiador.

Seja-nos lícito afirmar, de início, que entendemos que a outorga a quem vos fala, desta condição de membro efetivo da Academia Amazonense de Letras é, antes de tudo, um autêntico ato de condescendência e de generosidade daqueles que sufragaram meu nome.

Ao olharmos para os vultos eminentes dos ocupantes das diversas cadeiras deste cenáculo, sentimos a evidência de que aqui comparecemos com muita humildade, pois os Senhores e Senhoras me permitiram desfrutar de companhia tão honrosa, por parte dos confrades que ora me recebem.

No deslumbramento deste momento, para mim bastante emocional, vejo o esplendor de tantas luzes a me envolver, como também tanta inteligência na sua mais alta fulguração, atentos às minhas palavras, que são antes de mais nada a expressão do meu espírito. Na verdade, são mínimos os meus atributos e a plena convicção de nada, ou quase nada possuo para vos dar. Chego aqui pela vossa bondade, reafirmo, pela vossa iluminada bondade.

Aqui, na Casa de Adriano Jorge, estarei de plantão nas redações do conhecimento, solidificando o meu pobre saber e alargando as minhas produções, agora sob a vossa luminosidade.

Trouxestes, pois, para este cenáculo, a fim de participar das vossas tertúlias, um modesto apresentador de programas. Não sei, em verdade, de deferência maior e mais comovedora. Não obstante, o meu noviciado literário e acadêmico, me esforçarei para ir além dos horizontes da vossa confiança. Entendo a minha responsabilidade, afinal vou ocupar a cadeira que deu assento a nomes ilustres: Desembargador Gaspar Antônio Vieira Guimarães, Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro, Arthur César Ferreira Reis e Jauary Guimarães de Souza Marinho, que por aqui passaram, e que foram levados para o convívio eterno e, quando aqui estiveram, sempre se impuseram pela fulgurância do espírito e pelo talento que possuíam.

A Academia Amazonense de Letras, desde a sua fundação, tem sido um repositório cultural através de vários períodos promovendo a caminhada do homem e da mulher sobre o nosso espaço cultural. Tem agido na congeminação de esforço para unir a alma e o conhecimento. É como se fora, se bem atentarmos, a lenta peregrinação das trevas do conhecimento para a busca da luz ideal da sabedoria, levando seus acadêmicos para a busca do aperfeiçoamento, para poder melhor prestar serviços à humanidade.

Dáí porque a cultura, como fato isolado, surge como consequência de um entrelaçamento histórico do homem, como também abre campo

50 às mais variadas especulações em derredor das causas geradoras do conhecimento acadêmico. Afinal, exprime algo mais que isso: vai representar, na realidade, a riqueza intelectual de uma geração, de um período determinado.

Aos antecessores dessa cadeira que, permanecem vivos, como se falassem nesse momento vozes dos sinos, de que nos falam os poetas românticos, são gemidos e por vezes soluços, que irradiam de suas gargantas de bronze para repercutir, nos instantes de saudade em nossos corações. São os sinos da alma, de sonoridades puríssimas, vibrando em constante harmonia, evocando a esse neófito que vos fala, como se abençoasse a minha chegada entre vós.

Chego para ficar entre vós, com os ensinamentos do pensador colombiano Vergara Y Vergara, que por tantas vezes aconselhava no apagar do último século, os seus contemporâneos: Se não tens talento, esconde-te; porém se o tens esconde-o.

Na vida, seja literária ou científica, nós nos sucedemos uns aos outros. Os que se foram, para sempre, do nosso convívio, deixa-nos com os seus ensinamentos o vácuo de suas ausências, são logo substituídos por outros espíritos irradiantes de luz. É nessa sequência de renovações que as quadras humanas se completam sempre. Não esquecemos os que nos legaram as suas lições e seus exemplos, mas reconhecemos o valor e a capacidade dos que, tendo ocupado os lugares neles, continuam como seus antecessores, irradiando novos ensinamentos que são, por igual, novas lições de sabedoria. Por isso, dobrem-se os sinos dos carrilhões em dobres dolentes para exaltar o patrono da cadeira.

Dr. Estelita Tapajós nasceu em Manaus, a 5 de janeiro de 1860, sendo irmão do Dr. Torquato Tapajós. Fez seus estudos primários na cidade que lhe serviu de berço. Terminando-os, seguiu para Belém do Pará, matriculando-se em um colégio interno. Extremamente estudioso, em suas folgas passava na casa do Sr. Francisco Augusto de Oliveira, este casado com sua prima, Dona Rosália Nunes de Oliveira.

Terminando o seu curso de humanidades, partiu para a capital do Império, onde matriculou-se na Academia de Medicina do Rio de Janeiro. Durante o tempo em que foi estudante dessa escola, trabalhou como interno no Hospital Nacional de Alienados D. Pedro II, na praça da Saudade. Terminando o curso respectivo, e depois de defender a

tese *Psiquiatria*, recebeu o grau de doutor em medicina. Logo em seguida, foi nomeado delegado de Polícia, no Distrito da Lapa, no Rio de Janeiro, para em seguida ser nomeado diretor da casa de Saúde Dr. Eyra.

Pouco tempo depois, viajou pela Europa em companhia de seu futuro cunhado, Dr. Oliveira Fausto. No seu regresso, depois de ligeira passagem pelo Rio de Janeiro, foi para São Paulo, onde casou-se com dona Francisca Simões. Depois de algum tempo residindo na capital paulista, passou uma regular temporada em Itatiaia e, em seguida, passou a residir em São Miguel do Paraíso, a linda e poética cidade da linha férrea da Sorocabana. Nessa cidade angariou um bom círculo de amizades.

Estelita Tapajós honrou, por muito tempo, as letras, sobretudo os estudos biológicos. No Departamento de Antropologia, tornou-se lumar. A feição característica de seu espírito era a Filosofia, tendo publicado ensaios de Filosofia e Ciência, em 1898. A sua formação científica, pode-se dizer, operou-se no Sul do país, onde expandiu o seu talento e ilustração, tendo alcançado uma grande atuação no movimento intelectual do nosso país. Estelita Tapajós, amazonense, vinculado à importante família de Manaus, foi considerado o mais alto e notável representante da filosofia que o Amazonas já produziu.

Filiou-se ao monismo evolucionista, de que foram grandes propagadores Tobias Barreto e Sílvio Romero. O filósofo amazonense abraçou, com Fausto Cardoso, o Haekelismo Sociológico (Leia-se padre Leonel França S. J. *História de Filosofia*, 3ª edição, página 302, 1928).

Foi sob esse critério filosófico que empreendeu sínteses sobre a condição social da mulher, sobre a criminologia e a respeito da evolução da espécie humana. Diz o padre Leonel França S. J. *que o essencial de suas ideias é o monismo Haekelismo Ekelian, com modificações pedidas a Spencer.*

No Brasil daquele período, onde os estudos de filosofia não tinham feito grandes progressos, onde a inteligência se não tem revelado bastantes perscrutadores dos fenômenos do mundo e da sociedade nas suas mais altas generalizações, naturalmente pela falta de estudos metódicos e profundos, feitos sobre a orientação de mestres abalizados. Foi digno de nota o realce que tomou, nessa ordem de ideias, o notável

52 cientista Dr. Estelita Tapajós, que figurou como um de nossos homens mais illustres.

Seu pai, Francisco Antonio Tapajós, de nacionalidade portuguesa e que teve grande realce no tempo da Cabanagem, chegando a ser denominado de Herói de Tapajós. Três dos seus filhos destacaram-se nos estudos, tais como: Manoel Tapajós, engenheiro; Torquato Tapajós, engenheiro e sanitarista, autor do projeto da estrada Manaus-Itacoatiara, e Estelita Tapajós, médico psiquiatra.

O escritor Luiz Ferraz, prefaciando o opúsculo do escritor Álvaro Guerra, escreveu:

*Formas amigas de Estelita Tapajós. Não estranharás, por isso, que associando-me às tuas homenagens, tivesse mandado tirar em avulsas o teu estudo, publicado no Comércio de São Paulo, sobre aquele ilustre médico que – bem o dizes – foi um bom, foi um justo.*

*Um bom, sim, meu caro Álvaro, porque viveu em paz, não acreditou no mal, transformou tudo em bem, e se convenceu de que o homem vê o semblante, Deus o coração.*

*Um justo, sim, porque viveu da fé e a sua glória foi o testemunho de sua boa convivência e da tranquilidade do seu espírito, que não se moveu aos louvores nem aos vitupérios.*

*São Paulo, 31 de dezembro de 1902.*

Estelita Tapajós, literato, falava inglês e francês. Entre tantas literaturas estrangeiras que lia, destaque Tolstoi e Ibsen que lhe eram familiar.

O Dr. Estelita Tapajós deixou as seguintes obras: *Physicologia da Percepção das Representações – Cormubiose Orgânica – Biologia Científica e Ensaios de Filosofia e Cínecias*, este último prefaciado pelo Dr. Sílvio Romero, além de muitos outros, quer científicos quer de prosa ou verso.

Segundo Arthur César Ferreira Reis, em seu discurso de posse nesta Casa, em 27 de janeiro de 1967, cuja solenidade foi presidida pelo Acadêmico Álvaro Maia, ele destaca:

*A produção literária de Estelita Tapajós não sofreu ainda o exame dos especialistas. É de difícil acesso e talvez, por isso, não tenha havido a curiosidade para examiná-la e compreendê-la. Seria essa uma tarefa que*

Ainda no mesmo discurso, o Acadêmico Arthur César Ferreira Reis destaca:

*A obra do Dr. Estelita Tapajós está pedindo um exame sereno, desapaixonado, para que lhe possamos assegurar a posição devida no quadro da cultura brasileira.*

— GASPAS ANTÔNIO VIEIRA GUIMARÃES

Gaspar Antônio Vieira Guimarães pertenceu à geração de rapazes de talento fulgurante que chegou, ao Amazonas, no último decênio do século 19, composta também de Araújo Filho, Thaumaturgo Vaz e Henrique Álvares Pereira.

Nasceu a 20 de setembro de 1874, na cidade do Recife. Desde muito jovem, mostrou seu pendor para os estudos das belas-letas. Aos 18 anos de idade, publicou *Primeiros Voos*, em que expressa seu pendor para a literatura. Formou-se em Direito na Faculdade do Recife, mudando-se, em seguida, para Manaus, onde chegou no dia 31 de dezembro de 1892. Em janeiro do ano seguinte, tornou-se promotor da capital amazonense, nomeado por ato do capitão Eduardo Ribeiro, governador do Estado.

O Dr. Gaspar Guimarães foi, ainda, juiz de Direito e, em todos os cargos porque passou, ficaram os sinais de sua inteligência, cultura e bondade. Nos jornais em que colaborou, ninguém foi maior, mais justo e comedido. Foi orador dos mais inspirados.

Além dos trabalhos literários, Gaspar Guimarães escreveu obras didáticas de evidentes qualidades intelectuais, entre as quais: *As Nossas Fronteiras e a Reorganização do Exército Nacional* – 1900; *Dados Descritivos do Município de Coari* – 1900; *O Vínculo entre o Estado e o Funcionário*; *História do Lugar da Barra, Direito Internacional Público e Diplomacia* – 1914.

A 13 de agosto de 1921 foi nomeado desembargador do Egrégio Superior Tribunal de Justiça do Estado, na administração de Rego Mon-

54 teiro. Foi seu presidente em diversas oportunidades. Aposentou-se no cargo e faleceu a 23 de junho de 1938.

— ARTHUR VIRGÍLIO DO CARMO RIBEIRO

O segundo sucessor nessa cadeira, o desembargador Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro, nasceu dia 19 de junho de 1886, era natural de Pernambuco e era filho do major Francisco Luiz do Carmo Ribeiro, que foi deputado estadual, e de Dona Guilhermina Leopoldina do Carmo Ribeiro.

Formou-se em Direito pela Faculdade do Recife, sendo logo fascinado pelo Amazonas, encontrando apoio no convite que lhe fizera o seu amigo desembargador J. Cândido Ferreira Lisboa.

Chegando a Manaus em 1905, foi nomeado juiz municipal de Moura, daí sendo nomeado pelo governador do Estado para a Comarca de Remate de Males, a fim de apaziguar os ânimos numa contenda entre nacionais e estrangeiros, cuja missão desempenhou com êxito.

Foi nomeado logo depois como consultor jurídico da Penitenciária do Estado. Passou 25 anos na Judicatura do Estado do Amazonas, nas comarcas de Barcelos, Fonte Boa, Boa Vista do Rio Branco e Porto Velho.

Desembargador e presidente do Tribunal de Justiça. Inteligente, estudioso, apaziguador, mostrando sempre a sua face humanitária de jurista e juiz por vocação.

Agnello Bittencourt, na obra *Dicionário Amazonense de Biografias - Vultos do Passado*, página 109, destaca:

*Com aquele seu espírito de ponderação e sutileza de apaziguador, quer se tratasse de política ou justiça, o ambiente social do lugar a que se portasse - passava a ser exemplo de fraternidade. Para aquele juiz, a brandura, sem detrimento, era uma força. Não consta que alguma vez tivesse apelado para a polícia, a fim de ver cumpridos suas sentenças.*

Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro, graças ao seu jeito de transgredir com a honra, permaneceu por mais tempo afastado da capital. Somente a 6 de novembro de 1930 foi nomeado desembargador do Egrégio Tribunal de Justiça, pelo então interventor federal, coronel Floriano Ma-

chado. Foi escolhido entre aplausos gerais, como um prêmio à sua cultura e integridade de apóstolo da Justiça.

Ponderado, sutil, brando, mas sempre sem abrir mão da sua autoridade de magistrado, não dispensando o protocolo e os rituais de tradição, sereno e calmo, predicados que lhe davam em todas as ocasiões a plena energia do comando.

Além de suas sentenças e acórdãos de qualidade superior, produziu diversos trabalhos de vultos no campo do Direito, inclusive estudos sobre Tobias Barreto, a quem admirava como salientava nas suas produções. Faleceu no dia 14 de setembro de 1956 em Manaus.

Arthur César Ferreira Reis, eleito para a Casa de Adriano Jorge, sucedeu Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro, a que destaco com muito orgulho por, principalmente, sua contribuição literária.

Nasceu em Manaus, no dia 8 de janeiro de 1906, filho do jornalista Vicente Reis e de Emília Alves Ferreira Reis. Fez o curso primário e secundário em Manaus. Formou-se em Direito, na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade do Rio de Janeiro, em 1927. Foi redator-chefe do *Jornal do Comércio*, propriedade do seu genitor. Iniciou-se no magistério como professor de História do Brasil, no Colégio Dom Bosco; História Universal e Noções de Direito Pátrio, na Escola Normal do Amazonas. Em 1934, conquistou por concurso público a Cátedra de História do Brasil e de Civilização na Escola Sólon de Lucena. Professor de Economia Política e Ciências das Finanças da Faculdade de Direito do Amazonas e de Direito Público Internacional.

Apreendeu, portanto, muito cedo, os métodos do trabalho, que vão da pesquisa nos arquivos à interpretação dos fatos históricos e sociais, método que logo aplicou em seu primeiro livro, realizado com um material de fonte primária. Pode alcançar, assim, de pronto, um ponto definitivo entre os historiadores do Brasil.

Na temática de sua obra há uma constante, que é a Amazônia. Levantou o véu das mais importantes contribuições na formação da sociedade planiciária. Entre tantos, destaco aqui *O seringal e o seringueiro* que merece reconhecimento na minha formação acadêmica durante quatro anos no curso de História. Essa obra é de fato importante documentação e análise de um fenômeno histórico e econômico que chegou aos nossos dias, marcando inclusive um ciclo na economia nacional.

A sua pena se tornou mais vibrante e sua voz encontrou maior eco na consciência nacional, quando denunciou os perigos que nos ronda em *A Amazônia e a Cobiça Internacional* e, em seguida, *Amazônia e a Integridade do Brasil*.

Para a História da Civilização, projetada pela Unesco, sua participação foi importante, escrevendo um estudo sobre o Brasil de 1750 a 1910 nos seus aspectos sociais, políticos e econômicos. Invejável foi sua capacidade de ver, investigar e interpretar os frutos de suas observações e pesquisas, como também transcrevê-los em livros.

Djalma Batista, outro homem importante de nossas letras e desta Casa, assim falou de Arthur Reis:

*Tendes dito de público, muitas vezes, que a razão de sermos amigos e nos entendermos repousa na diversidade de nossas opiniões. E o curioso é que sempre nos encontramos juntos, até mesmo nesta festa acadêmica. Haveréis de dizer, para comprovar a vossa afirmativa, que ainda nessa questão do estilo nossos pontos de vista são diferentes.*

Exerceu o magistério em diversos estabelecimentos em Belém do Pará. Eleito governador do Estado do Amazonas, em 1964, pela Assembleia Legislativa, sua gestão caracterizou-se pelo grande incentivo à cultura amazonense tendo editado na época mais de cem livros sobre os mais variados assuntos.

Pertenceu a várias instituições culturais do país e do exterior, especialmente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde recebeu o título de Benemérito pelos grandes e relevantes serviços prestados àquela instituição. Recebeu a Medalha do Mérito Universitário, da Universidade Federal do Amazonas.

No dia 7 de fevereiro de 1993, Arthur César Ferreira Reis faleceu no Rio de Janeiro, assistido por seus filhos, netos e sua dedicada esposa, Dona Graziela da Silva Reis.

Quando do seu falecimento o jornal *A Tribuna da Imprensa*, por seu diretor Hélio Fernandes, assim se expressou: *Não é só o Amazonas que perde o seu mais ilustre filho, mas todo o Brasil que fica sem o mais destemido, brilhante e eficiente defensor.*

Jauary Guimarães de Souza Marinho, no seu pervagar pelo mundo, adotou como meta o magistério, tendo tido conotação importante com a implantação definitiva da Universidade Federal do Amazonas. Não era por natureza um homem nostálgico, triste ou pesaroso, porque entendia a vida como uma estrada que deve ser percorrida com seus belos panoramas, suas alegrias e suas dificuldades.

Procurou viver intensamente as alegrias e vitórias alcançadas nessa trajetória, cuja melhor contribuição foi lutar pelo desenvolvimento e o progresso do Amazonas pelos estudos e educação superior. Não eram apenas os já mencionados que possuíam os galardões de cultura e erudição, Jauary Guimarães de Souza Marinho também os possuía, soube trabalhar e vencer – eis a diferença desse acadêmico.

Sua obra na Universidade do Amazonas foi imensa e valiosa, toda ela marcada pelo sentido da contribuição pessoal, em múltiplos departamentos da sabedoria, cujo desvelo e o interesse pelo saber foram de todo importantes.

Ele partiu deixando suas ideias e desenvoltura de um homem público. Reconhecendo-se na amplitude de suas ações, foi ele um eclético.

No dia 11 de junho de 1965, em sessão do Egrégio Conselho Diretor, foi eleito reitor da Universidade Federal do Amazonas, tendo assumido essa função no dia 18 de junho de 1965, em sessão solene na Sala da Congregação da Faculdade de Direito.

Desde criança, pelos ensinamentos sábios de seus pais, aprendeu que os deveres e obrigações cumprem-se, os obstáculos e as dificuldades devem ser vencidas na busca especial do dever cumprido e isso ele o fez com dignidade.

Homem de personalidade forte, sempre cumpriu com o que se propôs a fazer, pela satisfação de não decepcionar aos que acreditavam em sua pessoa, no seu trabalho e na sua capacidade realizadora de grandes ações. Assim, cinco meses após sua posse na Reitoria, foram instaladas as faculdades de Medicina, Engenharia, Farmácia e Odontologia, que passaram a funcionar sob sua inteira e integral responsabilidade. Atitude tomada, que muitas vezes em vida destacou como arrojada e corajosa.

O fruto, plantado por ele, em nossa centenária Universidade, está aí atuante, efetiva, como um dos principais fatores de desenvolvimento da nossa região. Foram ações indestrutíveis, porque formadas em bases sólidas, produziu os melhores frutos para o engrandecimento do conhecimento em nossa região.

Como reitor, tinha a determinação de fazer, pois aqueles que fazem podem sofrer derrotas, mas também obtêm vitórias compensadoras, e aqueles que nada fazem são os derrotados. Fez o que prometeu fazer e viveu as alegrias de ter seu trabalho reconhecido.

Quando estudante, sofreu a infelicidade de assistir ao fechamento das faculdades de Farmácia, Odontologia e Agronomia. Protestou muitas vezes e em diversas ocasiões contra a displicência e a incúria dos responsáveis pela coisa pública. Defendeu a ideia de que faltava visão e estímulo à juventude, uma vez que em sua época apenas uma minoria tinha a possibilidade de estudar fora do próprio domicílio, e muitas vezes não retornava mais ao Amazonas, num êxodo absurdo de grande e incalculável prejuízo para o Estado. Coube a esse intelectual responder às exigências do seu tempo como reitor da nossa centenária Universidade, e assim ele o fez.

Entendeu na época, que, recebendo estudantes do Sul, do Centro-Oeste e do Nordeste do país, estava promovendo a nossa Universidade para o atendimento daqueles que procuravam o ensino superior para o desenvolvimento da nossa região amazônica e conseqüentemente do Brasil, porque assim procedendo, a Universidade do Amazonas estava cumprindo sua verdadeira missão de brasilidade, como ele destacou na época:

*Esse era um problema do poder público e para a solução dele a nação contou com a participação efetiva da nossa Universidade, que deu as congêneres brasileiras de fronteiras fechadas, um exemplo vivo de colaboração que é dever de todos, irmanados pela origem, pelo sangue e pelo idioma.*

Decisão essa que lhe rendeu muitas críticas por essa tomada de posição, de certa forma corajosa. Isso tudo foi feito sem prejuízos para os estudantes regionais, pois aqueles que se submeteram ao exame

Jauary Guimarães de Souza Marinho soube honrar a ação de um homem planicário cujo horizonte não se limitou geograficamente ao Estado do Amazonas. Quebrou a monotonia acadêmica para sobressair suas ações com o altaneiro gesto de grandeza. Homem com raízes amazônicas, habilitou-se ao espetáculo dos crepúsculos matutinos, quando a luz solar rompe os restos da noite e o dealbar das horas nascentes. Fez romper as esperanças escondidas pelo sonho daqueles que almejavam buscar o conhecimento acadêmico, acreditando que dentro dele estava a alma e o estímulo daqueles estudantes que escolheram o Amazonas para aprender e viver. Por isso, permitiu que madrugadas entressonhadas com os seus devaneios intelectuais e acadêmicos.

Seu trabalho administrativo, como reitor, promoveu a adaptação em diversas unidades em prédios diferentes e com a ampliação de novas instalações nos já existentes, além das sete faculdades, com mais de 20 cursos na época, foram criados os pontos em atividade de cinco Centros de Estudos, os quais se destacavam os Centros de Estudos Portugueses, dirigido com destaque, sabedoria e eficiência pelo professor e membro efetivo desta Casa, João Crisóstomo de Oliveira, promovendo com entusiasmo convênios com a Fundação Gulbenkian de Lisboa e o Centro de Estudos e Pesquisas Socioeconômico (Cepese).

Sua ação como reitor buscou melhoria e ampliação na área da saúde. Construiu o pavilhão de Anatomia para aulas práticas; o Instituto de Anatomia e Histologia Alfredo da Matta, na época composto de dois prédios de dois andares; o Ambulatório Clínico Araújo Lima, com dois andares, todo equipado com modernas instalações, além da criação e instalação do auditório denominado Doutor Zerbine, em homenagem a esse médico que perlustrou a medicina no Brasil.

Continuou buscando melhorias para a Universidade do Amazonas. Efetuou a desapropriação de um terreno de aproximadamente 8 milhões de metros quadrados, com um projeto completo do Campus Universitário, elaborado pelo engenheiro amazonense Luiz Carlos Vella Antony, visando à formação do Parque Zoobotânico, com aproveitamento das matas e igarapés ali existentes.

Nesse espaço, estava prevista a construção de um Biotério completo, cuja planta já estava aprovada em convênio com o Ministério da Educação. Nessa área foi iniciada a construção da Faculdade de Engenharia, do Instituto de Física e do Instituto de Química.

Senhores e Senhoras. Se tanto alcancei e tanto vistes em mim o mérito que hoje me proclamais, devo-o aos que me despertaram o sentimento do belo, do justo e do bom, com formas cristalinas de vida, orientadas na direção de um porto seguro. A impulsão interior, motivadora dos meus gestos e atitudes, que marcaram minha caminhada, tem como esteios três homens: senador Bernardo Cabral, Phelippe Daou e Milton Cordeiro. Eles verdadeiramente são os elementos principais da minha trajetória.

Deixai, pois, que deposite a minha homenagem e gratidão a quem os devo tributar pela formação e pelo que de mim e em mim fizeram. Permitam-me que de alma limpa, porque só assim a eles eu me posso dirigir.

Esses três homens, cujos exemplos de vida são eloquentes de severidade e retidão, aliados a uma compreensão humana que a tudo sabe dar uma palavra amiga e confortadora. Eles que, nos momentos mais atribulados de minha vida, me ensinaram a sofrer com estoicismo.

Eles foram e são inesgotáveis cascata de amor paterno, a derramar as águas límpidas de seus espíritos geradores de generosidade.

A eles quero ofertar, senão minhas palavras, mas principalmente o triunfo de hoje.

## — Saudação

*posse do acadêmico* ABRAHIM BAZE

Acompanhei, de perto, a vossa batalha para o ingresso neste Silogeu, quando fostes atingido pelos primeiros vendavais da incompreensão, mas que – estranho paradoxo – foram eles o principal elo propulsor da construção do alicerce que vos faltava e, a partir do qual, pela força do vosso talento, recebeste o sufrágio que escancarou as portas da imortalidade acadêmica.

Ao examinar o vosso percurso para superar os obstáculos, as terríveis dificuldades – que não foram poucas: – jornaleiro, carroceiro, camelô, taxista e, mais tarde, representante comercial – concluístes a vossa graduação em História, diplomado pelo Centro Universitário do Norte – Uninorte, deixando para trás os dias de autodidata. É verdade que, bem antes, já estáveis exercendo as funções de diretor do Museu da Rede Amazônica.

Não recuastes, em nenhum instante – nem mesmo com o aneurisma cerebral que acometeu ao vosso filho, hoje formado em jornalismo – e com a fé inabalável em Deus podeis ver a vossa consagração com a publicação de 18 livros aqui e no exterior, e um deles, sobre Ferreira de Castro, o saudoso autor de *A Selva*, é adotado no curso de História e de Letras no Uninorte.

Aquele que esmiuçar as vossas atividades irá encontrar a dedicação, sem paralelo, que tendes demonstrado como pesquisador arguto, na preservação da memória dos portugueses que tanto contribuíram para o engrandecimento do nosso Estado.

Como neto e filho de portugueses, registro, altamente sensibilizado, a eficiente criação do Museu da Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas, do Luso Sporting Club, do Centro Cultural Luso-Brasileiro do Amazonas, que, em prédio próprio, abriga os dois museus e o Consulado de Portugal.

De certa feita, fui honrado com o convite para prefaciар um livro de vossa autoria, e, naquele instante, como faço agora, reportei-me ao livro *Era dos Extremos - O breve século XX* - autêntica obra-prima da historiografia contemporânea e *best-seller* mundial do britânico Eric Hobsbawn - quando chama nossa atenção para aquela que é uma das maiores tragédias do final do século passado: a ausência de memória coletiva, primeiro passo para a perda da identidade histórica.

Já nas primeiras páginas de seu extraordinário trabalho, Hobsbawn afirma, não sem uma ponta de desalento e tristeza: "A destruição do passado - ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas - é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esqueceram, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio".

Na comprovação de Hobsbawn, fica a advertência de que, se nada fizermos para deter essa tendência ao presentismo absoluto, mais e mais aberto estará o caminho que leva à completa banalização da vida, à perda de valores e paradigmas que devem presidir a existência humana. Não é por outra razão que se pode definir o quadro histórico de nosso tempo como sendo o de uma monumental crise da Civilização, a se manifestar no individualismo sem limite, no sucesso a qualquer preço, no egoísmo cego que a tudo sobrepuja.

Num país como o nosso, tão jovem quando comparado a tantas e tantas nações multisseculares, muitas das quais sendo o prolongamento de culturas e civilizações milenares, a perda dessa memória pode ocorrer com facilidade ainda maior.

Por que faço esta advertência? Por ter examinado os passos da vossa caminhada, como historiador, e nela verificado o reconhecimento público que tendes merecido, consubstanciando em 26 condecorações, algumas do mais alto nível com o grau Grã-Cruz.

Por igual, pertenceis a instituições do mais elevado valor cultural, em número de dez, que vão do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas a presidente do Instituto Brasileiro de Antropologia da Amazônia.

Além disso, contaís com 20 livros publicados, 14 palestras proferidas, 27 cursos de extensão e 12 atividades complementares, o que, por si só, retratam, com fidelidade, a estrada percorrida.

No entanto, essas placas, condecorações, medalhas, nenhuma delas é tão significativa como o Colar Acadêmico que passareis a ostentar, prêmio da terra que vos serviu de berço e a quem atingiu o seu cume por valor próprio.

Quanto às vossas credenciais para compartilhades o convívio com os seus confrades Acadêmicos, nada melhor que o discurso de apresentação que há pouco pronunciastes. Vosso patrono – o consagrado Estelita Tapajós – assim como os vossos antecessores, Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro, Arthur César Ferreira Reis e Jauary Marinho, tiveram as suas vidas de escritor tão profundamente alinhadas, que nada mais me restou para prestar homenagem a quem tão bem dignificou este cenáculo.

Acadêmico Abrahim Sena Baze: sois descendente do libanês Akil Ayub Baze e, como tal, torna-se indispensável que o vosso antepassado seja lembrado, imigrante que aqui fincou as suas raízes e não lhe foi perguntado, como registrava o poeta Menotti del Picchia: “de que terras estranhas trazes o pó de tuas sandálias”?

Imagino o vosso pai, deixando para trás os vossos familiares, trazendo consigo a viuvez e um filho pequeno, o Amin, nascido naquele Líbano tão decantado, chegando ao Brasil, como simples imigrante, sem contar sequer com um parente próximo ou distante.

E o que terá sido a dificuldade maior? Por certo a de não falar ou conhecer o idioma local, albergado tão somente na confiança de superar as incertezas, driblar as incompreensões, enfim, vencer pelos seus méritos pessoais no país que elegera para lhe servir de pátria.

Aos poucos, ajudado por um conterrâneo que nele confiou – Abrahim Monassa – sobraçou o seu baú de mascate, indo de casa em casa, para terminar construindo a sua própria família, ao se casar, em segundas núpcias, com Jandira Sena Baze e de cujo enlace vieram os três filhos: Nilo, Ali e Abrahim, nome dado por vosso pai para homenagear o amigo que lhe estendera a mão. E foi nessa luta incessante, na bravura que demonstrou, que conseguiu o vosso pai transmitir aos seus descendentes o exemplo de coragem, intrepidez e gratidão.

E por terdes essa descendência, novel Acadêmico, não há momento mais oportuno de que, nesta noite, possa eu recordar a lenda que diz bem de vossa origem.

Conta lenda que um árabe muito rico cavalgava em suas terras quando deparou, à margem da estrada, com um ancião de longas barbas brancas, encurvado sob o peso dos anos, lavrando a terra, suor escorrendo pelo rosto. O potentado, impressionado com o que via, aproximou-se e indagou: “O que fazes, meu bom velho?”. E recebeu como resposta: Planto uma tamareira, meu senhor. Mas como, estranhou o potentado, e lhe perguntou qual era a sua idade. Cerca de cem invernos sulcaram minhas faces e encarquilharam minhas mãos, mas em meu coração viceja ainda o perfume das primaveras já vividas.

O potentado não se conteve e voltou a perguntar: – Não sabes, meu bom velho, que uma tamareira necessita de 25 anos para sua plenitude?

Sei sim, meu senhor, mas disso também sabiam os pais de nossos pais, que assim procederam para que os filhos de seus filhos pudessem, um dia, descansar à sua sombra e comerem de seus frutos. Assim, também procedo eu: planto esta tamareira para aqueles que me sucederem possam, no futuro, dela se beneficiar.

Vivamente impressionado, o potentado atirou-lhe algumas moedas de ouro. Ao apanhá-las, disse-lhe o velho: – Vede, meu bom senhor, nem bem terminei de plantar a tamareira e já começo a colher dos seus frutos.

Também vós, Acadêmico Baze, um dia plantastes a semente do vosso trabalho e, ao serdes recompensado, colocastes no mais alto do pedestal do vosso discurso de posse a vossa gratidão ao doutor Phelippe Daou.

Sim, profunda gratidão. É que a tendes como espécie de impressão digital que o tempo, as angústias, os sofrimentos, as decepções que tivestes no passado, jamais conseguirão removê-la no presente e no futuro.

Acerco-me do término desta saudação. Quero fazê-lo invocando as palavras do saudoso Acadêmico Oyama César Ituassú – meu professor – catedrático na nossa Faculdade de Direito – ao me saudar, quando aqui ingressei, no dia 9 de janeiro de 1983 – em solenidade como esta:

*Tendes uma estrada pontilhada de estrelas e na via látea do pensamento amazônico adquiristes direito a um lugar privilegiado, por vossos méritos e conduta intelectual. Receber-vos em nome da Academia é uma honra para mim e deixo nestas palavras de saudação a minha homenagem pessoal de excepcional carinho.* 65

Sede bem-vindo, Acadêmico Abrahim Sena Baze.

 BERNARDO CABRAL

## — Abertura

posse do acadêmico ROBERTO TADROS<sup>1</sup>

1. Cadeira nº 26, de Rui Barbosa, em 12 de outubro de 2010.

Cumpre a Academia Amazonense de Letras, nesta noite de festa e inteligência, o ritual de posse de um novo acadêmico. Vocacionado para as conquistas do espírito e comprometido com as causas mais nobres da sociedade, José Roberto Tadros chega a esta Casa com uma extensa folha de serviços prestados ao Amazonas e um cabedal intelectual forjado em sólida cultura humanista, atributos que, em 2006, levaram a Academia a conceder-lhe Medalha do Mérito Cultural Pericles Moraes em reconhecimento às ações permanentes de apoio à cultura e ao saber.

Tais qualidades, aliás, cedo o credenciaram como lídima liderança de importantes segmentos empresarias, com projeção nacional. Sua voz autorizada, prudente, lúcida e corajosa se tem feito ouvir e acatar em todas as instâncias e situações em que há sido requerida.

Exaltando-lhe os méritos, disse Márcio Souza ao prefaciar o livro *Da Razão e das Palavras*: “Os sonhadores mais ousados fazem previsões audaciosas sobre os desdobramentos da realidade do mundo, e quando algo acontece, acreditam que mudaram o mundo. Os homens práticos dão crédito apenas às mudanças que podem realizar, por menor que seja a mudança provocada no mundo. Roberto Tadros [...] mostra que é capaz de unir a ousadia dos sonhadores ao realismo da prática”.

Homem de pensamento e ação, José Roberto Tadros trará uma nova luz a incandescer a Cadeira 26, de Rui Babosa, perlustrada por Taumaturgo Vaz, Waldemar Pedrosa e Oyama Ituassú.

O eminente confrade Cláudio do Carmo Chaves dirá, em nome do Silogeu, dos merecimentos do novel acadêmico.

Está aberta esta Sessão Solene.

## — Discurso

*posse do acadêmico* ROBERTO TADROS

Ao assomar a este Silogeu, Casa Máxima da Cultura do Amazonas, por desígnio de Deus e decisão das Senhoras e Senhores Acadêmicos, sinto como um privilégio indescritível somente imaginável por aqueles que, como eu, tiveram a experiência uma vez na vida. Privilégio que ora vivo e sinto.

As Senhoras e os Senhores Acadêmicos que hoje compõem esta Casa do Saber e aqueles que nos antecederam à criação e manutenção desse marco de afirmação cultural desta terra. Mercê de todas as adversidades, de todas as vicissitudes, tempos outros muito mais duros e difíceis, quando o Amazonas não mais passava, e se muito, de apenas uma referência geográfica. Eles, que por aqui passaram, e os acadêmicos do presente, que hoje fazem a cultura acontecer, moldaram-na, dando eco aos nossos sentimentos, saídos dos mais profundos recônditos de suas almas e de suas reflexões, afirmaram a nossa brasilidade, a nossa cidadania, o nosso sentimento de homens livres e corajosos. Construtores de uma civilização no meio da selva, onde o sentimento iluminista está perfeitamente integrado a esta biota sem igual, e da qual todos nós somos beneficiários, e da forma mais justa, como preservadores dela. Antes, muito antes desses que hoje bradam querendo nos ditar normas das quais não precisamos. Esta foi e sempre será a nossa fonte de inspiração, e afirmação de nossa amazonidade.

Debruçado na janela da história, volvendo, pois, o olhar ao passado, na aurora da civilização, constatamos que no tempo do Egito dos faraós, efetivamente a primeira grande civilização, vemos, com admiração e respeito, aquela que seria a manifestação inicial de agregar homens cultos, de todos os campos da inteligência humana, pensadores, inventores, embalsamadores, arquitetos, matemáticos, construtores, astrônomos, astrólogos, poetas, cientistas, sacerdotes e

68 místicos. Todos reunidos para pensarem o mundo e os homens, na tentativa de, por um lado, se sobreporem às forças da natureza, por outro, potencializarem as forças do pensamento e da razão, e daí, de forma inexorável, partir para o processo civilizatório irreversível. Eu me refiro, Senhoras e Senhores, à “Casa de Sethi”.

Foi lá que o primeiro filósofo grego, de que se tem notícia, Tales de Mileto, esteve. Foi lá também que o “pai da história”, Heródoto, esteve. Foi lá que o maior conquistador da antiguidade e fundador do helenismo, o grego Alexandre, “O Grande”, construiu a maior biblioteca do mundo antigo, e que o fanatismo religioso destruiu, por obra do califa Omar. E foi lá, finalmente, um milênio depois da Casa de Sethi, que um jovem de espáduas largas, que viria a perpetuar a sua alcunha como símbolo máximo da cultura, de nome Aristocles, esteve. E talvez quem sabe inspirou-se, para criar e imortalizar aquilo que, hoje, reúne todos os sábios de todos os lugares, a Academia.

Refiro-me a Platão que, junto com o seu mestre Sócrates, por meio do diálogo, destruiu o pensamento sofista, e mais, junto com o seu discípulo Aristóteles, que a meu juízo foi o maior gênio universal, criador da lógica, da metafísica, da ética, analista profundo da política e suas derivações, desde a democracia, criada por seu povo, na forma mais pura, e as suas deturpações, demagogia e ditadura. Depois deles, nunca mais o mundo seria igual, nunca mais o pensamento seria difuso, nunca mais a política e as aspirações dos homens livres ficaram sem norte. Criou-se o pensamento ocidental, o nosso maior patrimônio, como homens civilizados.

Na Idade Média, o saber enclausurou-se nos mosteiros, e tudo que antecedia ao advento do cristianismo era considerado pagão e, por isso, abominável. Tudo o que se produzisse, teria de estar a serviço somente da religião. Mas veio o Renascimento, e com ele a pronunciada diferença com o Omar. Este queimou tudo, o cristianismo guardou tudo. Vivas aos papas! Vivas ao cristianismo! O mundo finalmente estava salvo pelo pensamento clássico, preservado pela religião que pregava o amor entre os semelhantes.

Foi na Idade Moderna, na França, no tempo de Luís XIII, sob os auspícios do cardeal de Richelieu, que fora restaurada, nos moldes que se conhece atualmente, a Academia Francesa de Letras.

A minha escolha para a recepção nesta Casa de luminares da cultura do Amazonas recaiu sobre os “umerus” do honrado, leal e querido amigo Cláudio do Carmo Chaves, que ocupa a Cadeira de número 14, herdeiro dos ensinamentos de Hermes e cumpridor fiel dos princípios de Hipócrates.

Quanto a nós aqui, digo-vos que a missão que me foi dada de presidir entidades empresariais, origem das atividades de meus antepassados, no alvorecer da economia deste vale, o faço não sem prejuízo do convívio da minha família e dos nossos negócios.

Mas confesso que a satisfação interior, que alenta e alimenta o meu espírito na colimação de objetivos dos mais edificantes, com estímulo ao hábito da leitura, as nossas expressões, na música, no teatro, na promoção da cultura, nas formas mais variadas, construindo histórias, criando universidades, estimulando e preservando o nosso folclore, as artes cênicas e todas as expressões culturais das mais arraigadas, são mecanismos de manter viva as nossas tradições, perpetuando a nossa raça amazônica e nossa cidadania.

Sinto-me orgulhoso, Senhoras e Senhores Acadêmicos, em passar a ocupar a Cadeira de número 26, que hoje me cedeis, a qual tem como patrono a figura insigne do maior jurista brasileiro de todos os tempos: Rui Barbosa.

Como discorrer em breves palavras acerca da trajetória do jurista, filólogo, político militante, estadista, educacionista, reformista, do chamado Águia da Conferência de Haia, como foi Rui Barbosa, restamos a grande e assustadora responsabilidade de tomar posse na cadeira patroneada por um lúdimo intelectual que “estremeceu a justiça; viveu no trabalho; e não perdeu o ideal”.

Inspirado nessa frase de Rui Barbosa, ousou timidamente mencionar um pouco da biografia de Rui. Nascido em 1849, na Bahia, Rui Barbosa de Oliveira era filho do médico João José Barbosa de Oliveira e de D. Maria Adélia Barbosa de Almeida. Estudou no Ginásio Baiano de Abílio César Borges, futuro barão de Macaúbas. Tãmanha era sua desenvoltura e habilidade para o mundo dos conhecimentos e das letras que fez o mestre declarar a seu pai, João Barbosa: “Seu filho nada mais tem a aprender comigo”. Ali, viveu a maior emoção de toda a sua vida, ao receber a medalha de ouro do arcebispo da Bahia.

Diplomado em Ciências Jurídicas e Sociais em 1870, pela Academia de Direito de São Paulo, retornou à sua cidade natal, onde instalou seu escritório de advocacia, ao mesmo tempo em que ingressa na política, filiando-se ao Partido Liberal. Apoiou o movimento republicano e teve grande participação no processo da Proclamação da República, que ocorreu em 15 de novembro de 1889.

Tornou-se o primeiro ministro da Fazenda da história do Brasil República. Dotado de vasta erudição, excelente orador e exímio conhecedor da língua portuguesa, foi nomeado presidente da Academia Brasileira de Letras, em substituição a Machado de Assis.

Foi embaixador do Brasil na Conferência de Haia, representado a Nação com grande mérito e destaque, na qual lhe foi concedida a alcunha de “Águia de Haia”.

Foi também um brilhante escritor, pois enriqueceu a Língua Portuguesa, pela palavra falada e pela escrita, com as mais belas obras de artes, deixando publicados aproximadamente trezentos volumes. Dentre suas obras mais importantes, podemos citar: *O Papa e o Concílio*, *Habeas Corpus*, *Cartas da Inglaterra*, entre outras.

Homenageado em vida, foi nomeado juiz da Corte Internacional de Haia, um cargo de enorme prestígio.

Aos 73 anos, faleceu em 1º de março de 1923, em Petrópolis, Rio de Janeiro, registrando suas últimas palavras: *Deus, tende compaixão de meus padecimentos*.

Diz a rigidez do protocolo desta Casa que deveria me ater apenas às biografias do patrono da cadeira e de seu último ocupante, contudo perdoe-me, Senhor Presidente, Senhoras e Senhores, prefiro ser errático do que herético, pois não poderia ouvidar a figura ímpar das Ciências Jurídicas e da política amazonense praticante, na sua forma mais pura preconizada pelo sábio de Estagira (Aristóteles). Eu me refiro ao ministro e escritor Waldemar Pedrosa, personalidade que jamais poderá ser esquecida, se não com o empobrecimento da proibidade e das letras jurídicas do Amazonas. Esta Casa é um lugar de palavras em construção que não se vivenciam sem a memória preservada. Se deturparmos ou tentarmos encobrir a vida daqueles que honraram a nossa comunidade, corremos o risco de cometer a injustiça histórica de tirar-lhes a vida mais uma vez. O que por certo não merecem, dada

a luta que empreenderam para nos deixar um terreno aplainado para novas realizações coletivas. 71

Quando o trabalho for em prol do bem comum será impossível eliminar da nossa memória alguém que fez história. Sempre haverá quem irá lembrá-lo! Clio, deusa grega da História, os trará pelas mãos para voltarem a caminhar na estrada do tempo.

O saudoso Acadêmico Oyama Ituassú, a quem tenho a honra de suceder, meu professor e amigo, tive a fortuna de ser seu aluno na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas, nas cadeiras de Teoria Geral do Estado e Direito Internacional Público, e efetivamente suas aulas eram verdadeiramente conferências, ninguém as faltava, ousou dizer, que ponho em dúvida, se alguém sequer respirava, tal o cuidado para não interromper os seus ensinamentos e as figuras que surgiam no nosso imaginário, as tertúlias na defesa do direito entre uma e outra refrega, no conflito entre Estados nacionais soberanos.

O doutor em Direito Público Oyama César Ituassú da Silva nasceu em Manaus em 21 de setembro de 1916, filho de César Ituassú da Silva e Eufrozina Ituassú da Silva. Podemos nomear suas atividades como advogado, magistrado, professor, escritor, juiz de direito, desembargador, presidente do Tribunal de Justiça do Amazonas, do Tribunal Regional Eleitoral e conselheiro da Associação dos Escritores do Amazonas.

Esta Academia do conhecimento teve no seu convívio durante 42 anos o Acadêmico Oyama Ituassú, que nos deixou aos 93 anos, no dia 7 de novembro de 2009.

Foram cinco anos como presidente deste Sodalício amazonense das letras, condecorado com a Cruz do Mérito Judiciário, Medalha Marechal Hermes e Mérito Educacional, e dentre as diversas obras do nosso saudoso professor, citamos *Aspectos de Direito*; *A Luta pela Formação de uma Consciência Nacional*; *A Guerra e a Segurança Coletiva*; *A Cultura a Serviço da Comunidade*, dentre outras.

Teríamos muito mais a dizer do grande jurista, mas esse vultoso intelectual, que perpassou o tempo e perpetuou o seu talento como professor e magistrado, dispensa mais loas, porque em vida ele foi alvo de todas elas.

Finalmente, Senhoras e Senhores Acadêmicos, recebam-me nesta Casa de Adriano Jorge, de Péricles de Moraes, de Álvaro Maia e de todos

72 os que têm contribuído para a imortalização do pensamento no Amazonas, legado que hoje vos pertence, para que eu tateie as dependências deste vestuso Sodalício, morada dos deuses do Olímpio que povoa o meu imaginário juvenil, impregnada de eternidade e sabedoria.

Cedam-me um pouco de vossos brilhos, para iluminar o meu caminho, de forma intensa e generosa nesta hora em que me é concedida a imortalidade simbólica.

Que Deus abençoe a todos nós. Obrigado.

§ ROBERTO TADROS

## — Saudação

posse do acadêmico ROBERTO TADROS

*Roberto Tadros, assimilando e seguindo as lições dos seus queridos ascendentes, é um guerreiro que luta, incansavelmente, pelo futuro do Amazonas...*

Este pequeno trecho que integra o prefácio de Bernardo Cabral, no livro *Ideias Confessadas*, do novel Acadêmico que esta Casa hoje recebe, bem traduz o seu perfil.

As sagradas escrituras, em Eclesiastes 3, nos ensinam que:

*Há tempo... tempo para tudo  
Tudo neste mundo tem seu tempo;  
Cada coisa tem sua ocasião.  
Há um tempo de nascer e tempo de morrer;  
Tempo de plantar e tempo de colher;  
Tempo de curar;  
Tempo de construir;  
Tempo de se alegrar:  
Tempo de abraçar  
Tempo de falar.  
Há tempo de amar.*

Senhor José Roberto Tadros, chegou o vosso tempo de adentrar aos umbrais da Casa dos Homens de Letras de nossa terra para engrandecer, ainda mais, a arte de imortalizar o pensamento da literatura amazônica.

Deus não escolhe os premiados e sim premia os escolhidos!

Senhor Presidente, Professor Doutor e Acadêmico José dos Santos Pereira Braga, Acadêmicos Robério Braga – Ex-Presidente desta Casa e representante nesta solenidade de Sua Excelência o Governador Omar Aziz –, Acadêmico Almir Diniz – Secretário desta Academia de Letras

74 –, Senador Jefferson Praia, Desembargador do Trabalho Eduardo Penna Ribeiro, demais autoridades presentes, Senhoras Acadêmicas, Senhores Acadêmicos, Senhoras e Senhores.

As solenidades acadêmicas, desde 1673, na Academia Francesa, trinta e três anos após a sua fundação, com o discurso de Esprit Fléchier – o bispo de Nîmes –, passaram a incluir, compulsoriamente, na sua ritualística, falas nas efemérides quando sagram mais um novo membro.

Na Academia Brasileira de Letras, em 1898, um ano após a sua instalação, o discurso memorável de José Veríssimo recebendo Andrade Fernandes estabeleceu essa práxis no seu ritual.

Isso serviu de modelo para todas as Academias Brasileiras, e sendo a Academia Amazonense de Letras umas das instituições mais antigas do Brasil desse gênero, essa prática está sempre presente em suas cerimônias de posses de titulares.

A saudação não pode ser curta com grandes riscos de levar o orador a cometer omissões imperdoáveis e nem tampouco longa a ponto de ter a pretensão de esgotar o assunto, e, com isso, levar a assistência à fadiga mental.

A generosidade do novel Acadêmico entendeu por bem confiar essa tarefa ao mais modesto dos seus pares, ou seja, para o orador que vos fala.

Vejam, Senhoras e Senhores, quanta responsabilidade!

Hoje, sábado, 11 de dezembro de 2010, sob a inspiração do signo de Sagitário regido por Júpiter, e dia dedicado a São Dâmaso I – exemplo de fidelidade ao Catolicismo –, em sessão solene, a Academia Amazonense de Letras reúne-se para sagrar mais um novo imortal.

Início esta alocução fazendo minhas palavras de Josué Montello ao receber na Academia Brasileira de Letras o ministro Cândido Motta Filho: *Chegais a esta Casa, com a vida inteiramente realizada – na ordem particular, na ordem pública e na ordem literária. Para que a nossa porta vos abra, não era de mau aviso deixar que o destino dispusesse os lances de seu jogo, até que vos soasse a hora propícia – aquela em que os fatos acontecem, dando-nos a sensação de que os nossos desejos também amadurecem e caem no momento preciso.*

A partir de agora, a Casa de Adriano Jorge passa ter o seu novo ocupante da Cadeira de nº 26, antiga nº 7: o amazonense José Roberto Tadros – advogado, ensaísta, líder empresarial, cidadão.

Instalada a Academia Amazonense de Letras em 1º de janeiro de 1918, sob a presidência de Adriano Jorge, originalmente denominada Sociedade Amazonense de Homens de Letras, o primeiro ocupante de sua Cadeira de nº 7, advogado, jornalista e poeta lírico, o piauiense Thaumaturgo Vaz, que em Manaus ocupou diversas funções públicas e produziu o hino de nossa cidade, escolheu para patrono o poeta parnasiano e magistrado com passagens pelos fóruns do Rio de Janeiro e Minas Gerais, o maranhense Raimundo Correia.

Com a vacância, pelo falecimento do seu fundador, ocorrido em 19 de maio de 1921, essa poltrona passou a ser ocupada, mais tarde, ainda na presidência de Adriano Jorge, pelo professor, advogado, homem público e magistrado, o amazonense Waldemar Pedrosa, que foi recebido por Antônio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto. Ele exerceu as funções de senador da República e ministro do Superior Tribunal do Trabalho, e foi também um dos presidentes desta Academia de Letras.

Durante o assento de Waldemar Pedrosa, essa cadeira, num novo ordenamento numérico e de patronos, passou a ser a de nº 26, recebendo o patronato de Rui Barbosa.

Com o falecimento de Waldemar Pedrosa, em 14 de junho de 1967, esta Academia, sob o comando de João Mendonça de Souza, elegeu para substituí-lo, em 23 de outubro desse corrente ano, o também amazonense de Manaus, advogado, professor e magistrado Oyama César Ituassú da Silva, o qual assumiu no dia 12 de dezembro desse mesmo ano, recebendo a saudação erudita de Mithridates Corrêa.

O Acadêmico Oyama Ituassú foi um dos presidentes desta Casa por três mandatos consecutivos e um dos grandes protagonistas da imortalização do pensamento das letras jurídicas na Casa de Péricles de Moraes.

Com o encantamento de Oyama, ocorrido em 7 de novembro de 2009, este Silogeu escolheu como seu sucessor, em 18 de novembro de 2010, o também escritor amazonense, advogado e empresário José Roberto Tadros, no certame com o não menos ilustre advogado, professor e magistrado Isaac Sabbá Guimarães, o que muito engrandeceu a tertúlia.

José Roberto Tadros nasceu em Manaus a 28 de novembro de 1945. Ele é filho da veneranda senhora Maria Sant'ana Pires Tadros e do saudoso empresário senhor Davi José Tadros, e irmão de Paulo, Luís e Mário.

Com a professora Vânia Maria Tereza Nóvoa Tadros, sua esposa, companheira e consorte de mais de oito lustros, constituiu exemplar família, como dão prova os seus filhos José Roberto Tadros Júnior, Trícia Thereza Tadros Pinho, ambos administradores, e David José Nóvoa Tadros, advogado, e o rosário representado pelos seus netos Beatriz Tadros Pinho, Luiz Eduardo Tadros Pinho e Maria Bolognese Nóvoa Tadros.

Roberto Tadros é advogado, egresso da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas (turma de 1971), cônsul honorário da Grécia em Manaus, professor de História Universal e Sociologia, e líder empresarial onde pontua como presidente da Fecomércio do Amazonas e primeiro vice-presidente da Confederação Nacional do Comércio.

Empresário de sucesso comprovado, com a *holding* de suas oito empresas estabelecidas, é descendente de uma família de comerciantes dos mais tradicionais do Amazonas, firma Tadros & CIA., implantada em 1874 pelo seu bisavô, o beduíno misto de grego e árabe, Sr. David Tadros, idealista que na condição de imigrante escolheu a Amazônia para viver, trabalhar e constituir família.

Tem no seu currículo registrado o recebimento de insígnias no Brasil e no exterior, inclusive a Medalha Péricles de Moraes, desta Academia, pelo mecenato em prol da literatura amazonense, e afiliação em dezenas de associações de classes e entidades culturais.

A sequência me leva a destacar o escritor, de agora em diante, ocupante da Cadeira nº 26, com as obras de sua lavra *Incentivos Fiscais para o Progresso do Amazonas*; *Da Razão e das Palavras*; *Marco para Novas Gerações e Ideias Confessadas*, as quais reúnem, em formas de páginas recolhidas, alguns dos muitos dos seus artigos e conferências proferidas, todos focados para o desenvolvimento com sustentabilidade racional da Amazônia.

Identifico pontos de convergências marcantes do novel Acadêmico com os que integraram a poltrona que ele passa a ter assento, desde os patronos a todos os seus ex-ocupantes e, respectivamente, os que fizeram discursos de recepção.

Como se pode observar, essa cadeira tem em toda sua existência a marca de personalidades das letras jurídicas – Thaumaturgo Vaz, Raimundo Correia, Waldemar Pedrosa, Sá Peixoto, Rui Barbosa, Oyama Ituassú e Mithridates Corrêa.

Por conseguinte, ninguém melhor seria para fazer esta saudação do que o confrade José Bernardo Cabral – figura estelar da vida pública brasileira e uma das inteligências mais lúcidas do Brasil –, o qual, com certeza, sugeriu a Roberto Tadros que o discurso de recepção fosse feito por aquele que no seu entendimento tivesse sido o patrocinador, de primeira hora, de sua candidatura a esta Academia.

Portanto, diante dessa responsabilidade, sinto-me neste momento invocando a figura do professor Reinaldo Porchat, quando da difícil tarefa de saudar os formandos da Faculdade de Direito de São Paulo (turma de 1920), em nome de Rui Barbosa, aos quais esse grande brasileiro da História lhes dedicou a sua obra magistral expressa no memorável discurso *Oração aos Moços*.

Entendo que a entrada de Tadros na Academia Amazonense de Letras é o preenchimento da lacuna nas letras aplicadas às atividades econômicas deixada pelos saudos Samuel Benchimol e Waldemar Baptista de Salles, dentre outros.

É também a chegada de mais uma personalidade de respeito e tradição da terra de Ajuricaba, representada num homem cuja trajetória de vida tem sido marcada pelo bom caráter e pela grandeza de suas ações.

Enfim, é o ingresso de um homem reto e superior.

Nesta Casa de Letras, que é a maior expressão da cultura intelectual do Estado do Amazonas e representa a mentalidade amazonense, que agora passais a integrar, ninguém nela tem adentrado, ao longo dos seus mais de noventa anos de existência, apenas pelo prestígio, mas pelo conceito construído no correr da vida.

E se vós para cá fostes escolhidos é porque a vossa simplicidade e o vosso mérito intelectual vos credencia a merecer essa distinção.

Tenho certeza de que a vossa trajetória nesta Academia será a continuidade e a ratificação da vossa vida de sucesso, a exemplo de todas as empreitadas a que tendes vos colocado a serviço.

78 Sede bem-vindo a esta Casa, caro confrade, de agora em diante a Poltrona de nº 26 é efetivamente vossa, ocupe-a e engrandeça-a, ainda mais, na certeza de que as vibrações de Oyama Ituassú, Mithridates Corrêa, Waldemar Pedrosa, Sá Peixoto, Thaumaturgo Vaz, Raimundo Correia e Rui Barbosa estarão permanentemente ao vosso lado para apoiá-lo e encorajá-lo.

Que o vosso amanhã cheio de promessas também nesta Casa se realize, é o que vos desejo.

Os pares desta Academia de Letras estavam, há muito, à vossa espera.

A imortalidade acadêmica agora é também realidade em vossa vida.

Que Deus na sua infinita bondade continue a manter sob a Sua Proteção e sob a Sua Guarda a Academia Amazonense de Letras.

As palmas que ides ouvir, inclusive as minhas, Acadêmico José Roberto Tadros, ratificam esse sentimento.

✶ CLÁUDIO CHAVES

## — Abertura

*posse da acadêmica MAZÉ MOURÃO<sup>1</sup>*

A Academia Amazonense de Letras celebra a abertura do Ano Acadêmico de 2011 enriquecida com as letras que nos vem ofertar a jornalista e escritora Maria José Mourão Gomes – Mazé Mourão, presença assídua e marcante na imprensa de Manaus, há mais de dez anos assinando crônicas e páginas diárias noticiosas e culturais.

Não faz parte da tradição acadêmica mais antiga a presença da mulher no cenáculo das letras. Modelo e inspiração das congêneres em todo o país, a Academia Brasileira, moldada no modelo francês e fundada em 1897, somente ultrapassaria essa barreira cultural oitenta anos depois ao eleger Rachel de Queiroz em 1977. E foram apenas seis, em cento e quatorze anos de vida da mais prestigiosa instituição cultural do país, as escritoras alcançarem a consagrada imortalidade na Casa de Machado de Assis.

O Amazonas antecipou-se em vinte e oito anos ao feito da Academia Brasileira. Criada em 1918, a Academia Amazonense de Letras daria assento à poetisa Violeta Branca Menescal Vasconcelos de Oliveira trinta e um anos depois, em abril de 1949. Não obstante a avançada decisão, foram necessários quarenta e cinco anos de vida acadêmica após o ingresso de Violeta Branca para que outras mulheres ultrapassassem os umbrais da Casa de Adriano Jorge. Em 1993 foi eleita Rosa Mendonça de Brito, empossada no ano seguinte, e em 1994, eleita e empossada Carmen Novoa Silva.

Quase um século de história, quarenta espaldares, mais de duzentos escritores, apenas três mulheres a ocupar as poltronas azuis deste salão. Peço à confreira Rosa Brito, filósofa e ensaísta, palavras da sua posse na Cadeira de Adriano Jorge na memorável noite de 18 de novembro de 1994: “Fez silêncio esta Casa à obra de outras merecidas in-

<sup>1</sup> Cadeira nº 28, de Aníbal Teófilo, em 15 de março de 2011.

80 teligências? Deixaram-se as mulheres reprimir pelo determinismo cultural? Ou terá sido o recolhimento em que muitas se acomodam?”.

Mazé Mourão ocupará a Cadeira 28, de Aníbal Teófilo, que Violeta Branca ilustrou por mais de sete décadas, sucedida pelo poeta Anibal Beça, falecido em agosto de 2009.

A posse da jornalista Maria José Mourão Gomes dá-se afortunadamente no mês de março, cujo calendário registra o Dia Internacional da Mulher, e justo no ano em que uma ilustre brasileira alcança a mais alta magistratura do país. Coincidência ou não, a proximidade do Dia 8 de março, o fato político transcendente e este ritual de posse da novel Acadêmica são fatos afirmativos da luta persistente e vitoriosa da mulher pela igualdade de direitos e oportunidades entre gêneros na obra interminável de construção do mundo e da vida.

Festejemos, pois, com redobrada alegria este momento de luz, de beleza e de esperança, recebendo para o convívio acadêmico e a persistente vigília das letras a escritora Mazé Mourão.

O confrade Tenório Telles dirá, da tribuna acadêmica, o significado desta hora.

Saudando a todos e a todos agradecendo o prestígio de suas honrosas presenças, declaro aberta esta Sessão Solene.

✶ JOSÉ BRAGA

## — Discurso

posse da acadêmica MAZÉ MOURÃO

Busquei várias palavras para iniciar o meu discurso de posse, mas por prazer ou gosto, vou falar como se estivesse escrevendo uma crônica, estilo literário que consigo dominar! O patrono da Cadeira de número 28, que ora vou ocupar, Aníbal Teófilo, nasceu em Assuncion, mas foi registrado na cidade de Humaitá, no Rio Grande do Sul.

Irreverente, sensível, conseguia se relacionar com todos os segmentos da literatura brasileira e quando chegou em Manaus, no fausto ciclo da borracha, conquistou os escritores amazonenses daquela época como Péricles de Moraes.

Foi autor de uma obra raríssima, *Rimas*. Editado em 1911, em Lisboa, Portugal. Mas seria uma injustiça literária não citar o seu poema mais famoso, “A Cegonha”, citado em confidências literárias de Péricles de Moraes.

Teófilo possuía particularidades poéticas e humanas dignas de citações. Por exemplo, era considerado por seus confrades e amigos, entre eles Olavo Bilac, Albino Sampaio e Coelho Neto, um poeta clássico da *belle époque* amazonense.

Homem inteligente, sagaz, divertido e que, mesmo depois de ser acometido de uma terrível malária, adquirida no interior amazônico, retornou, já recuperado, ao vale amazônico para ensinar taboada e o ABC aos nossos curumins e cunhantãs.

Considerado um incorrigível galã, chamado, inclusive, de “Poeta das Musas”, quando Aníbal Teófilo postava os olhos em belas mulheres, comumente conquistava-lhes a admiração.

Por causa dessas olhadelas encantadoras, mas perigosas, Teófilo foi assassinado, na saída de um sarau lítero-musical, no *hall* do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro. Reza a lenda, porém, que havia uma

82 antiga rixa entre Aníbal e seu algoz, o escritor Gilberto Amado. A verdadeira história é uma incógnita!

Em sua lápide está escrito o soneto “Palavras de um forte”, de sua autoria, ditado a J. Falcão, em seu leito da morte, e que o publicou numa revista carioca.

Não quero terminar dessa forma a genialidade intelectual do poeta. Tornou-se inesquecível e digno de mencionar um passeio que Teófilo fez com o escritor Martins Fontes. Durante a caminhada, vislumbra-ram uma velha mangueira que, de seu caule, escorria seiva, contudo, com o reflexo do sol, dava a sensação de um arco-íris bailando, ao sabor do vento.

Diante de tal tocante visão, os dois amigos, deslumbrados, pararam. E, antes que Martins Fontes explodisse em adjetivos, o gênio criativo sussurrou: “Silêncio. A árvore sonha. Chora, sonhando!”.

Além do patrono Aníbal Teófilo, cito, neste momento, a poeta amazonense Violeta Branca, primeira mulher a ingressar na Academia Amazonense de Letras, com 22 anos. Ela também ocupou a Cadeira de número 28.

Violeta é detentora de versos fortes, vibrantes, com características contemporâneas para sua época, anos 30, de uma Manaus extremamente provinciana. Seus versos ilustram a alma e a ânsia femininas. Por esse motivo foi considerada, por escritores como Márcio Souza e Tenório Telles, a precursora do modernismo baré.

Violeta publicou dois livros: *Ritmos de inquieta alegria* e *Reencontro*. Do primeiro, retirei o “Poema das tuas mãos” para ilustrar um dos traços marcantes da jovem poeta – o sensualismo:

*As tuas mãos nervosas, quentes, largas  
Arpejam nos meus sentidos  
A música ideal da emoção.*

*Para os teus dedos criadores  
Sou o piano mágico vibrando  
Ao influxo de sua ardente inquietação.*

Tuas mãos frementes,  
 Arrancam angústias sonorizadas  
 De meus nervos,  
 Que se retesam como cordas harmoniosas.

Tuas mãos imperiosas,  
 Tuas mãos rebeldes,  
 Cantam silenciosas aleluias de gestos,  
 Quando compõem poemas de volúpia,  
 Gritos incontidos de alegria pagã,  
 Correndo ligeiras  
 Leves  
 Torturantes,  
 No teclado branco de meu corpo...

E, agora, falemos sobre o Acadêmico a que estou suscedendo, Anibal Beça. Poeta amazonense que conheci como companheiro de muitas alegrias, gargalhadas e picardias.

Traz em seus haicais, músicas e poemas a fortaleza de um lirismo poético, conciso, enxuto, que traduzem toda a sua vitalidade intelectual ao retratar o Amazonas, o amor pelos nossos rios, a paixão pelas nossas iguarias, os amores entre homens e mulheres. Como dizem os jornalistas de hoje, 'o jeito Anibal a Beça de ser'.

A obra de Anibal Beça é um marco na produção poética amazonense e brasileira no final do século.

Com sua tão conhecida irreverência, foi o ponto de fratura com a produção de autores ligados ao Clube da Madrugada, inaugurando um novo momento, denominado de Pós-Madrugada.

Editou seis livros, escreveu peças de teatro e, de sua antologia, retiro três versos do poema "Coplas de Virgo", do livro *Itinerário poético da noite desmedida à minha fratura*. Vamos observar o mesmo sensualismo encontrado nos escritos de Aníbal Teófilo e de Violeta Branca:

*Há um cheiro de angústia nos teus olhos  
 Amputado no meio desta sala*

*E este mistério basta-se em silêncio  
 Apascentando os demos desta noite*

...

*Ah, a duração do gozo interminável  
 Onde o tempo é objeto sem valor  
 Pois o moto maior de todo amante  
 É um antigo relógio sem ponteiros*

...

*Ah, o lobo da memória me assaltando  
 A devorar auroras e crepúsculos  
 Mas me salva este mar da lua espelho  
 Onde liberto sou e recomeço!*

Por todos esses motivos aqui expostos, foi que solicitei, sim, solicitei ao Doutor José dos Santos Pereira Braga, Excelentíssimo Presidente desta Casa, que a minha candidatura fosse para ocupar a Cadeira 28 por sentir que Aníbal Teófilo, Violeta Branca e Aníbal Beça possuem lampejos transgressores de identidade literária com esta que vos fala.

Senhoras e Senhores, sob o signo de Áries, às 10 horas e 40 minutos do dia seis de abril do ano cristão de mil novecentos e cinquenta e três, nasci do bendito ventre da professora e mulher admirável Leonor Santiago.

No meu gens, trago com orgulho inabalável a retidão de caráter de meu pai, Fueth Paulo Mourão. Com eles aprendi que SER é infinitamente melhor que TER. Cresci vendo o casal fazendo da profissão de ensinar, tal qual Aníbal Teófilo, um sacerdócio.

Além da ética, cultivada no seio familiar, meus pais mostravam e demonstravam que somente o SABER dignifica, liberta o pensamento e solta as amarras da ignorância.

Algumas vezes, pelas mãos do professor Mourão estive, ainda uma menina, na Casa de Adriano Jorge, e pensava sonhando: "O meu lugar é aqui!".

Trabalhei arduamente para que esse sonho se concretizasse.

O que estou vivenciando, neste momento, vale mais que qualquer fortuna material.

Ingressar na Academia Amazonense de Letras considero uma fortuna intelectual que sempre busquei na minha vida profissional.

Do discurso de posse de Anibal Beça, pincei dois pontos de vista divergentes que ora citarei, pois, pelo andar da carruagem amazonense, suponho que Anibal ouviu comentários exatamente como estou a ouvir ao ser eleita para fazer parte desta Casa.

Diz o primeiro: "Não é difícil de se ouvir a voz que se espalha pelas ruas, de quem está longe da Academia, de quem não a conhece bem, atribuir-lhe um valor sobrenatural, como se estando nela o escritor estivesse acima do bem e do mal, estando, por isso, consagrado como o melhor".

Diz Anibal no segundo comentário: "Há, também, vozes amargas, de críticos discordantes, invocando uma proximidade, muitas vezes não existente, que asseguram 'que a coisa não é bem assim', de que o valor literário não conta e, sim, o relacionamento que a pessoa tiver com os Acadêmicos".

E Anibal Beça complementa: "Como se vê, são pontos de vista diversos e polêmicos, que passam a ser comuns a todos que conseguem cruzar o umbral da Academia".

Faço minhas as palavras de Anibal e, a partir de agora, me incluo e convido as Senhoras Acadêmicas, Senhores Acadêmicos, em nome da convivência democrática, a colocar sobre a mesa esta boa discussão.

Afinal, estarei entre homens e mulheres de notório saber para aprender a cada dia, com cada um deles, viajar por meios dos livros e conhecer novos mundos literários.

Senhoras e Senhores, isso não tem preço.

Por fim, mas tão importante quanto toda esta minha fala, vou aos agradecimentos.

Em primeiro lugar, a Deus, que segura firme nas minhas mãos e mostra que sempre há uma luz no fim do túnel!

Obrigada aos meus filhos, minha família, meus amigos queridos, colegas de trabalho que sempre me incentivaram a buscar e realizar o sonho sonhado.

Muito obrigada aos Acadêmicos que votaram para me eleger, entre eles o saudoso Demosthenes Carminé. Tenham a absoluta certeza de que tudo farei para dignificar cada voto recebido.

86 Agradeço ao Presidente José Braga, por incentivar, sem nenhum preconceito, o ingresso de mais uma mulher para compor a plêiade estelar da intelectualidade amazonense.

E, ao mesmo tempo, é necessário mencionar que José Braga está realizando ações que abrem as portas da Academia Amazonense de Letras para o povo de Manaus.

Agradeço ao escritor Tenório Telles, pela paciência em mostrar-me como caminhar pelas trilhas, algumas vezes tortuosas, do saber. Creia, mestre Tenório, um dia eu aprendo!

Obrigada ao Acadêmico Robério Braga, por seus telefonemas, nas manhãs de sábado, ora informando da sua crônica sobre o patrono Aníbal Teófilo para ser fonte de pesquisa, ora por ver o tempo esvaindo-se e este discurso ainda por fazer.

Mas, creiam, por formação, sou repórter com todas as manias que a profissão apresenta.

Só consigo escrever aos quarenta e cinco minutos do segundo tempo, com o sofrimento de um escritor que fica a olhar, por dias, semanas, a página em branco e, quando baixa a escrita, já está na hora do fechamento do jornal ou do livro ir para o prelo.

Mas, Senhoras e Senhores, consegui!

E assim fez-se e cumpre-se uma etapa do meu destino.

Da minha história.

A todos, minha gratidão!

✎ MAZÉ MOURÃO

## — Saudação

*posse da acadêmica MAZÉ MOURÃO*

*Deus quer, o homem sonha, a obra nasce*

A vida só é possível porque foi dado ao ser humano aquele que talvez seja o atributo que melhor lhe caracteriza o ser: Sonhar. E por isso foi capaz de resistir às intempéries, à opressão e ao absurdo das guerras e da violência. Pelo sonho e necessidade de se afirmar em meio às incertezas do mundo, construiu a civilização. E fez-se...

O verso de Fernando Pessoa, que abre esta saudação, é mais que uma metáfora... É uma expressão da verdade da nossa condição nessa aventura pela incerta geografia da existência. Para o bardo português não há vida, não há obra sem o sonho e sem os ventos favoráveis da providência. Às vezes desejamos, às vezes sonhamos – mas a graça não nos socorre em nossas aspirações. Resta-nos o desafio cotidiano e permanente de vencer as incertezas da sorte e trabalhar para que a vida e suas sementes sejam. Pessoa, mais que poeta, um sábio, soube desvelar esse sentido primordial de nosso existir. Talvez por isso tenha afirmado: “Viver não é necessário; o que é necessário é criar”.

Caros confrades, Senhoras, Senhores, com estas palavras e a sabedoria poética de Fernando Pessoa eu os saúdo nesta noite singular, em que recebemos nesta Casa, consagrada à palavra e à beleza, sua mais nova integrante. Disse “singular” e não “especial”. E o faço por compreender que os eventos deste Silogeu têm um significado não só cultural, mas simbólico: estar juntos em torno do conhecimento e da preservação de nossos mais caros valores é uma reatualização do ritual mágico dos nossos ancestrais mais longínquos – quando se reuniam, em torno da fogueira, para celebrar a vida e suas crenças, e rememorar seus feitos, sua história e, dessa forma, mantendo viva a memória e a tradição.

O fogo que nos une é o fogo do saber... a magia que nos encanta e nos mantém vivos e esperançosos – é o poder luminoso e transformador das palavras. A linguagem é o que nos define como seres humanos. Sem ela não seríamos e não poderíamos exercitar a experiência fascinante e construtiva do convívio e da partilha. Sem ela não haveria a arte, a ciência, a política... Não haveria a cultura.

Pela palavra e seu poder de ser que estamos aqui. Reunidos para celebrar a chegada de uma mulher que consagra sua vida profissional ao cultivo do verbo – e o faz para servir à sua missão e à sociedade. A partir deste momento, incorpora-se à Casa de Péricles de Moraes e Adriano Jorge, passando a partilhar conosco a responsabilidade de trabalhar pelo enriquecimento de nosso patrimônio cultural e pelo fortalecimento de nossas tradições artísticas e do idioma pátrio.

Escritora Mazé Mourão, a mim foi atribuída a responsabilidade de recebê-la neste momento que não só marca a sua chegada, mas o acolhimento e seu batismo como a mais nova iniciada nos ritos e responsabilidades da vida acadêmica. Sei do significado que este momento representa para a sua história e espero que ele represente um sopro de entusiasmo para que possas continuar realizando a sua obra e trabalhando a favor da cultura e da informação imparcial de seus leitores.

Além da saudação formal, que o faço investido por designação do Presidente de nossa Academia, socorro-me da poesia para celebrá-la. E, assim, aproveito as linhas dos versos da poetisa Cora Coralina para tecer as malhas de meu discurso, enriquecendo-o de luz, beleza e humanidade. Mulher curtida pelo trabalho e pelos sofrimentos, mas sustentada pela vontade inquebrantável de aprender e fazer de sua existência um testemunho a favor do bem e dos menos afortunados pela sorte, Cora legou à literatura brasileira uma obra poética vigorosa, verdadeira e humana. Escritora Mazé Mourão, com a poesia, feita de sangue, sonho e esperança, desta mulher da terra, agricultora e doceira, dos sertões de Goiás, recebo-a, em nome de meus pares:

*Eu sou aquela mulher  
A quem o tempo  
muito ensinou.  
Ensinou a amar a vida.*

*Não desistir da luta.*

*Recomeçar na derrota.*

*Renunciar a palavras e pensamentos negativos.*

*Acreditar nos valores humanos.*

*Ser otimista.*

*(...)*

*Acredito nos moços.*

*Exalto sua confiança,  
generosidade e idealismo.*

*Creio nos milagres da ciência  
e na descoberta de uma profilaxia  
futura dos erros e violências do presente.*

*Aprendi que mais vale lutar  
do que recolher dinheiro fácil.*

*Antes acreditar do que duvidar.*

*{ Ofertas de Aninha – Aos moços }*

Meus Senhores, minhas Senhoras, esta celebração tem outro significado que não poderia deixar de registrar. As atividades intelectuais, pelas circunstâncias sociais e morais, foram durante séculos atributos quase que exclusivos do gênero masculino. Felizmente, com o acesso das mulheres à educação e ao trabalho, essa realidade foi superada. Este momento é emblemático dessa história e do processo de conquista de espaço e reconhecimento por parte do gênero feminino. A exemplo do que aconteceu na Academia Brasileira de Letras, desde a chegada de Rachel de Queiroz, nossa casa abre suas portas para receber as mulheres de nossa terra que se dedicam às atividades do pensamento. Sua presença, fortalecida pela contribuição intelectual das escritoras Carmem Novoa e Rosa Mendonça de Brito, enriquece nosso convívio.

Confreira Mazé Mourão, aprendi que a vida é um longo caminho. E aqueles que são afortunados e têm a dádiva de cumpri-lo necessitam de coragem, determinação e fé para trilhá-lo. A vida, portanto, não é uma missão para fracos e indiferentes. A vida é um ofício que nos exige tudo... Força, serenidade, compaixão e muita, muita sabedoria.

90 É assim que nos fazemos. É assim que nos forjamos. É assim que construímos a nossa história. É assim que tecemos o nosso legado. Tinha razão o célebre poeta espanhol Antonio Machado quando afirmava, no seu belo poema “Cantares”, que é no caminho que somos:

*Tudo passa e tudo fica  
porém o nosso é passar,  
passar fazendo caminhos  
caminhos sobre o mar*

*Nunca persegui a glória  
nem deixar na memória  
dos homens minha canção  
eu amo os mundos sutis  
leves e gentis,  
como bolhas de sabão  
(...)*

*Nunca persegui a glória*

*Caminhante, são tuas pegadas  
o caminho e nada mais;  
caminhante, não há caminho,  
se faz caminho ao caminhar.  
(...)*

Perscrutando seu itinerário existencial percebi que não chegaste até aqui por acaso, ou como se diz, sem pagar o seu tributo à vida. Afinal, na caminhada tudo tem um preço. A vitória ou a derrota dependerão de nossa capacidade de vencer os percalços e provações. Acompanhando seu caminhar e os fatos que o marcaram, concluo que este momento é o prêmio que recebes da providência pela perseverança e coragem que tivestes na travessia. Aníbal Teófilo, patrono da cadeira que passarás a ocupar neste Silogeu, num de seus mais belos e expressivos poemas, ressaltou a misteriosa força que nos impulsiona no enfrentamento do desconhecido e dos obstáculos – a esperança:

*Suave expressão que todo o aroma encerras!  
 Mago eflúvio que emanas do Perfeito!  
 Promissora atração de estranhas terras!  
 Força do coração em cada peito!*

*Que seria do Mundo pelas guerras  
 Da vida - eterno temporal desfeito -  
 Sem ti, confiança que o pesar desterras,  
 Visão de paz na dor do último leito?!*

*Bendita sejas tu, cheia de graça,  
 Pelo divino bem com que me acalmas  
 Esta grande e recôndita tristeza,*

*Esperança, ventura da desgraça,  
 Trecho puro de céu sorrindo às almas  
 Na floresta de angústias da Incerteza!*

Conheço a força desse impulso vital da vida que é a esperança. Sem ela nada somos e a nada chegamos. É ela que nos chama do fundo da mais densa noite para a vida e para o desafio da travessia. Sem ela não há sonho, não há flores, não há mudanças, não há o novo. Imagino como foi decisiva na sua trajetória, como impulso vivificante que a motivou para a realização de seus sonhos: a graduação em Comunicação, na Faculdade Hélio Alonso, do Rio de Janeiro; e todo esforço de aprimoramento acadêmico em Cinema, Marketing, Assessoria de Imprensa, Jornalismo Empresarial, Edição de Jornalismo e Telejornalismo.

Essa história de busca e autoconstrução encontra sua plena realização nos muitos afazeres profissionais que desempenhou no seu percurso: destacada jornalista, com reconhecida contribuição no jornal *A Crítica*, como editora de cultura e cadernos especiais; editora dos jornais *Mudes*, da Fundação Movimento Universitário de Desenvolvimento Social, do Rio de Janeiro. Sua vida profissional foi enriquecida no exercício de diversas funções: assessora executiva do setor público e funcionária pública federal.

Suas vivências e a prática jornalística a aproximaram da crônica, gênero literário cultivado por nomes seminais das nossas letras: Machado de Assis, Fernando Sabino, Drummond, Carlos Heitor Cony e o mestre de todos: Rubem Braga. Foi como cronista que Mazé Mourão conquistou reconhecimento e admiração. Durante anos, provocou seus leitores e espicçou, com seu humor e ironia, figuras da vida política e social do Amazonas. O escritor Márcio Souza, na apresentação do livro *Crônicas*, de autoria da jornalista, ressaltou esses atributos que marcam-lhe o estilo:

*Quem gosta de estar bem informado e ao mesmo tempo saborear um texto inteligente e bem-humorado, não perde uma crônica de Mazé Mourão. Diariamente... os leitores encontram no rodapé do caderno Bem Viver o que poderíamos definir como crônicas que refletem com precisão concisa os tremores da desintegração social da cidade de Manaus, outrora risonha e bela.*

Provavelmente a obra mais expressiva da escritora, *Crônicas* é um livro cinematográfico, em que cada texto é como se fosse parte de uma sequência de fotogramas de um filme em que se fundem o dramático, o bufônico, a pequenez e a grandeza humanas, enfim, a vida em toda sua complexidade. Mazé Mourão, com seus insights diários faz a crônica de uma cidade e seus personagens. Este livro ficará como o testemunho de um tempo virtual e sombrio. Na verdade a personagem de seus textos é Manaus, ultrajada por seus habitantes e vilipendiada por seus políticos. Mazé é a cronista desse mundo em miniatura – metáfora do que há de belo e nobre, e também ilusório e vulgar na existência humana.

Confreira Mazé Mourão, sua história não teria sido sem os fundamentos legados por sua família e valores semeados por seus pais no seu coração. O que é é também confirmação da importância da família na formação de todo ser humano. Um ambiente familiar sólido, criativo e estimulante pode ser decisivo no forjamento subjetivo e espiritual dos jovens. Os antigos já diziam que é na família que germinam as boas árvores e que se plantam as sementes dos bons sentimentos e das virtudes. Agora sei porque é o que é: e não poderia ser diferente

sendo filha de Fueth Paulo Mourão e Leonor Santiago, mestres insígnies do magistério amazonense. 93

A Cadeira 28 que recebes nesta celebração, consagrada ao autor de *Rimas*, livro precioso da *Belle époque* brasileira, tem importância especial para a literatura que se produz no Amazonas, pois foi ocupada pela primeira poetisa de nossa terra a conquistar o reconhecimento literário: Violeta Branca Menescal Vasconcelos de Oliveira, mulher excepcional e à frente de seu tempo, dotada de talento incomum para a arte do verso.

Violeta Branca escreveu um dos livros mais sensíveis e delicados da poesia brasileira. Na flor da juventude, publicou *Ritmos de inquieta alegria*. Era 1935 e a acolhida foi surpreendente. A obra é um esboço vívido do desabrochar da sensibilidade poética de Violeta, o despertar de sua sensibilidade e consciência para os mistérios do mundo e as exigências da vida. Tudo plasmado por uma atmosfera intimista, um incontido anseio de liberdade e sua busca do novo. Sua poesia possui ambientação regional, tendo como pano de fundo a natureza, a floresta, o rio, o igapó. O eu lírico se proteja nesse cenário, na terra, estabelecendo com a mesma uma relação de profunda identificação, evidenciando-lhe o panteísmo que perpassa-lhe os versos:

*É porque nasci no Amazonas  
que tenho a alegria das cachoeiras,  
a minha voz  
o ritmo das águas rolando sobre as pedras,  
e os meus olhos  
são dois muiiraquitãs,  
com a fosforescência dos olhos das onças...  
E que os meus cabelos têm o reflexo do sol  
na escuridão das matas,  
e o perfume agreste das orquídeas...  
que as minhas mãos sugerem gaiivotas  
voando pelas praias,  
ou lenços brancos  
dizendo adeus a quem se vai...  
que meus versos têm a sonoridade*

*do canto dos pássaros  
e o meu riso a suavidade das espumas...  
(...)*

Essa cadeira foi porto igualmente de outro poeta expressivo do fazer poético regional e autor de um dos livros mais belos da literatura que se produz no Amazonas. Trata-se de *Filhos da várzea*, escrito por Anibal Beça. Sua produção poética identifica-se com a vertente experimental da literatura brasileira. Anibal concebe o fazer literário sob uma perspectiva formal, revelando permanente preocupação com os processos de elaboração de sua faina criativa. A austeridade de seu fazer literário é o índice de seu discurso e a chave para o desvelamento de sua linguagem e de sua obra.

Espero, Senhor Presidente, ter honrado a missão que me destinaste. Ter cumprido a contento o que me impõe a tradição e o rito acadêmico.

Espero, confrreira Mazé Mourão, ter sido digno e correto na apreciação de sua história e de seus feitos. Desejo-lhe sorte e que contribuas para que a nossa Academia cumpra com o seu papel social e histórico.

No momento em que finalizo, não me socorro das musas, mas recorro à voz e aos versos de Violeta Branca, sua companheira de assento nesta que passa ser a sua casa, para concluir esta saudação. Que a fala, a alma e poesia de Violeta sejam alimento e inspiração neste instante em que recibes a imortalidade:

*A exaltação universal  
trago-a,  
quente e vermelha,  
em cada gota de meu sangue.  
No meu cérebro  
passam, numa rapidez inquietante  
de navalhas, ferindo,  
os pensamentos,  
que nem todos podem pensar.  
A ressurreição  
da claridade delirante de todos os dias de sol*

*corre em algemas gritantes  
pelos meus gestos expressivos.  
Meus nervos,  
– cobras vibrantes – enroscam-se  
pela árvore branca e sonora  
de meu corpo jovem  
e deixam restos de sensações fortes  
na selva emocional  
de minha alma!  
Eu tenho uma sensibilidade de punhal!  
E nos meus poemas  
dança, em alegorias bizarras  
e movimentos novos,  
toda incontida  
volúpia universal!*

Em nome de meus pares, reitero nosso júbilo: Sê bem-vinda a este Sílogeu. Receba a nossa amizade e boa acolhida.

Deus quis, sonhaste – e agora te recebemos na Casa de Péricles e Adriano.

## — Abertura

*posse do acadêmico* ALMINO AFFONSO<sup>1</sup>

— LUZ QUE ESLENDE

Vinte e nove anos. Pouco tempo de formado em Direito, laureado pela Faculdade do Largo de São Francisco. Tempo dos sonhos de uma juventude vigorosa, de palavra fácil, densa, erudita, tonitruante. Pura emoção!

Vinte e nove anos de idade e Almino Monteiro Álvares Affonso dava-se no Palácio Tiradentes, sede da Câmara Federal do Brasil, como deputado eleito pelo Amazonas. E chegava carregado pela esperança e pelo ideal dos jovens de nossa terra – da minha geração – que o ouvíamos nas ruas, nas escolas, nos bairros, nas esquinas, nas fábricas, megafone em punho e posto sobre um banco de madeira, ao fazer a campanha política mais audaciosa da época. Diante dele monstros sagrados da oratória, pontificando soberanos: Arthur Virgílio Filho, Bernardo Cabral, Álvaro Maia, Plínio Coelho, Áureo Mello, Júlio César da Costa, Aldévio Praia.

Assim começava a carreira – brilhante carreira política – de Almino Affonso. Assim ele retomava seu laço de vida, de sangue e de amor com o Amazonas, apenas interrompido enquanto se preparava para a tribuna jurídica.

Deputado federal, líder do Partido Trabalhista Brasileiro, ministro do Trabalho, vice-governador e governador de São Paulo, conselheiro da República, jornalista, advogado... Brasileiro confinado no exterior em razão do golpe militar de 1964, nada retirou desse amazonense ilustre a paixão pelas letras, o doce dom de dar-se às musas, de escrever com esmero e poesia, de narrar com elegância e, sobretudo, de fazer uso da palavra, por cuja pena e voz o verbo conquista encantamento singular.

<sup>1</sup> Cadeira nº 28, de  
Aranhã, em 15 de  
março de 2011.

Foi este brasileiro de Humaitá – terra de erudições reconhecidas e de acadêmicos de grandes méritos – que a Academia Amazonense de Letras resolveu consagrar na imortalidade de uma de suas poltronas azuis, doirada desde 1918, e agora reluzente com o diamante que nela se assenta por eleição consagradora.

A Academia o galhardeou com a *Medalha do Mérito Cultural Pérciles Moraes* logo ao inaugurar a honraria. Mas era para tomar assento na Casa de Adriano Jorge que todos convínhamos deveria ser-lhe concedida a imortalidade intelectual. E o esperávamos de há muito. De há muito deveria estar entre nós, o esperávamos para acolhê-lo. Para dizer-lhe de viva voz, passada grande parte da vida e podendo compreender melhor a paisagem da outra margem do rio, mas acalorados de emoção como no calor das esperanças que pregavam as grandes transformações do mundo, que ainda agora o Amazonas se curva ao filho muito amado para proclamar seu valor, sua luta, seu saber, seu ideal em favor da democracia e das liberdades... Sobretudo das liberdades!

Os que aqui nos honram com suas presenças vieram vê-lo senhor Almino Affonso, vê-lo, abraçá-lo e ouvi-lo, tal como se fosse um *referendum* a seu ingresso no Sodalício. A todos agradecemos e nos confessamos honrados em recebê-los conferindo mais beleza a esta noite.

É dever agora atracar o barco que chega dos confins do rio das Madeiras, que pousa na pauliceia, esteve nas argentinas e nos calados chilenos, carregado de história, recheado de obras edificadas com honra e dignidade, com sabor de uma vida elevada, fronte altiva, coração desfolhado pela saudade... abençoada saudade de quem amou a esposa muito amada, a musa de tantos versos, a confidente dos apaixonantes sonhos e de tantas dores e a ela deu-se em encantadora paixão. Saudade que é doce para quem carrega consigo a razão da vida vivida e vive como se a cada dia a própria vida pudesse, de certo, nascer verdadeiramente com o dia que desponta com o primeiro raio de sol.

Oitenta e dois anos. Faz algum tempo da formatura em Direito, laureado pela Faculdade do Largo de São Francisco. Tempo da maturidade que não perdeu os sonhos por um mundo de igualdade, maturidade vigorosa, palavra fácil, densa, erudita, tonitruante. Pura emoção!

98      Senhor Almino Monteiro Álvares Affonso: como tendes desvendado todos os mistérios das tribunas do mundo, na política, no jornalismo, nos tribunais, nas universidades, dentre em pouco vos será concedida, em nome de todos nós, a primazia de assomar a tribuna da Academia Amazonense de Letras para aureolá-la com o fulgor da vossa palavra.

Arlindo Porto, figura exponencial desta Casa, dirá, dando voz à tribuna, dos vossos merecimentos e da alegria que vossa presença nos traz.

Declaro aberta a sessão.

✶ JOSÉ BRAGA

## — Discurso

*posse do acadêmico* ALMINO AFFONSO

— GRAÇA ARANHA, LUZ E SOMBRA

Deixem-me confessar, para que a verdade me ilumine a palavra, quanto me constrange a honraria que me envolve, por obra e graça dos ilustres acadêmicos...

Não me valho de uma frase de efeito. Falo com a alma desnuda, sem disfarces. Pois como posso, transfigurado por uma decisão generosa, converter-me em membro da Academia Amazonense de Letras se, por mais que lhe busque as razões, nada vejo que a justifique?

Talvez devesse, do alto desta tribuna de tantas luzes, desde logo agradecer-lhes os votos que me acolheram o nome e partilham comigo a imortalidade que os reveste. Mas ainda não posso fazê-lo. É imperioso que antes lhes deixe sentir, em toda a sua pureza, as contradições que vivi e tenha por fim o direito à convivência com os que hoje engrandecem esta Casa.

Não lhes revelo sigilo. Tão logo se esboçara a hipótese de minha candidatura à Academia Amazonense de Letras, estimulada pela palavra fraterna de muitos, reagi de maneira muito clara, sem meias-tintas... Não via em mim títulos literários que me credenciassem os lauréis acadêmicos. Tudo quanto me marcara a existência, de modo constante e indelével, fora sobretudo a militância política, não raro com audácia, enfrentando o Regime Militar que se instaurava e as agruras do exílio durante doze anos...

Nesse contexto, a palavra fora para mim – desde sempre! – um instrumento de luta: a oratória parlamentar, o discurso em praça pública, a conferência, o artigo militante... Na palavra eu buscava a clareza da mensagem, a denúncia contundente, a pregação das ideias,

100 a defesa apaixonada da causa popular! Ela podia ser forte, viril, arrojada... Mas não era a beleza literária que lhe dava a vida!

Porque assim pensava, viera-me à mente, consolidando-me a atitude, uma das lições mais belas que Rui Barbosa nos deixara. Quando já lhe avançava no tempo a vida de tantas lutas, Constâncio Alves e várias outras personalidades, querendo homenageá-la, deram aos eventos que por toda a parte se organizaram, a qualificação de "Jubileu Literário". De imediato cresceram as vozes laudatórias! E Rui Barbosa, declinando da honraria, disse de si próprio, em memorável discurso na Biblioteca Nacional, o que era a verdade da sua vida... "Qual é, na minha existência, o ato de sua consagração essencial às letras? Onde o trabalho, que assegure a minha vida o caráter de predominante ou eminentemente literário? Não conheço. Traços literários lhe não mínguam, mas em produtos ligeiros e acidentais". Linhas adiante, numa repulsa crescente, assinalou: "Não sei, ou de pronto me não lembra. Tudo mais é política, é administração, é direito, são questões morais, questões sociais, projetos, reformas, organizações legislativas. Tudo o mais demonstra que esses cinquenta anos me não correram na contemplação do belo, nos laboratórios da arte, no culto das letras pelas letras".

Guardadas as devidas dimensões, entre a águia que domina as alturas e o pardal que apenas esvoeja, também eu posso evocar com orgulho minha vida de homem público. Não que as letras, por algum momento, não me tenham seduzido. Para atenuar a severidade com que me julgo, talvez me seja lícito referir-me às biografias que escrevi de meus avós - senador Almino Affonso, tribuno da abolição que se antecedeu cinco anos à Lei Áurea; comendador José Francisco Monteiro, fundador de Humaitá, às margens do rio Madeira. Mas em nada me ampliaram os limites de meus horizontes literários!... Menos ainda se ousou lembrar um pequeno livro de poesias, que me remetem à juventude dos meus dezoito anos... Não por acaso, lhes dei um nome que, por estranheza tão só, talvez chame a atenção: *Versos d'água doce*... Pois não era assim, num passado não tão distante, que se dizia dos poetas de asas curtas, por isto mesmo tolhidos de voar? Portanto, ao editar em livro a poesia claudicante, não faltara à verdade... Ademais, ali mesmo, à guisa de prefácio, soubera reconhecer sem pejo

que não me realizara como poeta! E, no entanto, apesar dessa verdade, ousara publicá-la! A rigor, faltara-me a sabedoria de Salomão para ensinar-me: “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade!”. Ao fim e ao cabo, aqueles versos foram para mim uma simples incursão no mundo misterioso das Musas! Algo como um momento compensatório... Mas com essas brevidades, poderia sentir-me com títulos para candidatar-me à Academia Amazonense de Letras, onde os luzeiros são tantos desde sempre?

Como se estivesse a penitenciar-me pelo que sou (ou deixei de ser) evoco a extraordinária figura de Winston Churchill, o consagrado estadista da Resistência, quando a Alemanha tentava afogar em sangue a heroica Inglaterra... E o vejo entregando-se à diletante arte da Pintura! Nem fora diferente o fascínio de Portinari: já festejado pela sua obra imortal e, como se não lhe bastara, dar-se ao encanto de editar um livro de Poesias! O que estou tentando dizer-lhes, relembro esses episódios, tomara fosse transparente como água da fonte: nos desvãos da alma sempre sobra espaço para o que a vida não nos deu!... Cada vez mais sei quanto isso é verdade! Mas esses retoques do mármore, que ainda nos sobre na alma, não anulam os traços definitivos que o tempo porventura nos criara! Somos o que somos, sem que o artista cinzelando a pedra possa nos alterar! Como então, Senhores Acadêmicos, eu poderia aceitar, sem a resistência mais pura, os laureis que a própria fonte recusava?

Mas devo acrescentar, Senhor Presidente, outra inquietação, quiçá mais objetiva, que me toldava a consciência... Como podia imaginar-me tomando o assento neste Plenário, que os anos cada vez mais enriquecem, precedendo eminentes escritores, cuja obra a sociedade já consagra e as bênçãos de Calíope já envolvem? Se me escapa à memória recordar a todos, que ao menos realce, numa síntese de admiração, três conterrâneos que eu tenho o privilégio de ler com encantamento: Milton Hatoun, Etelvina Garcia e Astrid Cabral.

Contudo, a verdade nem sempre é tão linear. No bojo dela, às vezes as contradições nos embaraçam... Como podia fazer-me surdo aos apelos reiterados de amigos, com a ressonância das aldravas, apesar das distâncias entre Manaus de meus encantos e a Pauliceia que me acolhera há mais de meio século? Como alhear-me, a ponto que já

102 não visse, no plano da História e da realidade que hoje resplandece, a cultura de nosso povo que esta Casa guarda, multiplicada em obras que já não morrem, em seminários que redefinem os conhecimentos, em conferências que ilustram e encantam?

Nada, portanto, é um passado que a inércia consolida. O que dele se recebe, pela sua natureza, é perene. Vale dizer, ressurgir a cada dia. Ademais, como se não bastasse, as novas gerações, que aos poucos ganharam estes espaços, vão escavando as fundações e construindo os alicerces do Amanhã! Podia ter a consciência dessa verdade e não encantar-me com ela? Entregara-me, meses a fio, à controvérsia que me sacudira no mais íntimo. Talvez até me tenha exposto à incompreensão de amigos... Não lhes faltara aos deveres do afeto... Mesmo assim o silêncio fere, distancia... De todo modo, as razões que sempre invocara, justificando minha conduta, não estavam vestidas de plumagens que não são minhas... Por fim, pude chegar à síntese que se impusera: apresentei-me como candidato a membro efetivo da Academia Amazonense de Letras. Como era meu dever, escrevi a cada um dos Senhores Acadêmicos pedindo-lhes o apoio que, por decorrência, o voto consagraria. E recebi, com justificada alegria, a votação majoritária que me está dando acesso a esta Casa!

Como se vê, Senhores Acadêmicos, venho de longe. Porém, aqui estou. Minhas sandálias ainda estão empoeiradas. Mas a alma está aberta às belezas que, em torno de nós, continuam nascendo pelas mãos de tantos! Portanto, posso agora dizer-lhes: muito obrigado, pela honra que me dão!

Releve-me, Senhor Presidente, quanto me alonguei, à maneira de quem pedia vênias para chegar à convivência dos que já estão abençoados pelos numes tutelares desta Casa! É tempo que eu assumo, se lhe parece oportuno, o encargo que a tradição delega-me: o de evocar, num preito de homenagem, a figura luminosa de Graça Aranha, o Patrono que envolve de grandeza a cadeira que me cabe ocupar, com o embaraço de um noviço, mas com muito orgulho.

A vida literária lhe começara cedo. Quase ao acaso. Depois de um breve estágio em Porto de Cachoeiro, no Espírito Santo, Graça Aranha instalara-se no Rio de Janeiro. Dando destino à sua inquietação, passara a frequentar a *Revista Brasileira*, fundada e dirigida por José Veríssimo,

já então reconhecido como crítico literário de inegável valor. Ali, o pátio a céu aberto transformara-se num convite às tertúlias, onde se encontravam, a cada fim de tarde, figuras de expressão intelectual e política. Dentre tantas, cabe destacar Joaquim Nabuco e Machado de Assis, já então ambos os dois na cumeeira de nossas letras. Pelas mãos de Veríssimo, o jovem Graça Aranha lhes ganhara estima e admiração. E logo mais, pelo que tinha de afoito, passa a publicar, na prestigiosa revista, artigos e crônicas encobertos em pseudônimos aos poucos revelados. O fato é que os espaços foram sendo abertos...

No Rio de Janeiro, vindo de todos os recantos do país, concentravam-se poetas e romancistas. Alguns já reconhecidos pelo seu valor. Outros, à espera do amanhecer. Era hora de colher o que o tempo plantara... Assim pensava Lúcio de Mendonça. Por conta dessa ideia que vinha germinando, nasceu na *Revista Brasileira*, em 1897, a Academia Brasileira de Letras, tendo por modelo a Academia da França. Como era natural, impusera-se, como critério de ingresso à “imortalidade”, ter o pretendente ao menos um livro publicado...

Naquele então, Graça Aranha ainda não cumpria esse requisito... Mas Joaquim Nabuco, dando-lhe o respaldo de seu nome, assegurou-lhe o acesso ao Silogeu que nascia... Em seu livro de memórias *Meu próprio romance*, Graça Aranha registra com orgulho que aceitara tão honrosa acolhida, tendo em conta a “insistência” de Joaquim Nabuco, Machado de Assis e Lúcio de Mendonça.

É certo que Graça Aranha já escrevera o primeiro capítulo de *Canaã*; e por lê-lo, Joaquim Nabuco se fiava na importância da obra que estaria sendo escrita. De todo modo, teria sido legítima a estranheza que, em silêncio talvez, muitos cultivassem... Tenho de mim para mim, Senhores Acadêmicos, que esse episódio revelava quanto Graça Aranha já se impunha, pela palavra que lhe brotava luminosa, pela criatividade que ia rompendo os estilos sedimentados... Era como se merecesse a exceção, que a própria natureza lhe propiciava. Dir-se-á que fantasio. Mas, se não fora assim, por que Joaquim Nabuco descera do pedestal para dar-lhe a mão?

Naquele momento, quando a Academia Brasileira de Letras estava sendo fundada, Joaquim Nabuco já convivia com a História. Como parlamentar transfigurara-se como um semideus da Palavra! Como

homem de visão política, que não se curva às contingências que o rodeiam, ousara ser um combatente da causa abolicionista, com uma grandeza fora do comum! Àquela altura já nos deixava algumas obras de valor incontestes: *Camões e os Lusíadas*; *Abolicionismo*; *Minha Formação*; *Balmaceda*; *Um Estadista do Império*... Uma ponderação talvez se imponha: tendo Joaquim Nabuco tamanha significação, não teria por que expor-se a romper com a norma estatutária, que era irrepreensível, se não entrevisse em Graça Aranha uma razão de grandeza maior...

A mesma linha de raciocínio de que me valho, referindo-me ao grande tribuno, pode ser invocada em relação a Machado de Assis, que já se elevava acima dos mortais, cercado pelo culto que o consagra. Não por acaso fora aclamado presidente da Academia Brasileira de Letras! Por isso mesmo, não é demais lembrar que também ele concordara em assegurar a Graça Aranha a prerrogativa de ser membro efetivo do Silogeu, embora não tivesse um livro publicado! E se correremos os olhos em relação aos 40 membros recém-incorporados à instituição acadêmica? Dentre tantos, permitam-me trazer à memória alguns nomes conotados: Rui Barbosa, José do Patrocínio, Olavo Bilac, José Veríssimo, Visconde de Taunay, Coelho Neto, Alberto de Oliveira, Clóvis Beviláqua, Raimundo Correia, Aloísio de Azevedo, Sílvio Romero... Pois todos eles (ainda que em silêncio!) por acaso não haviam referendado a prerrogativa concedida a Graça Aranha? Relevem-me que me tenha alongado nessa digressão: se acolheram o futuro autor de *Canaã* (que ainda não o escrevera, valha-me a abundância!) como efetivo membro da Academia Brasileira de Letras, algo lhe viam de especial significação e em nome dela fecharam os olhos à norma impeditiva. Não sou eu quem diz, Senhores Acadêmicos, mas os fatos que arrolei na esperança de me ajudarem a entender o que me parecia negar a própria lógica.

Graça Aranha não se prendeu à convivência acadêmica. Em março de 1900, já estava residindo em Londres na condição de secretário de Joaquim Nabuco, recém-nomeado ministro do Brasil. Eram duas almas gêmeas, Nabuco e Graça Aranha! Pelo talento, pela cultura, pela elegância, até pela beleza física segundo os biógrafos de ambos! Mas não me detenho nessa etapa diplomática que passara a viver em Paris, em Roma, em Londres!

Quero acompanhar-lhe o trajeto, quanto possa, para ver de perto o que o destino lhe estaria traçando no mundo da literatura... Dois anos depois que chegara a Londres, conseguira concluir o romance que vinha engatinhando desde sua estada no Espírito Santo... Por fim, *Canaã* viera à luz! Editado em Paris, foi lançado no Brasil, pela editora Garnier, em 1902... Custa acreditar, porém, há pouco mais de um século *Canaã* irrompera em nosso cenário literário, a um só tempo aplaudido e rejeitado, num confronto sem igual em nossa História!

Recolho, embora parcialmente, a polêmica que foi marcando a trajetória de *Caaná*. José Veríssimo (*Estudos de Literatura Brasileira*) o festeja com indisfarçada alegria: “Esse livro, do qual desconho não soube dar ao leitor senão uma insuficiente ideia, não sendo, aliás, meu intuito recontá-lo, estreia, como não me lembra outra em nossa literatura, a revelação nela de um grande escritor. Novo pelo tema, novo pela inspiração e concepção, novo pelo estilo, *Canaã* é a primeira e única manifestação benemérita de apreço das novas correntes espirituais e sociais, que por toda a parte estão influenciando na literatura e na arte”... José Veríssimo, que abrira a Graça Aranha as portas da *Revista Brasileira*, termina seu belo texto de modo consagrador: “*Canaã* é verdadeiramente um livro de talento na mais nobre acepção e na mais rara aplicação da palavra!”.

Em páginas de admirável equilíbrio analítico, Alfredo Bossi (*História Concisa da Literatura Brasileira*) faz as seguintes ponderações: “Na medida em que Graça Aranha se deixou levar abusivamente pelo romance de tese, não logrou estruturar personagens convincentes. Mas soube descrever com maestria algumas cenas de violência e instinto que servem de contraponto e agulhão aos ideais pacifistas de Milkau: o enterro do velho caçador cujo cadáver é disputado aos corvos pelos cães furiosos e corvos famintos; o rito bárbaro dos maquiães, que fecundam a terra com o sangue de um cavalo açoitado até a morte; enfim, o nascimento do filho de Maria em plena mata, entre porcos selvagens que acabam por devorá-lo. Há uma forte dose de naturalismo impessoal e científico, de escola: a sensibilidade do prosador empenha-se ao plasmar a linguagem narrativa que, em certos momentos, atinge alto nível estético”.

A má vontade à flor da pele, sem disfarces, Cyro dos Anjos, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, escalpela Graça Aranha, o homem e a obra. *Desencontro* não podia haver maior: Graça Aranha era seu Patrono e ele, desde sempre, não o suportara. Confessou sem reboços: “Abandonei *Canaã*, às primeiras páginas, na minha juventude, quando tal romance era tido por uma das mais altas criações de nossa inventiva literária!”. São apenas lembranças do passado, talvez se pense. Mas, na contingência de ler a obra de Graça Aranha, tendo em conta o ritual da Academia Brasileira de Letras para a qual fora eleito, eis o que nos diz Cyro dos Anjos, sem meias-tintas: “Identifico, agora, alguns dos ingredientes de *Canaã* que logo de entrada, me fizeram torcer o nariz. Seria o tom declamatório, a eloquência nas falas do autor e dos personagens, a ênfase verbal que se alastrava pela obra toda. E ainda outras ênfases: os esbanjamentos de luz e cor, a luxuriante cenografia, as digressões filosóficas, intermináveis, o transbordamento romântico, o maneirismo simbolista. Nunca mais voltei a Graça Aranha, desde esses velhos tempos. Li-o todo, agora, atendendo às exigências deste discurso. Confirmou-se a reação anterior”.

Não obstante o azedume com a análise da obra de seu Patrono, Cyro dos Anjos ainda encontrara serenidade para reconhecer a repercussão de *Canaã* além de nossas fronteiras: “Traduzida para o francês, festivamente acolhido por Edmond Jaloux, Maurice Barrés, Paul Adam, Anatole France, Guglielmo Ferrero”. Mesmo assim – prossigo eu – nos desvãos da alma, às vezes sobram os espinhos... Portanto, faz o contrapeso, evocando a maldade de Brito Broca: “Exercendo nessa época funções diplomáticas, Graça Aranha, homem hábil em agrados, não descuidara de abeirar-se dos altos escalões da política e das letras. No grand monde, a velha polidez francesa é pródiga em elogios”. Custa-me acreditar, Senhores Acadêmicos, que alguém possa entrever Anatole France, um dos mais admiráveis nomes do romance àquela época, curvando-se às artimanhas da lisonja que falseia, que enoja e que se vende!

Em seu belo discurso de posse acadêmica, Narciso Júlio Freire Lobo (a quem tenho a honra de suceder) de certo modo criou um diálogo imaginário entre autores divergentes sobre Graça Aranha e sua obra

renomada. Talvez agora caiba relê-los: Otto Maria Carpeaux, Gilberto Freire, Roberto Schwarz e Alphonsus de Guimarães Filho. O contraditório, que ali se estampa, sempre enriquece. Se tiverem paciência de entremeá-lo ao que lhes trouxe a lume, *Canaã* quem sabe possa ser relida, com renovado agrado, apesar de centenária, mais ainda viva!

Cessadas suas funções diplomáticas, Graça Aranha regressara ao Brasil, os lauréis a envolver-lhe o corpo e a alma. Passara cinco anos na Europa. Joaquim Nabuco, em carta dirigida a Machado de Assis, revela quanto lhe entristece vê-lo afastar-se: “Estou nos últimos dias do Graça Aranha conosco. Por maior que seja o vazio que ele vai deixar, não quisera prolongar a ansiedade de vocês todos aí depois de uma separação de mais de cinco anos. Vai haver lágrimas de alegria aí; eu estou cá e lá. Trouxe-o desconhecido do país, restituiu-o glorioso, esperando que todos terão o mesmo orgulho dele aí que eu tenho, a mesma certeza que doravante ele é quem mais pode fazer pelo brilho e nome das nossas letras”. Quantos de nós terá recebido, como um ramo de carvalho, consagração tão bela como a que emana dessa carta luminosa?

Fico a lembrar o que Joaquim Nabuco escreveu, em carta a Rui Barbosa, num momento solar da vida de ambos: “Só os que são grandes podem dar de si, sem se despojar!”. Pois, Nabuco o fez, nesse testemunho peregrino e, ao fazê-lo, maior ainda se tornou!

Ao longo de sete anos, festejado por tudo que lograra ser, o país também o reveste de galardões: é nomeado procurador da República e professor de Direito. Parece distanciar-se dos burburinhos da vida. Ledo engano. Não tardara muito e retorna às atividades diplomáticas. Em Paris, de imediato, envolve-se na beleza da palavra criadora... Escreve, simultaneamente, em português e francês, o drama *Malazarte*.

Apresentado no Teatro de l'Oeuvre, a 19 de fevereiro de 1911, teve a alegria de vê-lo consagrado pelos aplausos e pela crítica, sobretudo pelos encômios de Henri de Regnier, Francis de Miomandre e Camile Mauclair. Ao contrário de *Canaã*, o drama não fora acolhido no Brasil de maneira relevante. Como pude lê-lo com verdadeiro encantamento, não consigo entender o desinteresse que cercou *Malazarte* em nosso país. Pois o enredo que lhe dá vida, em todo ele, é um mergulho em nossas lendas, as personagens míticas renascendo em diálogos que

108 a mim, pelo menos, me devolveram as histórias dos meus tempos de adolescente... Ali está, nesse drama, como um verdadeiro poema em prosa, a fascinante figura da Mãe-d'água... Com que alegria pude ver nela "o meu primeiro amor", assim como Graça Aranha também confessa em suas memórias.

Não tenho por que esquivar-me de minha verdade... Sou e continuarei sendo, enquanto a vida alimentar-me os sonhos, um caboclo de Humaitá... Como não lembrar os mistérios da Iara, aflorando das águas em noite de lua cheia? Como não imaginá-la emergindo do texto de Anísio Mello, tão viva e tão ardente, levando-me consigo para os encantos do Amor? Pois foi assim, dando asas à imaginação, que Graça Aranha virara a última página de *Malazarte*... Ainda agora, enquanto lhes falo, eu me pergunto se a obra literária me seduzira, como se fosse um sortilégio, ou se a lenda ressurgira em mim... Mas não é assim que a própria vida, transfigurada em arte, se ilumina? Dividido entre essas duas verdades, talvez por isso não me tenha agradado a análise de Alfredo Bossi: "A sua criação puramente literária ressentiu-me desse poder filosofante. A experiência teatral de *Malazarte*, na esteira do Simbolismo europeu, é um exemplo inequívoco de quanto o peso das alegorias, quando programadas, pode destruir irremediavelmente a obra de arte". Dou-me o direito de contrapor: vale a tese; mas não se aplica a *Malazarte*. Para mim fica a singeleza das lendas engrandecidas pela força dramática da palavra, que Graça Aranha sabia ter.

Ainda em Paris escreveu *A estética da vida*, em 1920, quando já se aprestava a regressar ao Brasil. A escritora Maria de Lourdes Teixeira, em sua biografia sumária de Graça Aranha, deixa-nos o seguinte comentário: "Livro de ideias, dos mais importantes de nossa literatura, em que se revela a serenidade de seu espírito humanista e pensador. Dessas páginas ressalta em toda a plenitude e inquietação intelectual que foi um dos traços mais característicos de sua mentalidade, e que veria confirmar-se dentro de pouco no Brasil".

Com efeito, viera com armas e bagagens. Viera para ficar. Dentre tantos símbolos de sua vida engrandecida na Europa, traz no peito (e na alma!) a Legião de Honra, que a França lhe concedera! Porém, talvez mais que isso, vêm consigo as inquietações que sacudiam a

Europa em todos os planos, na poesia, na pintura, na música, na esperança das transformações sociais depois da tragédia da Guerra Mundial... Vem, como escrevera sua biógrafa: com “o desejo insofrido de influir de maneira decisiva nos meios culturais e artísticos brasileiros, cujos figurões usufruíam as vantagens duma glória acadêmica e modorrenta”. Dir-se-ia: a predição de Joaquim Nabuco estava prestes a cumprir-se...

Estávamos em fins de 1921. Reporto-me à síntese que Cyro dos Anjos faz da chegada de Graça Aranha: “Em torno dele, festejando-lhe a grandeza do talento e lhe abrindo as portas do país, já não estavam Joaquim Nabuco, Machado de Assis, José Veríssimo... Contudo, os “planos” lhe ferviam a cabeça. Desde 1913, já pregava ao moço Tristão de Athayde um movimento renovador. Do encontro com Di Cavalcanti, na Livraria Jacinto, em São Paulo, nasce uma ideia. O pintor, interessado em mostrar seus quadros, inflamou-se com ela. Graça o apresenta a Paulo Prado. Surge a Semana de Arte Moderna”.

Mas, nem tudo é tão simples – pondero eu – nos caminhos da História... Terá sido Graça Aranha, em verdade, o idealizador desse movimento de tão grande significação em nossa história cultural? O próprio Cyro dos Anjos se apressa em seu discurso a que me venho referindo, a cimentar essa controvérsia: “Mário de Andrade, Oswald e outros líderes não tardaram a repelir as vaidades de comando, manifestadas pelo velho escritor. Na verdade, ele nunca chefiara o movimento: alcançara-o já em curso, conforme depõe Manuel Bandeira”. Não quero deter-me nessa disputa de bastidores. De todo modo, creio importante relembrar o testemunho de Tristão de Athayde: “Mas Graça Aranha tinha conseguido o seu objetivo. Estava lançada uma nova era para a literatura brasileira e esta rompia com os moldes passados e seguia para novos êxitos ou fracassos. E o nome, a obra, o jeito, o desassombro, a figura cotada de Graça Aranha estava ligada para sempre a esse momento capital das nossas letras”.

Sou advogado por natureza. Para mim, em tudo, mais valem os fatos do que as palavras. Sem aqueles revestidos das provas que os consolidem, a palavra se esfuma. Deixo, portanto, à margem a controvérsia verbal sobre o papel que Graça Aranha desempenhara na formulação do ideário e na articulação da Semana de Arte Moderna.

110 E me reporto àquela noite histórica. No Teatro Municipal de São Paulo, em sessão solene, o Movimento Modernista se apresentara, corpo e alma, para dizer ao país a razão de ser a sementeira a que se propunha, revolvendo as raízes do que éramos até então: nas letras, na pintura, na música, numa verdadeira revolução cultural. Ali estavam as figuras mais representativas, em torno das quais o ideário modernista germinara... Como referir-me a todas elas? Não lhes traria novidade alguma se me pusesse a recordá-las... Cada qual com a grandeza bastante para falar, naquela sessão inaugural, em nome da alma coletiva! No entanto, Senhores Acadêmicos, permitam-me que eu jogue luz sobre o episódio: o orador, por delegação de seus pares, foi José Pereira da Graça Aranha!

O fato que estou a recordar, por si mesmo, sem que precise retocá-lo com adjetivos, comprova a relevância do papel de Graça Aranha na Semana de Arte Moderna... Pois ele retornara ao Brasil havia dois meses e já se tornara o orador da grande noite! E se me detivesse a ler, em toda a extensão, aquele discurso incendiário, pela eloquência que arrebatava e pela grandeza do pensamento que punha abaixo as muralhas da ordem ultrapassada, então se veria com a clareza do sol nascente quanto Graça Aranha fora de fato expoente naquela noite memorável!

Receio alongar-me. Mesmo assim me vejo na contingência de lembrar alguns trechos daquele discurso que ele denominara: "A emoção estética na Arte" e que fincou, até onde posso ver, um marco divisório na literatura brasileira. Espanta-me que, ainda no preâmbulo, Graça Aranha tenha tido a audácia de definir (de modo tão radical!) o rumo de seu ideário: "Ignoro como justificar a função social da Academia. O que se pode afirmar para condená-la é que ela suscita o estilo acadêmico, constrange a livre inspiração, refreia o jovem e árdego talento que deixa de ser independente para se vaziar no molde da Academia. É um grande mal na renovação estética do Brasil e nenhum benefício trará à língua esse espírito acadêmico, que mata ao nascer a originalidade profunda e tumultuária de nossa floresta de vocábulos, frases e ideias. Ah, se os novos escritores não pensassem na Academia, se eles por sua vez a matassem em suas almas, que descortino imenso para o magnífico surto do gênio, enfim liberto de mais esse terror.

Esse academicismo não é só dominante na literatura. Também se estende às artes plásticas e à música. Por ele tudo o que a nossa vida oferece de enorme, de esplêndido, de imortal, se torna medíocre e triste”.

Para Graça Aranha, a palavra não se esgotava no silêncio. Ela se projetava na ação, como o rio que vai cavando o próprio leito. A 19 de junho de 1924, esse discurso se desdobra numa conferência na Academia Brasileira de Letras... Pelo seu conteúdo, verdadeiro desafio àquela Casa que ele ajudara a fundar, custa crer que Graça Aranha tenha ousado romper com as tradições que haviam ganhado alma pela mansidão de Machado de Assis... Não pedia vênias. Irrompeu como um cavaleiro em pleno combate!

Ei-lo, para que o vejamos de corpo inteiro: “A fundação da Academia foi um equívoco e foi um erro. No sentido em que comumente se entende uma Academia é esta um corpo de homens ilustres nas ciências, nas letras e nas artes, consagrados pelo talento e trabalhos, sumidades espirituais de uma cultura coletiva. As Academias são destinadas a zelar tradições e supõe um povo culto, de que são expoentes. Diante desse conceito, a Academia foi um equívoco”. Mais adiante, ataca de maneira fulminante: “A Academia será uma reunião de espectros? Ou nesse Brasil, que procuram converter numa China literária para império de todas as velhices, a Academia será uma casta de imortais, num país de imemoriais?... A Nossa Academia é brasileira. Por que Brasileira? Para ser um instrumento enérgico de formação nacional, uma alavanca do espírito brasileiro. A sua aparição foi um erro, mas já que existe, que viva e se transforme. Há uma vida espiritual intensa, que a Academia desconhece. Deixemos entrar aqui um sopro dessa vida, para despertarmos da sonolência em que afundamos”. E, para concluir, como se jogasse as luvas à face de seus pares, Graça Aranha conclama: “Se a Academia se desvia desse movimento regenerador, se a Academia não se renova, morra a Academia!”.

A polêmica foi acesa. Os discursos se sucederam. A começar pela palavra candente de Coelho Neto. Porém Graça Aranha não abandona a liça. Apresenta um Projeto de Resolução, visando remoçar a prática institucional da Academia. As proposições que formula, a olhos vistos, de tal maneira se chocavam com as tradições da Casa que a recusa era inevitável. Ouso pensar: previsível a tal ponto como se fosse o estopim

112 para justificar sua renúncia à cadeira que honrara... O ofício, em que formaliza seu afastamento, é áspero, talvez injusto: "A Academia Brasileira de Letras morreu para mim, como também não existe para o pensamento e para a vida atual do Brasil. Se fui incoerente af entrando e permanecendo, separo-me da Academia pela coerência".

Continuava tendo a seu lado uma plêiade de jovens brilhantes: Ronald Carvalho (para quem era um ídolo!), Renato Almeida, Tristão de Athayde, Villa-Lobos... Desde 1923 entregara-se à tarefa de organizar, seletivamente, as cartas de Machado de Assis e Joaquim Nabuco. Logo Monteiro Lobato se apressa a editar o livro: *Correspondência. Machado de Assis e Joaquim Nabuco. Introdução de Graça Aranha*. A rigor, é um verdadeiro estudo da personalidade e da obra dessas grandes figuras de nossa História! E que estudo, Senhores Acadêmicos! São sessenta páginas incomparáveis! Muitos o consideram a produção literária mais significativa de Graça Aranha! Tendo estado ao lado de ambos, a entrever-lhes o mais íntimo da alma, pôde analisar as cartas que escreveram como se fosse um diálogo vivo, que as respectivas respostas propiciavam...

Em certo momento, já não tinha proscênio, o grande combatente! Mas a luz não se apagara. Trabalhando em silêncio talvez, o fato é que só em 1924 editara *A Viagem Maravilhosa*... Era o segundo romance, vinte e sete anos depois de *Canaã*! Conforme Cyro dos Anjos revela, Tristão de Athayde considera o livro "muito fraco e de absoluta pobreza, do ponto de vista psicológico. Os personagens Felipe e Tereza são símbolos retóricos, sem vida alguma, querendo, entretanto, mostrar excessos de vida".

À margem das letras, entretanto, a vida de Graça Aranha parecia, àquela época, mais fascinante... Namorara durante dezesseis anos Nazaré Prado, uma encantadora paulista, inteligente e culta, que acabara de editar a biografia de seu pai. Ao longo desse tempo, por mais inacreditável que pareça, lhe teria escrito três mil cartas! Como observa Josué Montello, apesar da obra exígua, "Graça Aranha soube ser epistológrafo copioso!". Porém esse fato, em si mesmo intrigante, ganha especial calor quando se lê a nota introdutória às *Cartas de Amor*, que Nazaré Prado nos deixou em livro que ela própria editara... Eis o texto, para que o romance venha à luz com o encanto que me-

rece: “As cartas escritas nos últimos anos, devido aos acontecimentos revolucionários do Brasil, dos quais Graça Aranha foi um doutrinador, e por outras razões mais íntimas, foram destruídas na sua quase totalidade, pela natureza reservada dos assuntos nelas tratados e pela dificuldade de serem conservadas”. E para completar esse enredo, que as próprias circunstâncias haviam escrito, Josué Montello assevera: “Graça Aranha fez de sua paixão o argumento de *A Viagem Maravilhosa*. Ele é ali, Felipe. Nazaré Prado, Tereza”.

Não sei como dizer-lhes, Senhores Acadêmicos, na inteireza da verdade, quanto esse episódio me incendiara! A todo custo, entreguei-me à tarefa insana de buscar, por todos os meios a meu alcance, essas *Cartas de Amor*... Precioso volume onde antevejo a vida de Graça Aranha e Nazaré Prado, consagrada em páginas de amor e luz! Contudo, as cartas de fato haviam sido publicadas em edição de 125 exemplares! Como não encontrá-las nas livrarias mais conceituadas, nos sebos, nas bibliotecas em seções de obras raras, nos mistérios da internet? Tudo em vão. Para minha angústia, não as encontrei... Para que sintam a importância desse fato para mim, além de seu significado puramente literário, preciso revelar-lhes que as cartas marcaram a minha vida! Cartas que me ligaram a meus pais, até que seus olhos se apagaram... Cartas entre mim e o Amor que me iluminou desde sempre, sem as quais não sei se teríamos podido vencer o tempo e o espaço que entre nós se interpunham! Mas, dessas *Cartas de Amor* que estou a referir-me, que talvez revelem a própria grandeza humana de Graça Aranha, com que frustração lhes confesso não tê-las encontrado!

Resta-me evocar, Senhores Acadêmicos, quanto é belo *Meu Próprio Romance*, que Graça Aranha logrou escrever quando a sombra da morte, sem disfarces, se aproximava... Programara quatro tomos... Por onde as memórias reencontrariam os rios e os riachos de sua vida... Mas o tempo não lhe dera trégua: essa obra, que tinha tudo para ser fascinante, limitou-se ao primeiro volume... Mesmo assim, como é belo ver-lhe a infância ressurgindo, entre as lendas que o enfeitiçam para sempre e as histórias de Militina, a babá que tanto o encantava e que lhe plantou na alma as sementes do romancista! Como não espantar-se às primeiras luzes de seu talento, vendo-lhe a audácia que vai se impondo, como a árvore que rompe o chão para nascer? Com

114 indisfarçado orgulho, Graça Aranha dissera de si próprio: “Aos doze anos neguei Deus, aos catorze neguei o Direito Natural, aos quinze anos, neguei o princípio monárquico e o direito à escravidão. Dos dezesseis em diante acrescentei às minhas negações a libertação estética. De onde me veio essa fúria destruidora, esta paixão libertadora, que não me abandonou nunca?”.

Editado enquanto Graça Aranha já estava em outra dimensão da vida, coube a Nazaré Prado escrever o prefácio ao *Meu Próprio Romance*. Belo texto de verdade biográfica e de amor que a cada linha reponha. Permitam-me que me valha de sua análise, como um testemunho do significado da obra de Graça Aranha em seus aspectos mais amplos: “Toda a sua aspiração era libertar-se, sair do contingente para o absoluto. *Canaã* foi uma evasão. *Malazarte* outra. *A Viagem Maravilhosa*, a libertação de toda relatividade, realizando a unidade do Cosmos pelo amor. *A Estética da Vida*, que nega toda a relatividade, que reduz todo o universo a espetáculo, foi a síntese filosófica da volta à inconsciência cósmica”.

Apesar dos embaraços que a cada instante me frearam, suponho ter cumprido o encargo estatutário, revivendo a vida e a obra de Graça Aranha...

Mas não posso, constringido como nunca, fazer com o mesmo calor o elogio a Narciso Júlio Freire Lobo, a quem tenho a honra de suceder nesta Casa! Vivendo nas lonjuras de São Paulo, não tive o privilégio de conviver com essa figura admirável que tanto enriqueceu, em diversos ramos do saber, a nossa Terra! Lendo e relendo o brilhante discurso da Acadêmica Rosa Mendonça de Brito, com que o saudara em sua posse acadêmica, encantei-me com a diversidade de seus envolvimento culturais: como jornalista, escritor, professor, pesquisador, acadêmico... Ao dissertar sobre ele, a rigor a oradora se estendera sobre a própria história cultural do Amazonas! Porque ambas as dimensões se entrelaçam, admiravelmente! Como me teria fascinado acompanhar-lhe os passos, a um só tempo aprendendo e me dando também a alegria da vida! A ciência, por mais que venha avançando, como se estivéssemos num mundo de ficção, ainda não nos permite recuar no tempo e reviver o passado... Vejo-me, portanto, na contingência de reconhecer que não posso compartilhar com a

história vivida por Narciso Lobo... Como superar esse impasse em que me encontro? 115

Se não resvalo na deselegância, dirijo-me à eminente Acadêmica Rosa Mendonça de Brito e lhe peço: para homenagear meu antecessor, sem o improvisado de quem não sabe, permita-me que eu faça minhas as suas palavras, a um só tempo verdadeiras e brilhantes!

Seja-me lícito também ressaltar a gentileza do ilustre escritor Manoel Roberto Lima Mendonça, que disputou comigo a honraria de ter acesso à Casa de Adriano Jorge! Posso confessar-lhes que me causou estranheza a decisão generosa com que os eminentes Acadêmicos me agraciaram. Pois em verdade, pelos méritos literários do concorrente, até onde os vejo, razão de sobra lhe cabia o direito à precedência! Porém hoje entendo, com maior clareza, quanto na Academia Amazonense de Letras os símbolos se enaltecem... Há muitos anos, para festejar a juventude consagrada de Thiago de Mello, se apressara a cingir-lhe a fronte com os lauréis... Agora, com a sabedoria de sempre, os seguidores de Heliodoro Balbi vêm mostrar-me que o Ocaso também se ilumina numa incomparável festa de cores, que às vezes nos deslumbra... O fato é que, talvez por ver-me já nas curvas do Amanhã, a Casa de Péricles Moraes esteja tendo a fidalguia de acolher-me com as ramagens do mulateiro, para que tudo se renove em mim, e me envolva com as insígnias da "imortalidade"... Eis porque a recebo, orgulhoso, Senhores Acadêmicos, feliz por saber que, a cada dia, o sol outra vez vai nascer... No fundo estou a festejar dois momentos da mesma verdade: os de hoje, quero dizer dos que há pouco chegaram... Por isso esta Casa remoça... Os de ontem, por isto esta Casa é perene... É a força do símbolo. Porque o símbolo tem alma.

Caríssimo Presidente, chegando à palavra final, permita-me que lhe dê o testemunho de quanto esta Noite me engrandece, por mais que finja não perceber, com o carinho da nossa Terra... Mas, não posso guardá-la tão só para mim! Pois esta Noite vem de longe! Em nome dessa verdade, quero dividi-la com Lygia – o Ser Sublime que pelo Amor nos transfigurou a vida e nos uniu para sempre no Amanhã que se renova.

## — Saudação

*posse do acadêmico* ALMINO AFFONSO

Não sei se apenas em decorrência da circunstância de eu ser um amigo de muitas luas, do brilhante intelectual que nesta noite nos concede a honra de passar a integrar os quadros históricos deste Sodalício das letras amazônicas – o que vale, e muito, para mim –, como expressão do imenso valor de uma autêntica amizade, ou se tornado real o acontecimento pela ação onipresente da influência de muitos vultos paradigmáticos que outrora enobreceram a secular existência desta Casa, coube a mim a suprema honra de ser eu a estar aqui, nesta noite, neste púlpito das letras amazonenses, para saudar o ingresso em seus quadros, da expressiva manifestação humana de inteligência, dedicação e coragem, dotes consubstanciados na pessoa de Almino Álvares Affonso.

Tenho a modéstia de admitir, de todo coração e com a mais absoluta sinceridade do meu modo de ver e pensar, que nos quadros desta Academia existem companheiros com mais parâmetros intelectuais para dar conta desta missão. Não importa, no entanto, esse detalhe na consecução dos fatos, pois também admito que o enorme conhecimento que tenho da vida pregressa do irmão recipiendário, concede-me o aval para a minha presença nesta tribuna, a fim de saudar condignamente a chegada desse caboclo extraordinário ao nosso convívio. Eis, portanto, o que buscarei fazer, com humildade, eivada no entanto da certeza de que o meu coração só estará dizendo verdades que ecoarão na plena aprovação dos respeitáveis ouvintes.

Nascido há 81 anos na cidade amazonense de Humaitá, foram os seus pais Bohemundo de Souza Martins Álvares Affonso e Dolores Monteiro Álvares Affonso. O coração e ao maior lhe deram em casamento a também cabocla Lygia de Brito Álvares Affonso, esta, infelizmente hoje ausente, convocada que foi pelo Senhor, depois de

encher de felicidade o seu esposo, com a presença dos filhos Rui, Sérgio, Gláucia e Fábio. Fez seus estudos secundários, colegiais e universitários em Manaus, nos colégios Dom Bosco e Estadual do Amazonas, tendo iniciado a sua formação superior na Faculdade de Direito do nosso Estado, e concluído na sua congênere de São Paulo, na qual, por escolha unânime dos seus colegas formandos, foi o orador da diplomação. Já se pode sentir, nessa altura da existência daquele moço, o seu poder no campo de oratória.

No Amazonas, durante os seus estudos, foi presidente do Centro Cultural Heliodoro Balbi e teve numerosas poesias publicadas na saudosa página literária dominical do *Jornal do Comercio*, assim como participou com escritos em *A Crítica*. Tem livros editados em Manaus, pela Editora Valer, tais como *Comendador Monteiro*, *Tronco e Ramagens* e *Verso d'água doce*. Foi, também, presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito do Amazonas. Em São Paulo, para onde se transferiu ainda jovem, em busca de crescimento intelectual, foi presidente da União Estadual de Estudantes; vencedor do Concurso Nacional de Oratória da 11ª Semana de Estudos Jurídicos do Brasil; membro da Academia de Letras da Faculdade de Direito; orador da turma dos bacharéis de 1953 e orador oficial no 50º aniversário desse grupo de estudantes.

Antes de se tornar advogado, tentou o jornalismo, em Manaus, naqueles órgãos já por mim mencionados, mas embora tendo sido revisor e repórter, a sua praia era, na realidade, o Direito e a política. Nesse campo começou aqui, com o apoio dos seus conterrâneos, elegendo-se deputado federal em 1958, aos 28 anos de idade; foi ministro do Trabalho e Previdência Social quando vivia o seu 33º ano de existência, tendo sido o titular mais jovem daquela importante pasta. Foi líder do Partido Trabalhista Brasileiro, na Câmara, tempo durante o qual exerceu oposição ao governo de Jânio Quadros. Foi líder também, naquele órgão, no governo João Goulart, tendo comandado a luta contra os três ministros militares de então, que, com a cobertura da União Democrática Nacional, antes tentaram impedir a posse de Jango na Presidência da República; liderou a aprovação do primeiro Estatuto dos Trabalhadores, assim como da lei que instituiu o 13º salário; combateu pela lei que disciplinou a remessa de lucros do capital

118 estrangeiro para o exterior e se entregou com firmeza e decisão à luta pela reforma agrária. Mas o ponto maior de sua ação na liderança do governo foi em relação ao Amazonas: a aprovação da lei que assegurou a isenção do Imposto de Renda, durante 20 anos, para os empresários que se dedicassem, em nosso Estado, à importação de indústrias que beneficiassem a juta, a borracha e óleos vegetais. Lutou pela obtenção, por meio do orçamento de 1960, dos recursos que permitiram a construção da Usina Termelétrica de Manaus, uma batalha que contou com a brava colaboração de Artur Virgílio Filho, também deputado federal à época. Quebrou lanças pela instituição do plebiscito popular, ou seja, a vigência da Democracia participativa ao lado da Democracia Representativa. Foi, assim, um deputado extraordinário.

Almino Affonso é considerado, sem nenhum favor, um dos maiores oradores do Brasil. Na Câmara Federal ele era comparado aos grandes oradores da antiguidade, qualidade que, mais tarde, ao longo de sua carreira política, os amazonenses iriam não só tomar conhecimento como aplaudir e se orgulhar daquele caboclo saído de Humaitá, que se tornara, por assim poder fazê-lo, uma das vozes mais eloquentes do Brasil.

A dignidade pessoal de Almino Affonso, pela sua condição de um homem público inatacável durante toda uma existência, tornou sua vida um exemplo que deveria ser imitado na política brasileira, mas infelizmente não é. Andar ao seu lado nas ruas proporciona alegria para qualquer amigo seu. Nas ruas e em toda parte, seu caráter e sua honestidade são destacados em voz alta e isso, além de ser natural, é incoercível motivo de orgulho para ele, e o é, também, para os amigos que estão ao seu lado.

Um dia, disse-me o novo acadêmico, que mora em São Paulo, em apartamento alugado. E mais: que ao morrer, ele não deixará inventário, pois nada tem a legar. Quando foi para o longo exílio, nos eventos de 1964, durante um ano, até que montasse com ajuda de amigos nos países que o abrigaram, condições de sobrevivência, foi sustentado e pôde assim sobreviver, com contribuições modestas de amigos, enviadas também para Lygia que, heroicamente, lutava pela família.

No campo literário, tem doze livros publicados, aí se incluindo coletâneas de discursos parlamentares e conferências.

Atualmente ele se entrega à elaboração de um livro com as suas memórias de 1964, o que espera concluir até fins deste ano. Trabalha também em um livro de memórias onde, dentre outras facetas de sua vida, pretende inserir os tempos de seu amor apaixonado e da sua existência ao lado de sua saudosa Lygia, cuja companhia, ainda hoje, nas lembranças auridas dos tempos felizes vividos juntos, oferece razões para a recordação de muitas alegrias.

Esse livro levará o título de *Testemunho de Amor*.

O seu acervo de obras relaciona: *Movimento Chileno* (1972); *Chile: Reforma Agrária e Gobierno popular* (1973); *Espaço entre farpas* (1980); *Em defesa da Dignidade da Função Pública* (1983); *Raízes do golpe: da crise da legalidade ao parlamentarismo* (1961/1963); *Parlamentarismo e governo do povo* (1993); *Almino Affonso, Tribuno da Abolição*. Edição do Senado (1998); *Viagem às Raízes; Versos d'água doce* (2000); *Palavras ao Tempo* (2001); *Da Tribuna ao Exílio* (2003); *Comendador Monteiro, Tronco e Ramagens* (2004); *Na curva do amanhã* (2009).

Na área de atividades profissionais se destacam Banca de Advocacia no fórum de São Paulo – períodos de ação: 1953/1958; 1977/1982; 1994/1997; e 1999/2005.

“Expert” da Organização Internacional do Trabalho (OIT/ONU) 1973/1974).

Professor na Escola de Agronomia da Universidade Católica do Chile, de 1972 a 1973.

Diretor da Escola Latino-Americana de Ciência Política e Administração Pública, no Chile, em 1973; idem em Buenos Aires, Argentina, de 1974 a 1976.

Presidente do Conselho Consultivo da Faculdade Latino-Americana de Ciência Social.

Além de ministro do Trabalho, também foi secretário de Estado dos Negócios Metropolitanos de São Paulo, de 1983 a 1986; conselheiro da República, de 2003 a 2006.

Assessor especial do governador José Serra, de São Paulo, em 2009.

Secretário de Estado de Relações Institucionais de São Paulo, em 2009 e em 2010.

Vice-governador do Estado de São Paulo, na legislatura de 1987 a 1991.

Em meados deste mês de março teve as suas numerosas titulações honoríficas acrescidas com a de *membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Sorocaba*, em São Paulo.

Esse é o homem que está diante de nós nesta noite, merecendo sob todos os títulos, o engajamento nas hostes pacíficas e honradas deste Silogeu. Que Deus o mantenha entre nós, irradiante as luzes da sua inteligência, por muitos e muitos anos.

✦ ARLINDO PORTO



{ *alguma* POESIA }

## — O salto

MOACIR ANDRADE

*À memória de João Crisóstomo*

Sob o céu calmo à luz do ocaso,  
a flor se abre.

Pura transparência  
dentre pétalas de ouro e prata,  
líquidas estrelas.

Surge o peixe – esguio – gracioso salto,  
sob o brumoso sol de brilho flutuando.

De volta ao rio,  
o nauta num mergulho eriça a água  
de véus e suaves  
círculos concêntricos  
e reintegra-se às sombras abissais.

*Do livro Portais*

## — Poemas de ontem

JORGE TUFIC

O mundo não para.  
O próprio olhar que se deita  
ao sol da paisagem,  
revela como tantas outras  
habitam na  
provisória geometria  
de ventos e  
chuvas.

II

Sou refém  
dessa janela,  
refém das queixas  
que sobem  
de rotos telhados.  
Refém da tarde  
nova, auxiliar  
dos martírios.

III

O poeta é um barco  
por ele mesmo  
desnavegado.  
Se acontece haver porto,  
outros portos flutuam  
de atlântidas  
submersas.

IV

A luz se  
 confere nos  
 sete degraus  
 de escamas  
 que fazem  
 da lenda  
 esta voz  
 esquiva entre  
 os olhos da  
 Cobra e a  
 sombra dos  
 peixes.

V

Remansos aéreos  
 de água e solitude.  
 As telhas restantes  
 nas casas deste bairro  
 destacam as torres  
 do tabuleiro urbano;  
 e vão engolindo  
 os peões, cavalos, reis,  
 rainhas e lagartixas.

VI

Eis-me diante do  
 enigma – que de  
 tão claro  
 se planta  
 na raiz da  
 cenário.

O sol e a dança  
 imóvel da  
 luz, como se  
 tudo  
 partilhasse de  
 mim.

VII

Pincel solar intenso  
 desmaia a pedra  
 em seu brilho  
 fugaz e duro:  
 como esta  
 rua que  
 some  
 a cada outra  
 que lhe vem  
 depois.

Clarão solar  
desvela as  
ruínas que,  
de passagem,  
vão-se adiando.  
Tal qual nos  
ossos o  
trânsito livre  
das janelas e  
tardes  
vazias.

## IX

Ao selo deste  
fulgor vespéral,  
adejo com as  
aves que  
migram  
para outros  
poemas.

## X

Nenhuma nuvem  
se liga ao chão  
de tuas larvas,  
de teu  
desespero.  
Nenhuma chuva  
lava a  
sentinela  
de tua morte.

Nenhuma rosa  
perfuma a  
solidão que  
te liberta.

XI

Os achados  
poéticos  
raros, se  
nutrem do  
excesso:  
palavras e  
coisas,  
amuletadas e  
frias.  
Que nome  
tirar-se, afinal,  
de baixo de  
seu clarão?

XII

Fragmenta-se a  
pedra, frag  
menta-se o  
ar,  
fragmenta  
se o  
texto, frag  
menta  
se

XIII

É um cacto urbano  
a imagem do  
branco e do  
cinza, a  
elevar-se  
do chão  
entre lagartos  
e nuvens.

XIV

Agora é a  
solidão  
que a penas  
se move.

## — Evocação

LAFAYETTE VIEIRA

Evoco, hoje, numa esplêndida lembrança,  
que guardo entre os lauréis deste viver hodierno,  
a triste vila, onde morei, quando criança,  
à luz do protetor e meigo olhar materno.

Um tempo que se vai e que nunca mais se alcança,  
qual um trem que se a fasta e nos leva o eterno  
candor dos juvenis sonhos de esperança,  
e nos deixa a saudade atroz do lar paterno.

O rio, o igarapé gentil d'água parada,  
o mugido dos bois e o luar da madrugada  
broslando da campina os verdes matagais.

Tudo isto já passou. Meu pai partiu de branco  
pra uma viagem que, embora eu o espere no barranco,  
seu barco, ó minha mãe, bem sei, não volta mais!...

*Manaus, 9 junho1943*

## — Cantopranto para Nicolás Guillén

ALENCAR E SILVA

Ao poeta Farias de Carvalho

Agora, Guillén, que és morto  
e o sol da glória já vela  
sobre o teu túmulo, justo  
é que repouses, guerreiro.

Cercam-te os ventos do mar,  
cercam-te cantos e prantos  
do teu povo, alma noturna  
dos violões do luar.

Uma voz passa a cantar  
e a cantar diz por quem é:  
*Luna fria por la noche,  
madrugada sin café.*

Por noites frias de lua  
te vais agora a dormir.  
Inda a sonhar com teu povo?  
Se ainda precisa de ti?

Dorme, guerreiro, teu canto  
gira na rosa dos ventos,  
parte de todas as pétalas  
e poliniza este pranto

que verto, Guillén, por nós,  
nós outros meninos negros  
que aqui nos quedamos órfãos  
de teu canto, de tua voz.

*Dorme, guerreiro, que as pétalas  
de la rosa-de-los ventos  
caem como gotas de sangue  
sobre a América do Sul.*

## II

Em meu país reina a noite.  
Há muitos milhões de *niños*  
(e quase todos negrinhos)  
entregues à própria sorte.

Sem lar, sem pão, sem escola,  
discriminados e mudos,  
a eles nega-se tudo:  
não se lhes dá nem esmola.

Nega-se o afago, o olhar,  
a palavra boa, a mão  
que os poderia afastar  
do abismo da perdição.

Nega-se-lhes tudo, enfim,  
até o dom de viver.  
Como a dizer: Gente assim  
só serve para morrer.

Lembras-te? Um dia um menino  
negro foi assassinado  
por mirar branca menina  
que caminhava a seu lado.

Se o menino assassinado,  
sua camisa de domingo  
e sua entrada para *el cine*  
gritam em meu coração,

mais gritam, Guillén, em nós  
os que se vão a passar  
sob os dobres de finados  
dos carrilhões do luar.

Dorme, guerreiro, teus cantos  
voam nos ventos do mar  
como a alma do teu povo  
nos violões do luar.

Mas, não: no alto inda velas  
como solitária estrela  
no fundo frio de um céu  
que de luto escureceu.

*Do livro Sob o Sol de Deus*

## — Ode às mãos trabalhadoras

ELSON FARIAS

As mãos que me ofereces trazem traços  
dos trabalhos da terra e dos trabalhos  
da casa, das fatias de cebola,  
o sal, os dentes de alho esmigalhados.

As mãos que me ofereces construíram  
a palavra e a postura do homem sábio,  
teceram a túnica do Senhor,  
do bom samaritano o vestuário.

Se fizeram tudo isso, com que graça  
elas compõem música e poesia,  
alinham uma oferenda de flores,  
as mesas ornamentam para as festas!

Balde de cuia na beira do rio,  
paneiros de farinha toco-mole,  
mãos hábeis os urdiram e talharam  
com os dons de um costume que não morre.

Ensinaram a sorrir as criancinhas,  
a dor dos indefesos mitigaram,  
carinho, norte do desorientado,  
luz do cego, Tabor do desespero.

As mãos que me ofereces me transmitem  
a certa lição de que é preciso  
compor, para que a vida nos alegre,  
na flor da terra o sopro bom do espírito.

*Do livro em preparo Sons de Lira Antiga.*

## — Colo de Pai

CARMEN NOVOA SILVA

vão-se  
nossos colos,  
amores primeiros...

colo de pai  
é assim: grande  
para caber tanta ternura.  
único,  
como ninho nas de águia  
nas alturas abismais.

do alto dele  
eu-gigante!  
abraçando plenitudes  
beijando o azul.

um dia fiel  
que os anos colecionam,  
leva nossos colos  
para sempre.

colo de pai  
tinha que ser eterno!  
como primeiro amor  
no peito do solidário.

## — Soneto de um novembro findo

FRANCISCO CALHEIROS<sup>1</sup>

A mim me resta apenas o desejo  
de perecer, seguindo algum espaço,  
de naufragar na busca do que faço,  
de reviver da forma em que me vejo

um flagelo de homem de tristeza,  
proletário de um mundo sem sentido  
que, quanto mais se busca, se é vencido  
pelas farpas do tempo da pobreza.

Que me resta, senão a própria morte?  
O fim, somente o ocaso faz-se eterno,  
num horizonte assim a me ocultar.

A mim me restará também a sorte  
de um homem que não soube ser moderno,  
mas que viveu somente para amar.

*Manaus, 1993.*

*Do livro Canções de novembro e algumas preces.*

<sup>1</sup>. Fundador e presidente da Academia Itacoatiarense de Letras.

{ DIÁLOGOS QUALIFICADOS }

## — A Utopia Cristã

MAX CARPHENTIER<sup>1</sup>

É um momento de comunhão na verdade e na beleza os sábados em que nos encontramos em torno de temas tão interessantes como os dos *Diálogos Qualificados* da Academia. Coube-me um diálogo na fé, que os organizadores deste evento batizaram de *A Utopia Cristã*. Com gratidão falarei desse tema, porque muitas foram as revelações antigas, e novas revelações, que me visitaram quando eu o revia e o estudava. O tom desta minha participação se dará buscando o equilíbrio entre a reverência do púlpito cristão e o ritmo comum à tribuna acadêmica. Vejamos.

<sup>1</sup>. Palestra proferida em 20 de setembro de 2008.

### — UTOPIA

Como se sabe, a palavra utopia significa, em grego, “não lugar, lugar que não existe”. O termo tornou-se muito conhecido depois que Thomas More ou Thomas Morus ou Tomás More publicou, no século 16, o seu livro *A Utopia*. Esse livro, inspirado na *República*, de Platão, fala de uma ilha imaginária, chamada Utopia, onde os habitantes souberam, racionalmente, explorar os meios econômicos, distribuir a riqueza, viver em paz. O que Morus prega nesse livro é um projeto humanista de transformação social, é a busca de uma vida digna, com a superação da pobreza e das desigualdades. O filósofo, mártir santificado pela Igreja, estudou os defeitos graves da sociedade do seu tempo e, na ilha dos utopianos, ele apresenta a solução para tais problemas, a partir da racionalidade, da atitude de igualdade e de respeito ao próximo. A influência das ideias de São Tomás More foi tamanha que elas geraram outras, vamos dizer, outras grandes utopias como o Iluminismo e o Socialismo.

Baste isso, Senhores, para notar que as utopias nascem sob o signo das transformações necessárias, do melhor, do perfeito, da ideia de justiça e de felicidade, de tudo que de melhor inspira a humanidade em seus avanços e recuos no dinamismo da evolução. Avanços intermináveis no espaço da história. Recuos que não são terminativos, parecem mais a estratégia de um processo para corrigir e aperfeiçoar. Bem estudadas, as utopias da humanidade carregam em sua compleição, em suas formulações, em suas soluções, aquela nossa inclinação maravilhosa para continuamente realizarmos-nos em planos mais elevados, para incansavelmente transcendermos quaisquer limitações do espaço-tempo. Graças a Deus, as utopias não nos dão repouso, aquela falsa paz que se contenta com horizontes estreitos. Nós somos habitantes de um universo que, por amor, se desdobra. Só por amor se desdobra. Somos, portanto, habitantes de um infinito que ama. As aspirações mais profundas do nosso coração compõem a ponta de uma seta fascinada que quer romper e conhecer, e levantar, todos os véus do mistério, até que, construindo e reformando, progredindo, sempre mais belos na sucessão das civilizações, cheguemos a compreender que o que fizemos foi dar voltas ascendentes dentro do coração de Deus. Deus desconhecido, finalmente amado, visto e compreendido.

#### — SONHO PERMANENTE

O meu objetivo até aqui, Senhores, foi evidenciar, talvez até resgatar, para alguns, o sentido sério, profundo e interminável da palavra utopia. Só assim, investida dessa dignidade, é que a palavra utopia pode se justapor à palavra cristã, aproximar-se dela como substantivo para então ser transfigurada pela qualidade de grau a que é imediatamente elevada pelo contato com os significados inexcedíveis do adjetivo.

Utopia não é sonho irrealizável. Utopia é sonho permanente. Busca de transcendência. É o nome da dinâmica que arrasta as sociedades aos confins harmoniosos e sucessivos de suas possibilidades, no transbordamento das potências de tudo que é humano sob a inspiração, às vezes mais próxima, às vezes mais distante, do divino. É um processo

conjunto do divino-humano. É mais coisa de santo que de louco, mais coisa de justos que de injustos. Coisa de homem, com todas as implicações de sua natureza de argila caprichosa e de sagrado Sopro. O fato de as utopias, às vezes, terem sido puxadas ladeira abaixo, e se perdido na deformação de ideologias que serviram a políticas desastradas, não as diminui. A beleza e a verdade que dinamizam o seu âmago é muito superior aos erros que as esquinas da história cometem em sua periferia ou desdobramento passageiro.

#### — A ESPERANÇA CRISTÃ

As palavras, naturalmente, fazem a mediação entre os níveis conceituais. Para entender um conceito maior ou mais complexo, eu preciso ao menos de uma palavra do conceito menor ou menos complexo. Assim, uma palavra pode servir de asa que suspende de um conhecimento a outro conhecimento, de uma realidade a outra realidade conceitual, de um sonho a outro sonho. Então, quando digo utopia cristã, a palavra utopia, em contato com a palavra cristã (repito isso para o meu próprio entusiasmo), a palavra utopia supera seus mais belos anseios, suas mais impossíveis tentativas, suas mais alentadoras buscas, porque encontra um vértice que a predispõe e a realiza num ponto de convergência que pertence a Deus, querido, esperado e realizado por Ele mesmo dentro da comunhão divino-humano. Esse vértice, Senhores, o novo significado, a nova palavra gerada pela junção da palavra utopia com a palavra cristã chama-se esperança. Esperança talvez seja a única palavra que, em termos de potência a se realizar, comporta o sonho de Deus e o sonho do homem, porque o homem espera de Deus mas também Deus espera do homem, e todo o universo, toda a matéria, conforme entendo em Teilhard de Chardin, existe e evolui se santificando, carrega uma esperança operativa de completa santificação. Por isso, “a evolução é santa”. Então, quando digo utopia cristã, melhor será que ouçam esperança cristã. Peço licença agora para, sem rigor sistemático, dividir a esperança cristã em dois grandes eixos, dois grandes destinos, dois graus interativos do mistério, duas faces da mesma esperança, que são o Reino de Deus e a Jerusalém Celeste.

Muito se usa a expressão Reino de Deus, o advento do Reino de Deus, em variados contextos e significados. Vejamos alguns conceitos em torno do assunto. Primeiro, perguntemos: Que Reino é esse que o Antigo Testamento anunciou e que, enfim, Jesus proclama, diz que está próximo? Trata-se, antes de tudo, Senhores, do poder inesgotável universal de Deus Criador, Senhor da vida, Rei, Pai de todos os povos. Trata-se do império da graça. Recordemos: No Antigo Testamento, Deus governava o seu povo, lhe falava por intermédio de simples homens. Depois da Encarnação, ele o faz por intermédio do seu próprio Filho, Jesus, que participa plenamente da sua divindade. Ainda que categóricos, cessam os intermediários, e Deus vem, em seu Verbo Encarnado, iluminar e reger os homens. Por isso, dizia Jesus: O reino de Deus está no meio de vós. Isto quer dizer, ouvintes: Já não é tempo de expectativa, de esperança que apenas suspira; o Reino já veio e está presente em Cristo, que o instala ao manifestar os desígnios do Pai para a salvação dos homens, e inicia esta salvação com as suas obras. É contudo um reino diferente, tão real quanto misterioso, que nada tem em comum com a estrutura dos reinos terrenos, territórios ainda de pouco amor, visto que estes se impõem pela riqueza e pelo poder exterior. É neste sentido, da superação ideal das nossas contingências, que o Reino de Deus não pertence a este mundo. O carmelita Gabriel de Santa Maria Madalena assim o define: “É um reino espiritual, que abrange os valores profundos do espírito, toma o homem em sua parte interior, transformando-o em filho de Deus e, portanto, em cidadão do Reino”. Do apóstolo Paulo nos vem a seguinte definição: “O Reino de Deus é justiça, paz e alegria no Espírito Santo”.

E qual é o caminho, o método, o estatuto do Reino que conduz a essa justiça, a essa paz, a essa alegria? Primeiro, o cumprimento dos Dez Mandamentos resolve a questão da justiça. Depois, o Sermão da Montanha, elevando a justiça e transformando-a em amor, resolve a paz e a alegria. Talvez se possa dizer que os Dez Mandamentos são obra solitária do Pai, para nos proteger; e que o Sermão da Montanha é obra do Filho junto conosco, para nos santificar. Entre os Dez Mandamentos, que é uma espécie de certificado da nossa juventude espiritual, e o

Sermão da Montanha, que é a certidão de nossa quase maior idade, há um traço de união e de elevação, que é o mandamento de amar o próximo. Sem amar o próximo não se passa da justiça da lei ao amor da lei. É preciso dizer: Se o ponto mais alto da justiça dos homens é a liberdade, o ponto mais alto da justiça de Deus é o perdão, e assim se passa de toda a justiça para todo o amor.

E como se dá o desenvolvimento desse Reino? Dizemos que o Reino de Deus se manifesta lucidamente aos homens na palavra, nas obras e na presença de Cristo. Expande-se da manjedoura, passando pela cruz, interminavelmente. Foi na parábola do sementeiro que Jesus encontrou um dos meios de explicar o seu Reino. Recordemos: “Todo aquele que ouve a palavra do Reino e não a entende, vem o Maligno e arrebatá-lo que foi semeado no seu coração. Esse é o que foi semeado à beira do caminho. O que foi semeado em lugares pedregosos é aquele que ouve a Palavra e a recebe imediatamente com alegria, mas não tem raiz em si mesmo, é de momento: quando surge uma tribulação ou uma perseguição por causa da Palavra, logo sucumbe. O que foi semeado entre os espinhos é o que ouve a Palavra, mas os cuidados do mundo e a sedução da riqueza sufocam a Palavra e ela se torna infrutífera. O que foi semeado em terra boa é aquele que ouve a Palavra e a entende. Esse dá fruto, produzindo à razão de cem, de sessenta e de trinta”. A palavra entende aí, Senhores, vai além do literal, significa aceitação, abraço, entrega incondicional. Então a palavra do Senhor é comparada à semente. A boa terra do coração, quando a recebe e a aceita, cobre-se de fertilidade, transforma-se em território do Reino. Por isso se diz que o Reino já veio e ele acontece aqui, interiormente, em nosso agora. Acontece todo dia, a cada dia, a cada geração, em todo século, em duração indefinida, e isso é assim porque é lenta a aparição do homem novo, e mais lenta ainda a comunidade nova do homem novo. Individualmente, quando e quantos homens já atingiram o apogeu da virtude, o esplendor de sua potencialidade humana, fizeram-se verdadeiros cidadãos do Reino. Coletivamente, contudo, a humanidade ainda está nos tropeços da livre adolescência. E não é possível sem pensar no triunfo do Reino, se não for em termos coletivos, porque o Reino de Deus é ombro a ombro, lado a lado, é comunhão entre os homens. No Pai-Nosso, diariamente dizemos: Vinde a nós o vosso Reino”. Aí

referimo-nos principalmente à vinda final do Reinado de Deus mediante o retorno de Cristo, mas referimo-nos também à edificação do Reino no tempo da nossa existência, por entre as decadências das coisas e sistemas transitórios. Quer dizer, o Reino de Deus existiu e existe antes de nós, já veio e está em construção, já veio e ao mesmo tempo se espera. Esse é o dinamismo da perfeita esperança. Nós construímos e esperamos, corrigimos e avançamos, diante do chamado de uma plenitude final, porque todo século, cada século sempre traz um desafio, um desalento, uma matéria, que precisa ser entendida, superada, plasmada, santificada. Implicados nesse caldeamento que se transforma e ascende, temos como inspiração e como cuidado a nossa condição de filhos do Amor, destinados a coexistir naquele ponto da eternidade que é nosso Alfa e o nosso Ômega, diante da Trindade. Não nos desalentemos se determinadas faces da realidade atentam contra a nossa esperança; se determinados registros da História parecem indicar o retorno das mesmas decadências. Não são as mesmas. Vivemos numa espiral evolutiva em que nunca passamos exatamente pelo mesmo ponto, mas ascendemos em gradação inapelável. Não somos súditos de nenhuma interpretação da História que não nos veja triunfantes, simplesmente porque a História não tem categoria para dizer o que o Mistério pode ou não pode fazer. Nossa responsabilidade, que leva ao limite de nossas capacidades, é tão grande que ela mesma deve ser fonte de mais e mais força, mais e mais esperança, mais e mais orações e obras, porque somos, ao mesmo tempo, herdeiros, construtores e cogestores do Reino. Nosso Catecismo ensina, dizendo: "Num trabalho de discernimento segundo o Espírito devem os cristãos distinguir entre o crescimento do Reino de Deus e o progresso da cultura e da sociedade em que estão empenhados. Esta distinção não é separação. A vocação do homem para a vida eterna não suprime mas reforça seu dever de acionar as energias e os meios recebidos do Criador para servir neste mundo à justiça e à paz". Portanto, Senhores, construamos o Reino enquanto o Reino se realiza e vem, sabendo que cada conquista do agora e do sempre é que nos torna dignos da realização final e eterna. Realizemos e proclamemos o Reino que está aqui diante de nossas mãos, nas expectativas da terra, com as almas de olhos postos no Reino, nas expectativas do céu. E sejam marcadas as nossas obras pela graça divina.

O Reino de Deus, Senhores, tem (vamos dizer, sob licença poética e para facilitar a compreensão) uma capital. Sim, tem uma cidade como sede, uma única e inexcedível capital, chamada Cidade de Deus, Cidade Santa, Jerusalém Messiânica, Jerusalém Celeste, o nosso lugar definitivo, a pátria dos eleitos, que já existe no horizonte cristão como promessa e como esperança. Para termos algum acesso à compreensão da sua natureza, recordemos: O homem pastoril, nômade, o escravo da transumância, logo verificou que existiria melhor, que trabalharia melhor, talvez até que melhor rezasse, se estivesse reunido, se estabelecesse com o seu próximo um quadro de serviço e de permuta; se estabelecesse um local de encontro, referência duradoura no espaço, que pudesse acolher não só as dificuldades, a solidão, as insuficiências, mas também os planos existenciais, as buscas, as alegrias de todos. Sentiu o homem que seria maior e mais completo, mais denso e mais ágil em suas expectativas, se adotasse uma dimensão que o colocasse a todo instante em face de si mesmo, em que se reconhecesse, em que se dilatasse, uma dimensão aglutinadora, mas também múltipla e dispersa como ele próprio. Nasceu assim a pólis, a urbe, a cidade. Cidades que povoam os desertos da Bíblia. E tivemos Babel, a da torre que confundiu as línguas; Tiro e Sidon, as mercadoras de tecidos e púrpuras. Sodoma e Gomorra, símbolos dos vícios. Tivemos Babilônia, a rameira dos jardins suspensos. Tivemos a Jerusalém dos profetas. Em todas elas, as cidades antigas; em todas elas, as cidades modernas, antes como agora, o homem acampou na cidade os seus ídolos, os seus anseios, os seus templos, as suas oficinas, os seus crimes, o sua indústria, a sua fé, a sua esperança. Toda cidade, refletindo o homem, é um enlace de contradições, uma tensão dialética que transborda no curso das revoluções, na sucessão das ondas civilizadoras, nos projetos políticos, nas ruínas que sucedem a ruínas, no tumulto de soluções e problemas do homem e sua paisagem. A história da urbanização, transcrevendo a saga do homem para conviver, talvez seja o mais dramático e contraditório capítulo da evolução. Já se vê assim porque a cidade, sendo o palco maior da nossa história, o mais escancarado, o mais promissor, o que é a síntese, mereceu e merece a reflexão do gênio humano, do

profeta ao arquiteto, do rei em seu palácio e do mendigo em sua tenda; do crente em sua igreja e do malfeitor em sua cela; do juiz e seu código e do guerrilheiro e sua faca. Tudo uma história de contradições, porque a necessária contradição, em sua esteira de teses e de antíteses e muitas vezes com o nome de coerência, ou obstinação, ou sonho, é o método mais visível com que construímos a História. Nas páginas bíblicas temos em Jerusalém o exemplo de avaliação contraditória do que conseguimos com as cidades. O salmista cantava assim: “Se me esqueço de ti, Jerusalém, que me paralise a mão direita; que me cole a língua ao paladar, se não me lembro de ti, se não ponho Jerusalém no cume das minhas alegrias”. Tempos depois, Jesus se indignava e repetia: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha recolhe os seus pintinhos debaixo das suas asas, e não o quisestes”.

No entanto, não cessamos de amar nossas cidades, ou melhor, de nelas vivermos todos os nossos amores, os nossos ideais, os destinos dos nossos encantamentos e realizações, século após século, embelezando-as, corrompendo-as, alargando-as, destruindo-as, por entre quedas e apogeus. Da prancheta ao tubo de ensaio, das caravanas perdidas ao metrô de alta velocidade, dos dramas do asfalto à paz dos museus, temos com elas desestudados vínculos umbilicais, trocas afetivas vitais em cada esquina, porque elas são a pele de pedra comum a todos nós, são nossa extensão orgânica e psicológica, nosso pecado e nossa virtude nas tentativas da indispensável comunhão. Por isso não cessamos de senti-las, de estudá-las, de querê-las, acertando e errando, como se esculpíssemos nas ruas uma imagem inacabável de nós mesmos. Platão e Aristóteles abriram para as cidades os horizontes ideais da democracia, lançando os fundamentos da cidadania. Santo Agostinho, na sua monumental *Cidade de Deus*, combateu por elas, escoldendo-as dos comportamentos pagãos, harmonizando liberdade e fé com o nosso destino santo. O dominicano Campanella, na sua *Cidade do Sol*, aproveitando as luzes do Renascimento, tenta “conciliar os dogmas cristãos com as novas concepções políticas e religiosas”, pacificando a cidade. Fustel de Coulanges torna-se indispensável para a compreensão da cidade antiga. Sociólogos da altura de Max Weber, estuda-a em suas variáveis sociológicas. O extraordinário Saint-Exu-

péry constrói a sua Cidadela sobre os alicerces das dignidades mais belas da natureza humana. Le Corbusier sonha a sua “cidade verde” e reduz todos os problemas a uma estrela de bulevares. Oscar Niemayer deu-lhe asas, deu ao concreto um coração de pássaro. No entanto, nada disso bastou; ou foi superado ou foi abandonado, ou restou improvável; nada desse esforço de intelectos e espíritos, nenhuma das melhores utopias deu-nos a cidade dos nossos sonhos. Nem a multiplicação dos templos deu paz às cidades, porque ainda gemem sem solução muitas aflições urbanas e novas tentativas de comunhão são bloqueadas por pecados velhos. Da aldeia à megalópole, logo que vencemos uma adversidade, surge outra, e isso não acontece somente pelos avanços da ciência e da técnica com seu cortejo de ânsias e de espantos, mas também porque algo em nós se recusa a estreitar nossas cidades nos horizontes da terra. É a nossa consciência social a dizer que merecemos mais. O teólogo belga José Comblin esclarece sobre isso, ao escrever: “O idealismo e o moralismo ocidentais não cessaram de opor, à experiência amarga da sociedade humana e aos desenganos dos programas políticos, o protesto vão e resignado de uma consciência moral que sabe que não é feita para este mundo”. Vejam, Senhores, nossa consciência já sabe que o mundo, cuja síntese é a cidade, não pode nos satisfazer, porque temos no céu nossa raiz invertida, que vem realmente do alto sobre as nossas cabeças, sobre o nosso coração, uma realidade viva ainda que no horizonte da esperança; e o melhor é que essa realidade da fé que nos olha e nos chama de longe, dando alento a essas cidades que temos vivenciado, é também uma cidade, quer dizer, ela não desfigura, mas aperfeiçoa, mas realiza, mas transfigura no divino o que temos de melhor e mais grandioso esperado da evolução das cidades como realização dos nossos dons de cristãos. Trata-se da Jerusalém Celeste, da Esposa do Cordeiro, da cidade onde finalmente se realiza a nossa vocação ao infinito e ao eterno. Felizmente, em nome da comunhão, continua sendo uma cidade o lugar privilegiado do nosso relacionamento com a natureza e com Deus, o lugar do nosso destino de homens chamados à verdade do Criador. Homens juntos, não dispersos, na unidade da fé e do único Espírito que nos foi dado. A Jerusalém Celeste, tão conforme os anseios do nosso coração, não é contudo construção humana, e talvez por isso mesmo nos surpreenda, por ser, ao

146 mesmo tempo, tão humanamente desejada e satisfatória e tão divinamente prometida e concebida. É, portanto, o ponto máximo da convergência do divino-humano em termos de cidade e de esperança.

— SANTO AGOSTINHO PREPARA AS CIDADES

É momento de voltarmos nossa atenção para Santo Agostinho. Ele é do século quarto, mas ainda hoje é chamado para resolver disputas teológicas, e há pontos tão sublimes em seu pensamento que não conseguimos ultrapassá-los. Entre centenas de obras que escreveu, envolvendo quase todo o conhecimento do seu tempo, está o livro *A Cidade de Deus*. Poucos se aventuraram a fazer a síntese desse monumento de palavra inspirada que discute o bem e o mal, o espaço e o tempo, a alma, os costumes, as leis, a natureza do homem e a de Deus, a vida social e a vida espiritual, a cidade antiga, a mitologia, os milagres, os anjos, a filosofia moral, e muito mais, tudo sob o influxo vitorioso e libertador da fé em Jesus. Neste ponto, leio o que Emmanuel Leão escreve sobre essa obra: “A cidade de Deus é, na verdade, uma interpretação concreta da história à luz da Fé porque, de um lado, nos faz sentir quanto a liberdade dos filhos de Deus nos desprende de opiniões, respostas e sistemas; de outro lado, liberta nosso empenho de viver de toda colagem a coisa e realizações, a bens e valores; e, por fim, desvencilha nossa libertação das lutas pela independência, seja de comunidades, seja de indivíduos”. Trata-se, Senhores, da redenção de tudo, dentro da verdadeira libertação em Deus. Os sistemas todos são necessários, têm sua hora e sua evolução, mas são precários, não respondem de uma vez por todas às nossas demandas, e nos põem num círculo de servidões sucessivas. A verdadeira liberdade acontece nos domínios ascensionais da fé.

Prossigamos: Agostinho concebe duas cidades: uma terrena, que despreza Deus, escrava do pecado; outra celeste, que ama a Deus, realizadora das virtudes. Essas duas cidades caminhavam na história, lado a lado, confundindo-se. Depois de Cristo, no entanto, essa espécie de unidade caótica é rompida, e a cidade de Deus vai-se destacando, vai vencendo, com o nome de Igreja. A Igreja, contudo, por ser feita, necessariamente, de ímpios e não ímpios, de justos e de injustos, não

é a cidade de Deus definitiva, que acontecerá no final dos tempos. No seu livro, o que Agostinho faz, de maneira gloriosa e inexcusável, é estudar, salientar e corrigir a natureza e as condições da cidade terrena; o que ele faz é sublinhar, ensinar e exaltar a essencialidade amável da cidade de Deus, como se mostrando o caminho e a prática com os quais se pode passar, e se passa, de uma à outra, da terra ao céu. Ele quer que preparemos a nossa cidade na terra ao ponto de podermos chamá-la de Cidade de Deus, mas ele sabe, que, mesmo com toda perfeição que possamos lograr, o que de mais perfeito tivermos conhecido ainda não é a Jerusalém Celeste. Esta descerá do céu no final da história da salvação. Ela não é um progresso das nossas cidades, não é filha delas, nem filha do homem, embora inspire permanentemente a cidade e o homem. Então, Agostinho aperfeiçoa a cidade dos homens, semeia a cidade de Deus, prepara-nos para a Jerusalém Celeste, e deixa a última palavra com São João, a quem tudo foi revelado.

#### — VISÃO DO APOCALIPSE

A Jerusalém Celeste... Quem a prometeu? Foi o Criador. Quem a anunciou? Foi Jesus, como último capítulo da sua revelação. Quem a viu: São João. Eis como o apóstolo a descreve nas páginas do Apocalipse: “Vi então um céu novo e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra se foram, e o mar já não existe. Vi também descer do céu, de junto de Deus, a Cidade santa, uma Jerusalém nova, pronta como uma esposa que se enfeitou para seu marido”. Depois, Senhores, um dos sete anjos da visão diz a São João: “Vem! Vou mostrar-te a Esposa, a mulher do Cordeiro”. Que divinamente humano é saber que a amada de Jesus é uma cidade, que verdadeiramente maravilhoso é ser inspirado a amar uma cidade como se ama uma mulher! E o apóstolo prossegue: “Ele então me arrebatou em espírito sobre um grande e alto monte, e mostrou-me a cidade santa, Jerusalém, que descia do céu, de junto de Deus, com a glória de Deus. Seu esplendor é como o de uma pedra preciosíssima, uma pedra de jaspe cristalino. Ela está cercada por uma muralha grossa e alta, com doze portas. Sobre as portas há doze Anjos e nomes inscritos, os nomes das doze tribos de Israel: três portas para o lado do oriente; três portas para o norte: três portas

148 para o sul, e três portas para o ocidente. A muralha da cidade tem doze alicerces, sobre os quais estão os nomes dos doze Apóstolos do Cordeiro. A cidade é quadrangular: seu comprimento é igual à largura de doze mil estádios”. Doze mil estádios, ouvintes, são 1.500 km. Um quadrado com essa extensão de lado supera toda imaginação, e essa grandiosidade remete ao ideal de união de todas as nações. Ouro e pedras preciosas, como a safira, o topázio, a pérola, a ametista compõem os alicerces, revestem a cidade. Isso é para nos dar humanamente uma imagem de seu esplendor. São João prossegue: “Não vi nenhum templo nela, pois o seu templo é o Senhor, o Deus todo-poderoso, e o Cordeiro. A cidade não precisa do sol ou da lua para a iluminarem, pois a glória de Deus a ilumina, e sua lâmpada é o Cordeiro. As nações caminharão à sua luz, e os reis da terra trarão a ela sua glória; suas portas nunca se fecharão – pois ali já não haverá noite – e lhe trarão a glória e o tesouro das nações. Nela jamais entrará algo de imundo, e nem os que praticam abominação e mentira. Entrarão somente os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro”. O que pode nos entusiasmar ainda mais, Senhores, é que a cidade também tem rio, tem praça, tem árvores. Diz o apóstolo: “Mostrou-me depois um rio de água da vida, brilhante como cristal, que saía do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da praça, de um lado e do outro do rio, há árvores da vida que frutificam doze vezes, dando fruto a cada mês; e suas folhas servem para curar as nações”. Essa cidade, como vemos, tem algo em comum com as nossas, ao menos nos elementos e significados mais puros, mas não é uma descendente das nossas cidades, não é um prolongamento do que fizemos, é um prêmio que vamos merecer. É a Cidade de Deus. Ei-la a cidade sonhada pelo Criador para compartilhá-la conosco quando a merecermos. Ei-la a fascinação final do Mistério, quando não haverá mais mistérios e a face única da Trindade passear conosco, face a face, no dia a dia da nossa eternidade. Quando virá a Jerusalém Celeste? Virá no final da História, quando acontecerá as núpcias do Cordeiro. Virá quando a tivermos merecido, isto é, quando as cidades construídas por nós refletirem nossa conversão a Deus. Ela está suspensa no horizonte, orientando as cidades da terra, e ficando cada vez mais próxima, à medida que formos crescendo em verdade e em beleza. Quando nada mais desejarmos de nossas cidades terrenas, chega a cidade do céu. A

cidade de Deus só nos chegará quando tivermos idade para vê-la. Temos primeiro de banir das nossas cidades os gemidos de obstinadas transgressões, para podermos sorrir com o último presente que Deus nos reserva. Sim, a Jerusalém Celeste é o último presente que o Criador nos dará. Presente que é um lugar, como o primeiro o foi. De fato, a benignidade do Criador para conosco começa com a oferenda do Paraíso terrestre, o Éden de Adão e Eva. Começa com um jardim. Terminará depois como uma cidade. Quer dizer, do jardim de Adão à Jerusalém Celeste, passaremos da alegria entre as flores para a salvação na Luz. Tudo sob o movimento sagrado da evolução, e tudo, incrivelmente, de acordo com os anseios mais belos da nossa humanidade, filha da Origem. A Jerusalém Celeste comporta um estudo vasto, interpretações várias, saltos no escuro, análises que vão da política à filosofia, da mitologia à mística. Fico-me por aqui, principalmente por receio de desfigurar a visão de São João. Tenho motivo para ter receio e não me estender mais. É o próprio São João que escreve a seguinte advertência de Jesus: "Se alguém tirar algo das palavras do livro desta profecia, Deus lhe tirará também a sua parte da árvore da Vida e da Cidade Santa, que estão descritas neste livro".

#### — CONCLUSÃO DA ESPERANÇA

Paremos aqui. Isso é o que mais ou menos sei, e separei, sobre o tema utopia cristã. São frutos que vieram de longe, que passaram por mim, tiveram os inevitáveis acréscimos do meu coração e puderam felizmente ser repartidos. Tenho a impressão de que vai ser sempre bom para a minha vida espiritual lembrar que um dia, na paz da Academia, eu, algo emocionado e impreciso, falei sobre o sonho que o Senhor sonhou para nós, o Reino e a sua capital, a Jerusalém Celeste. Pertença a São João o encerramento desta fala, quando ele diz sobre da Cidade Santa e seus eleitos: "Nunca mais haverá maldições. Nela estará o trono de Deus e do Cordeiro, e seus servos lhe prestarão culto; verão sua face, e seu nome estará sobre suas fronte. Já não haverá noite: ninguém mais precisará da luz da lâmpada, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e eles reinarão pelos séculos dos séculos".

Muito obrigado, Senhores!

{ ENSAIOS }

## — O conceito de Ciência em José Bonifácio<sup>1</sup>

ROSA MENDONÇA DE BRITO

### — INCORPORAÇÃO DA CIÊNCIA COMO SABER OPERATIVO

A autonomia do pensamento brasileiro em relação a Portugal acontece após a Reforma da Universidade em 1772, quando a ciência moderna é incorporada.

Como o objetivo da Reforma era substituir o verbalismo e as disputas retóricas, ou seja, o “domínio despótico” das idéias aristotélicas, pela observação e o conhecimento prático, as doutrinas de Aristóteles passam a ser condenadas e proibidas, introduzindo-se em seu lugar o conhecimento das regras newtonianas estabelecidas na Filosofia Natural, segundo as quais

*Os raciocínios teóricos derivarão de princípios plenamente demonstrados por qualquer das disciplinas fundamentais: Física, Matemática, Química, Botânica, Farmacologia e Anatomia, devendo ser demonstrados não hipoteticamente, mas de modo absoluto, por via de fato ou por raciocínio matemático, sem perder o apoio das leis da natureza já observadas (PAIM, 1974, p. 102).*

Além da Reforma nas Faculdades tradicionais foram criadas as de Matemática e de Filosofia. A de Filosofia destinava-se à formação de Naturalistas, homens familiarizados com a Física, Química, Botânica outras. Para que estes conhecimentos atingissem maior validade, tivessem uso prático, foram criados o Horto Botânico, o Museu de História Natural, o Teatro de Filosofia Experimental (Gabinete de Física), o Laboratório Químico, o Observatório Astronômico, o Dispensário Farmacêutico e o Teatro Anatômico.

1. Obras científicas, políticas e sociais coligadas e reproduzidas por Edgard de Cerqueira Falcão, vols. 1, 11 e 111.

Com a finalidade de incrementar ainda mais o desenvolvimento das ciências e suas aplicações à vida social, foi criada pelo duque de Lafões a Academia das Ciências de Lisboa que procurava nela abrigar os grandes talentos para discutir questões que preocupavam a sociedade portuguesa. Dos estudos, debates e ações empreendidos surge o entendimento do novo saber como eminentemente operativo, ou seja, como conhecimento prático que pode fazer progredir a ciência e a sociedade.

A tendência para os estudos científicos manifestada por expressivo número de estudantes brasileiros reveste-se de grande importância e utilidade para a autonomia do pensamento brasileiro em relação à Metrópole. Ocupando-se das ciências através de pesquisas e explorações práticas, os estudiosos brasileiros introduziram reformas e fizeram progredir o conhecimento e a cultura de nossa terra.

Por conta disso, as glórias nacionais portuguesas, principalmente nas ciências naturais, eram devidas em grande parte aos que tinham nascido em terras brasileiras, como exemplos: Vicente Coelho de Seabra, que faziam resplandecer em Portugal com os seus elementos de química os primeiros clarões da ciência; Frei José Mariano da Conceição Veloso, que deixa o seu nome inscrito entre os botânicos pelos seus originais e valiosos trabalhos, entre os quais a *Flora Fluminense*; Alexandre Rodrigues Ferreira, que percorreu o Amazonas como infatigável explorador e estudioso de suas riquezas; João da Silva Feijó, cujas explorações transatlânticas e os seus escritos mineralógicos, lograva como investigador da natureza honrada fama; Manoel Ferreira de Araújo Câmara, companheiro de José Bonifácio nas excursões científicas pela Europa, um dos notáveis representantes da ciência de Portugal; Melo Franco e Elias da Silveira, ambos ilustravam a medicina com os seus livros e memórias. Mas, certamente o primeiro entre eles pela dedicação à ciência, pelo engenho, pela função que desempenhava na história do seu povo, o Dr. José Bonifácio de Andrade e Silva.

Assim, pelas análises das obras desses cientistas é possível verificar que naquele momento histórico só eram valorizados os estudos que tivessem alguma utilidade para a sociedade, aqueles que pudessem melhorar as condições materiais da vida humana. Como as ciências naturais possuem aplicação imediata e utilidade prática, o conheci-

— JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADE E SILVA (1763 a 1838)

Brasileiro, formado em Ciências Naturais pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra em 1787, gradua-se em Leis em 1788. Ao mesmo tempo naturalista e jurisconsulto, foi desde logo admitido como sócio livre da Academia das Ciências de Lisboa, e enviado juntamente com Manuel Ferreira de Araújo Câmara e Fragoso de Siqueira a outros países da Europa a fim de aumentar os seus conhecimentos.

Em sua peregrinação científica conviveu com grandes sábios e cientistas da época na França, Grã-Bretanha, Itália, Holanda, Alemanha, Suécia e Dinamarca. Em Paris fez cursos de Química e de Mineralogia com os mestres e amigos Chaptal e Foucroy, continuadores de Lavoisier; botânica com o ilustre Jussieu; e com Hauy, o verdadeiro fundador da mineralogia em França.

Na continuidade de suas andanças, chegou a Freyberg para ouvir Werner, cientista famoso e venerado como verdadeiro oráculo, que separou a mineralogia da química geral tornando-a disciplina independente. Ali recebeu as lições de Werner sobre orictognósia, geognósia e montanística; de Lempe, as lições sobre as matemáticas puras e aplicadas, especialmente as teorias das máquinas; de Kohler, as lições sobre o direito e legislação das minas; de Klotzch, as demonstrações químicas dos minerais; de Freicshleben, sobre a química prática; de Lampadius, a revelação dos arcanos da metalurgia.

Após a conclusão dos estudos em Freyberg, dirigiu-se às minas do Tirol, da Stiria e da Caríntia a fim de fazer utilização prática de seus conhecimentos teóricos. Seguiu depois para Itália onde recebeu lições de Volta, o inventor da pilha. Em Tuorim examina a estrutura geológica dos montes Euganeus, no território de Pádua.

Na Grã-Bretanha conheceu um dos mais célebres precursores do moderno materialismo e investigador da nova química. Mas é na Escandinávia, onde abundam as florestas e jazidas metalíferas, que o nosso cientista pode colher preciosas informações pelas suas observações e estudos. Na Suécia e Noruega observou com minuciosa aten-

ção as minas e os terrenos, estudou a orictognósia e descobriu as espécies e variedades naturais que lhe canonizaram na ciência entre outros sábios do início do século 19.

Nos países Escandinavos e na Alemanha setentrional frequentou os sábios mais insignes da moderna silvicultura, consagrando-se nas ciências florestais na Europa científica, nesta época, com um dos primeiros naturalistas.

Inicia a esse tempo seus escritos a respeito da mineralogia e outros estudos. *Instruções práticas e econômicas para os mestres e feitores das minas de ouro de desmonte e lavagem no Brasil*, destaca-se como um “guia” prático destinado a melhorar a exploração das minas brasileiras.

Ao retornar à Portugal passou a exercer importantes cargos: professor da cátedra especial de Metalurgia, criada especialmente para ele pudesse transmitir aos estudantes e estudiosos os conhecimentos adquiridos e com isso, possibilitar o progresso da ciência mineralógica em Portugal; Intendente Geral das Minas e Metais; Superintendente e Diretor das Obras do Mondego; Secretário-Geral da Academia das Ciências de Lisboa; foi encarregado, ainda, de fundar na capital o ensino das ciências químicas e minerais. Após um grande período de atividade em Portugal, regressou ao Brasil em 1819.

#### — IMPORTÂNCIA E SIGNIFICADO DAS ATIVIDADES PRODUTIVAS

Segundo José Bonifácio as atividades produtivas nutrem e sustentam numerosas famílias. Para ele

*As minas fomentadas e administradas sabiamente, põem em circulação riquezas imensas. Abrem novas fontes de nutrição e socorro à lavoura, ao comercio e ás artes; criam e sustentam um grande número de indivíduos; diminuem a vadiagem e mendicância das Comarcas, garantindo assim, o sossego a segurança pública; espalham luzes e conhecimentos úteis por uma grande parte da nação e aumentam a dignidade do homem social; povoam montanhas e charnecas inúteis, transformando-as com o tempo em Aldeias, Vilas e Cidades e enriquecem o Erário Público (Memórias sobre Minas de carvão e Ferrarias de Foz do Alge, Portugal, 1813).*

No seu entendimento, se o país é estéril em produtos agrícolas, como a maior parte de nossas serranias e charnecas, se as fábricas têm obstáculos quase invencíveis para concorrerem com as estrangeiras, como sucede entre nós, que outro meio mais seguro para não empobrecer e despovoar-se do que a exploração de seus minerais com que foi dotado pela natureza.

Se a Rússia, a Prússia e a França enriqueceram-se com a exploração de suas minas, quem proíbe a Portugal enriquecer-se do mesmo modo? Pão, pólvora e metais são os elementos que sustentam e defendem as nações, sem eles é precária a existência e a liberdade de qualquer Estado. Sem atividades produtivas um país não poderá entrar no processo de desenvolvimento, pois não terá recursos para tão grande empresa, cairá no caos. Se um país não tem tal fonte produtiva, deverá procurar outra e explorá-la. Se Portugal não pode viver da Agricultura que viva da exploração de suas minas.

#### — SABER CIENTÍFICO E PROGRESSO MATERIAL

*O novo saber da natureza é colocado a serviço da aspiração do progresso material. Sem uma sólida integração dos dois aspectos: conhecimento científico e a atividade técnica e prática não se pode lograr grandes êxito (PAIM, 1974, p. 103).*

A relação entre o conhecimento científico e a atividade prática em José Bonifácio, vem ao texto por meio de algumas de suas ideias sobre a questão. Segundo afirma,

*para os homens comuns as coisas comuns não fazem parte das ciências, assim, a arte de fazer fornalhas parece-lhes coisa vulgar e de qualquer estúpido pedreiro, no entanto, requer bastante conhecimento de física. Em Santa Catarina, por exemplo, encontra-se a maior armação do Brasil, havendo pelo menos vinte caldeiras e outras tantas fornalhas, mas se os primeiros construtores soubessem alguma coisa mais de física e química do fogo estariam reduzidas a cinco, quanto muito.*

156 Falando da questão do desmatamento afirma que todos que conhecem por estudo a grande influência dos bosques e arvoredos na economia geral da natureza sabem que os países que perderam suas matas estão quase de todo estéreis e sem gente.

*Assim sucedeu à Síria, Fenícia, Palestina e outras nações, e vai sucedendo a Portugal. Que lástima não é que um país tão belo, por desmazelo de muitos de seus filhos se vá reduzindo a um esqueleto de charnecas descartadas, quando pelo seu clima e pela sua superfície podia ter quase todas as arvores de globo! Que outras produções da Natureza devem merecer maior atenção ao Filósofo e ao Estadista do que as matas e arvoredos?*

Na infância da Europa, nos diz José Bonifácio, as matas eram imensas, por isso mesmo guardavam os homens errantes e davam-lhe sustento. Com o passar do tempo estes ricos tesouros foram desaparecendo tanto pelo aumento da povoação e agricultura quanto pela indolência, egoísmo e luxo desenfreado de fictícias necessidades que destruíram em um dia a obra de muitos séculos. Já é tempo de despertarmos de tão profundo sono, de refletirmos seriamente nos males que sofre Portugal pela falta de matas e arvoredos.

*Sem matas a umidade necessária à vida das outras plantas e dos animais vai faltando entre nós, o torrão se faz árido e nu, diminuindo os orvalhos e chuveiros, que em consequência diminui os cabedais certos e perenes dos rios e das fontes. Só borrascas e trovoadas arrasam as ladeiras, os vales e costas, estragando campos outrora férteis e temperados. Sem matas, quem espalhará pelo estio a frescura do inverno? Quem chupará dos mares, rios e lagos os vapores que em parte caem em chuva e em outra vão purificando o ar e alimentar a respiração dos animais? Sem matas, desapareceu a caça que fartava o rico e o pobre. Sem matas faltaram os estrumos naturais. Sem matas minguiu a fertilidade do torrão. A lavoura e a povoação definharam necessariamente (Memória sobre a necessidade e utilidade do plantio de novos bosques em Portugal, 1815).*

E continua o seu alerta dizendo que se os canais de rega e navegação aviventam o comércio e a lavoura, não pode havê-los sem rios; não

pode haver rios sem fontes; não pode haver fontes sem chuvas e orvalho; não há chuvas e orvalho sem umidade e não há prados; sem prados pouco ou nenhum gado; sem gado, nenhuma agricultura. Assim, tudo é ligado na imensa cadeia do Universo, e os bárbaros que cortam e quebram as matas, pecam contra Deus e a Natureza, e são os próprios autores de seus males.

Ao apontar algumas causas das ruínas dos bosques e arvoredos, as classificam em dois grupos: as inevitáveis, mas que poderiam ser corrigidas e minoradas e as do fruto do desmazelo:

*Causas inevitáveis:*

- Aumento da população que maior consumo de madeira e lenha, produzindo maior devastação nas matas que nunca foram replantadas, indo contra os princípios econômicos que exige ser a reprodução pelo menos ao consumo.
- Maior quantidade de terra destinada à lavoura.
- Novos estabelecimentos e fábricas que consomem mais madeira.

*Causas de desmazelo:*

- Desleixo e ignorância dos encarregados dos bosques.
- Os cortes sem escolha de tempo e de localidade, sem conta nem média.
- A falta de polícia própria para contar e guardar as matas castigando os destruidores.

Para por fim a tudo isto, diz ele, precisamos o quanto antes de uma boa administração, única e enérgica em que se aproveitem as boas idéias antigas e se substitua as más por outras melhores, fundadas em princípios científicos e na experiência dos séculos. Cumpre esperar em que tempo virá que os conhecimentos úteis das ciências naturais e auxiliares se vulgarizem pela gente entendida entre os lavradores abastados e os proprietários. Então, não só a lavoura de pão de quem tanto precisamos, mas outras muitas, que ou são desconhecidas ou jazem abatidas, nascerão e prosperarão.

Ao fim dos escritos sobre a necessidade do plantio de novos bosques, faz um apelo aos lavradores ativos e aos estudiosos para que se

158 empenhem seriamente em combinar, para bem da lavoura, as regras e preceitos que nos deixaram um Columella e um Plínio com os da nova cultura inglesa, aperfeiçoada grandemente pelas Ciências Naturais e por longa experiência. Só assim poderemos chegar a ter um corpo de verdadeira Doutrina Agronômica que possibilite prosperidade da nossa tão atrasada agricultura.

— O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CIÊNCIA E SEU LUGAR  
NO CONJUNTO DO SABER

Para José Bonifácio, o aumento ou decadência das letras em qualquer nação é o critério seguro para ajuizarmos da sua civilização e prosperidade. Isto porque as causas que promovem as Ciências e as Artes são as mesmas que fomentam e adiantam a felicidade das nações. Segundo ele, as ciências tiveram quatro períodos notáveis:

- 1º – Iniciou a mais de dois mil anos na Grécia, era cultivada sem regras e sem sistemas, errando cada qual por veredas incertas e escabrosas.
- 2º – A estrada estava mais aberta e desembaraçada. Mas as seitas e rixas filosóficas, que então nasceram, não deixaram de todo difundir-se e brilhar a luz que ia acendendo o zelo e os talentos do Pórtico, da Academia e do Liceu. Ignorava-se ainda o verdadeiro método de indagar a verdade e, por isso, os gregos e romanos não atinavam ainda para a estrada real que conduz ao templo da verdade. Todavia, esse longuíssimo tempo não deixou de produzir engenhos da primeira ordem, apesar de com o andar do tempo degenerarem as Ciências em hipóteses pela maior parte arbitrária e, por fim em meras argúcias de palavras.
- 3º – Começa com a invasão dos bárbaros setentrionais, onde a principio parecia que se iam apagar de todo as letras e as ciências. Felizmente, logo no século VII criou-se a Universidade de Cambridge, no VIII a de Paris, no IX as de Tolosa, Pávia e Oxford, e assim, por intervalos muitas outras, entre as quais a de Coimbra em 1290.

*Seria ingrato aos seus ilustres fundadores, seria inimigo da verdade se não confessasse aqui o quanto deveram as ciências a essas Universidades, mas faltaria a obrigação de historiador, se não acrescentasse que passaram séculos em que a escravidão e aferro a doutrinas sancionadas prenderam os voos do engenho e consagraram como verdades de fé, mil erros vergonhosos. E por falta de Filosofia e bom gosto essas mesmas acanhadas ciências que então ressuscitavam, converteram-se bem depressa em argúcias desprezíveis.*

4<sup>o</sup> – Tem início com as Academias e Sociedades Literárias a ver alçar-se sobre alicerces eternos o novo e magnífico palácio das Ciências e das Artes que Galileu, Kepler, Newton, Bacon e outros varões insignes fundaram ou ajudaram a fundar, quebrando-se de todo os grilhões e os prestígios da escravidão dos mestres que ainda continuavam a reinar despoticamente nas Escolas. Nesse período, abriu-se a estrada das Ciências, descobriu-se o verdadeiro método de estudar e de indagar a verdade.

Na nossa compreensão, ao atribuir maior valor aos estudos que resulta em alguma utilidade para a sociedade e afirmar que a “Ciência é um saber de índole operativa”, José Bonifácio o faz baseado no entendimento de que o sentido vivo dos estudos científicos está no fomento do progresso material e das condições de vida dos homens.

— OBRAS CONSULTADAS

PAIM, Antonio. *História das Idéias Filosóficas no Brasil*, 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Grijalbo, 1974.

SILVA, José Bonifácio de Andrada. *Obras científicas, políticas e sociais*, vols. I, II e III, coligidas e produzidas por Edgard de Cerqueira Falcão. Andrada e Silva, vols. I, II e III.

## — O constitucionalismo reconhece a floresta<sup>1</sup>

ROBÉRIO BRAGA

*Cidadania não combina com desigualdade. República não combina com preconceito. Democracia não combina com discriminação.*

– Carmem Lúcia Antunes da Rocha.

A ilustrada ministra e pensadora do Direito, Carmem Lúcia Antunes da Rocha, remete todos que a podem ler para a relevância primacial da igualdade, sinalizando que esta deve presidir a compreensão a ser feita sobre a Constituição. Caminhando com esse sentimento, nos deparamos com a concepção de Norberto Bobio<sup>2</sup> de que a liberdade indica um estado e a igualdade uma relação, a significar que o homem em sua singularidade particular deve ser livre e na relação com os demais indivíduos não pode deixar de estar em igualdade. É essa a compreensão precisa de Hannah Arendt<sup>3</sup> para quem a igualdade está na essência da liberdade, porque ser livre significa ser isento de desigualdade. Em princípio, eis como teríamos composto um binômio que arma a democracia e a cidadania, tomada esta em todas as suas dimensões, e, em síntese, como o “direito a ter direitos”. Direito a ter direitos a serem observados mesmo diante das mudanças de perfil de soberania em razão de globalizações, aqui observada a conceitualização de Boaventura Santos<sup>4</sup> ou seja, um conjunto diferenciado de relações sociais, e diante da supranacionalização e da internacionalização do direito que segue impondo realidades divergentes do sentido clássico de organização do Estado, que, por sua vez, vai admitindo a construção da cidadania que excede ao Estado nacional em busca do moderno Estado Democrático de Direito: aquele que represente vida digna para o homem e construção de uma nova sociedade, sem perder de vista os compromissos históricos e culturais. O

1. Pronunciamento de abertura do Seminário Constitucionalismo Democrático Latino-americano. Realizado em Manaus, no dia 11 de agosto de 2011

2. BOBIO, Norberto. Igualdade e liberdade. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

3. ARENDT, Hannah. In: MORAIS, José Luiz; NASCIMENTO, Valéria. Constitucionalismo e cidadania. Por uma jurisdição constitucional democrática. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2010, p. 88.

4. SOUZA SANTOS, Por uma concepção multicultural de direitos humanos. Disponível em: <[http://www.Dhnet.org.br/direitos/militantes/boaventura/boaventura\\_dh.htm](http://www.Dhnet.org.br/direitos/militantes/boaventura/boaventura_dh.htm)>. Acesso: 8 Ago 2011.

Estado Democrático de Direito de que nos fala Miguel Reale<sup>5</sup> e que resultaria de “um dimensionamento do valor da liberdade em função e em sintonia com o valor social da igualdade”, convertido a partir do Estado de Direito.

Sendo compreensível que foi o Direito que deu vida ao Estado, se nos parece igualmente acertado assinalar que os homens não são feitos para as leis; mas as leis é que são feitas para os homens, como ressalta o ministro Marco Aurélio Mello,<sup>6</sup> de modo a que o direito passe de regulador a transformador, como assinalado por Luiz Lênio Streeck.<sup>7</sup>

Se for possível cogitar de um mais novo constitucionalismo, de igual modo deve ser de uma diversa democracia e de outra cidadania que comportem os aspectos mais variados dos interesses coletivos em sentido local, regional, nacional, supranacional e global como significado mais amplo para o bem comum, reconhecendo liberdade e igualdade como fundamentos da democracia. Confirma-se, sempre e a cada vez que a matéria é estudada, a compreensão de que o homem é dotado de dignidade e singularidade, que se desdobram nos conceitos de dignidade humana e de universalidade do ser humano, acima de quaisquer particularismos, como entende Celso Lafer.<sup>8</sup> Discutem-se novas categorias de direitos como o direito ao desenvolvimento, o direito à paz, o direito ao patrimônio comum da humanidade fundado no princípio da fraternidade, além dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais, sobretudo com a reafirmação das relações entre os Estados que se desdobram no plano internacional, em obrigações de resultado e obrigações de comportamento.

É possível constatar o reconhecimento da universalidade dos direitos humanos – indivisíveis, interdependentes e inter-relacionados – e uma preocupação praticamente universal com sua observância do mesmo modo que crescem a compreensão e a aceitação da pluralidade cultural, das particularidades regionais e nacionais e de componentes de toda a ordem, inclusive históricos e religiosos. Reafirma-se o primado do direito ao desenvolvimento tendo o homem como sujeito desse direito; a vinculação entre democracia, desenvolvimento e direitos humanos que assinalam relação com a paz mundial sem desconsiderar o direito à autodeterminação. Muitas questões surgem

5. REALE, Miguel. Paradigmas da cultura contemporânea. São Paulo: Editora Saraiva, 1999. p. 123

6. MELLO, Marco Aurélio. A igualdade e as ações afirmativas. Palestra no Seminário “Discriminação e sistema legal brasileiro”, em 20 de novembro de 2001. In: Cidadania e Justiça. Rio de Janeiro: Associação dos Magistrados Brasileiros. 2º semestre, ano 5, nº 12, 2002, p. 97.

7. STREECK, Lênio Luiz. Verdade e consenso. Constituição, hermenêutica e teorias discursivas. Da possibilidade à necessidade de respostas corretas em direito. 3. ed. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2009, p.7.

8. LAFER, Celso. Comércio Desarmamento. Direitos Humanos. Reflexões sobre uma experiência diplomática. 2ª. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999. p. 146.

162 em contraposição a estas como a violação dos direitos humanos e do direito humanitário, e são constantes as tensões no plano internacional, mas esses aspectos se sobressaem. Nesse cenário, o homem é ente de direitos e é valor econômico.

Quaisquer realces não devem servir para que se considere o entendimento de que os direitos fundamentais se esgotam na proteção do cidadão contra o Estado, mas também na compreensão de que não podem estar calcados somente em poder e força. É preciso haver a materialização social das normas como preleciona Ferrajoli,<sup>9</sup> ou se preferirmos, conectar o direito com a vida com os âmbitos econômico, social e político de que fala Norman Lewis.<sup>10</sup> Busca-se a conformação de um novo Estado constitucional definido no âmbito interno pelos chamados conteúdos sociais, democráticos e ambientais, e no campo externo pela cooperação e solidariedade em favor da satisfação da vocação universalista do constitucionalismo envolta e resultante dos acervos culturais dos que o conformam como expressão de parte de sua identidade tendo em vista o fito de um paradigma constitucional fundado nas coordenadas básicas de liberdade e pluralismo numa relação inseparável de que nos fala Habermas.<sup>11</sup> Que não se cuide de uma convenção política entrelaçado por interesses de grupos, mas seja um subproduto cultural da própria identidade com fortalecimento dos mecanismos democráticos. O reconhecimento do valor da pessoa humana em escala universal como de há muito vem sendo pretendido.

O que temos no chamado “extremo Ocidente” como já foi designada a América Latina, composta por um significativo bloco de países, e devemos perseguir como objetivo contínuo são a clareza e a certeza dos direitos humanos, em meio a todos os emaranhados de interesses e objetos de preocupação da região. O que se retoma nesse cenário vem de há muito estudado pelo mestre Miguel Reale<sup>12</sup> na relação entre os valores e a realidade, tomando os valores como um bem cultural que tem uma base na realidade e um significado no sentido do “dever ser”. Os valores referem-se à realidade e têm várias dimensões como a da gradação hierárquica, mas não se reduzem à realidade. Precisam estar revestidos de reazibilidade e inexauribilidade.

9. FERRAJOLI L. Apud. CAMPUZANO, Alfonso de Julius. *Constitucionalismo em tempos de globalização*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2009, p.62.

10. LEWIS, Norman. Apud. CAMPUZANO, Alfonso de Julius. *Constitucionalismo em tempos de globalização*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2009, p.68.

11. HABERMAS, Jürgen. *Pluralismo y Constitución*. Apud. CAMPUZANO, Alfonso de Julius. *Constitucionalismo em tempos de globalização*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2009, p. 103.

12. REALE, Miguel. *Paradigmas da cultura contemporânea*. São Paulo: Editora Saraiva, 1996.

O que há sido sinalizado é um caminho cada vez mais largo que privilegia a diversidade cultural dando espaço crescente à interconstitucionalidade ou a uma interculturalidade constitucional.

Julgo que estes são alguns dos conceitos que podem estar permeando os estudos dos doutores do constitucionalismo que hoje adentram a floresta do Amazonas. Chegam ao centro da região amazônica brasileira onde os rios recortam as matas e correm para encorpar o “mar dulce” que surpreendeu os viajantes. Aqui se encontram as reservas de biodiversidade, água doce, minerais e ar puro mais cobçadas do planeta, sobre as quais pairam antigas ambições internacionais muitas das quais almejam uma internacionalização sem soberania do Estado brasileiro.

Somos um povo de muitos falares, diversos saberes, múltiplas expressões de cultura, certamente porque traduzem a herança dos índios, das populações tradicionais, dos negros em seus terreiros e quilombolas, do homem europeu que dizimou para dominar e incorporar como seu um território que era aspirado por espanhóis, ingleses, franceses, holandeses e se consumou como terra da Coroa portuguesa, por ordem do rei e sob a cruz de Cristo. Mais de 250 mil índios perambulam neste entrecortado de florestas e águas. Outros, incontáveis, resistem encravados em centros nos quais o homem branco ainda não conseguiu adentrar. Línguas originais, cantares, danças, rituais e benzimentos dos índios se mesclam de há muito e agora com expressões, cantares, rituais, lutas e danças dos negros que, carregados de europeização antiga, se fundem em um brasileiro particular. Estamos nas terras em que o rio comanda a vida e a vida se faz todos os dias para o maior complexo de seres vivos que resistem silenciosamente – salvo quando das alvoradas festivas –, em 98% do nosso território verde que teima em ser brasileiro mesmo que o Brasil jamais tenha assumido a sua condição de país amazônico, sempre denunciado por Arthur Reis.

Os segredos da floresta não são revelados senão aos que com ela convivem em harmonia, filhos da sua mais antiga raiz. Há os que se arvoram a penetrar em seu mundo, cogitando que as encantarias vivem apenas nos devaneios do homem do beiradão, e que todas as histórias contadas em prosa e verso, desde tempos imemoriais, resul-

tam da fantasmagórica própria de um mundo tão particular no qual o homem é sempre um intruso e bem poderia ser a última página do Gênesis a ser escrita, de que falou Euclides da Cunha nos primeiros anos do século 20. É um labirinto de sonhos, temores, assombrações por entre as águas que serpenteiam pelos caminhos de árvores milenares, sobre reservas de minérios que as alimentam e por elas são resguardadas, e por onde há milhões de anos nossos ancestrais deixaram sob o solo a marca de nossas tradições mais caras vez em quando vazadas em erupções da terra quando das pesquisas arqueológicas.

Este Amazonas não difere de recantos outros da América Latina. Padeceu e padece dos que chegam à busca dos ganhos, sejam em ouro e glórias de que nos fala Darcy Ribeiro ao estudar o povo brasileiro, seja rompendo com os luxos tradicionais de nossa gente, impondo comportamentos e, conforme as experiências do passado, submetendo, corrompendo, ferindo, empobrecendo e dizimando, e nos tempos que correm buscam subjugar ao não permitir ou se contrapor ao nosso desenvolvimento, visto que este precisa que “se removam as principais fontes de privação de liberdade: pobreza e tirania; carência de oportunidades econômicas e destituição social sistemática; negligência dos serviços públicos; intolerância ou interferência excessiva de Estados repressivos”, como ensina Amartya Sen,<sup>43</sup> ao mesmo tempo em que reafirma que “as liberdades não são apenas os fins primordiais do desenvolvimento, mas também os meios principais”, sejam elas políticas, econômicas, sociais, de garantia de transparência e de segurança protetora, todas a “contribuírem para o aumento da liberdade humana em geral”.<sup>44</sup>

Fomos subjugados à Europa, seja a de língua hispânica ou a de língua portuguesa, sob os mesmos argumentos da cultura letrada e dos propósitos cristãos, dos descobridores e desbravadores de terras além-mar, dos que se transformavam em heróis cobertos do sangue do gentio, promoviam o genocídio de povos na nova América em uma colonização crudelíssima, porque éramos o único lugar para o qual podiam expandir e demonstrar o poder de suas armadas. Os padecimentos dos negros que vieram em levas de escravos, arrancados de suas terras e de suas tribos, não foram menores. Fomos vítimas dos

43. SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 18.

44. SEN, Amartya. *Op. cit.*, p. 25.

descimentos dos índios, das guerras justas, do cristianismo e do espírito ganancioso dos exploradores. Visitados e revisitados por ditos cientistas e por cientistas por excelência, que a tudo levavam como peças sobrenaturais do mundo que invadiam a título de descoberta, daqui partiram palmeiras, óleos, especiarias de toda a natureza e espécimes humanas a serem expostas, curiosamente, nos museus e salas de estudos europeus.

Vêm de há muito, portanto, as violações de direitos humanos que ainda persistem no continente latino-americano, notadamente os de segunda dimensão e de tal modo carregamos essa dor que além dos traços históricos que nos unem estamos reunidos também pelas graves desigualdades sociais, pelo atraso econômico e pela instabilidade política, certamente porque mesmo constante de todas as constituições das soberanias do continente, os direitos humanos não excedem a princípios constitucionais básicos sem eficácia do mundo real. O que dizer da falta de eficácia do reconhecimento das terras indígenas? Da discriminação em relação às mulheres que também padecem de grande violência sexual e doméstica? Da falsa democracia racial? Da insuficiência do acesso à justiça e sua reconhecida morosidade e ineficiência? Da não concretude dos direitos civis, políticos e à liberdade? Das malsinadas intervenções econômicas que levam a alterações do território de soberanias? Dos governos ditatoriais e dos abusos e excessos rotineiros de polícias políticas e não políticas?

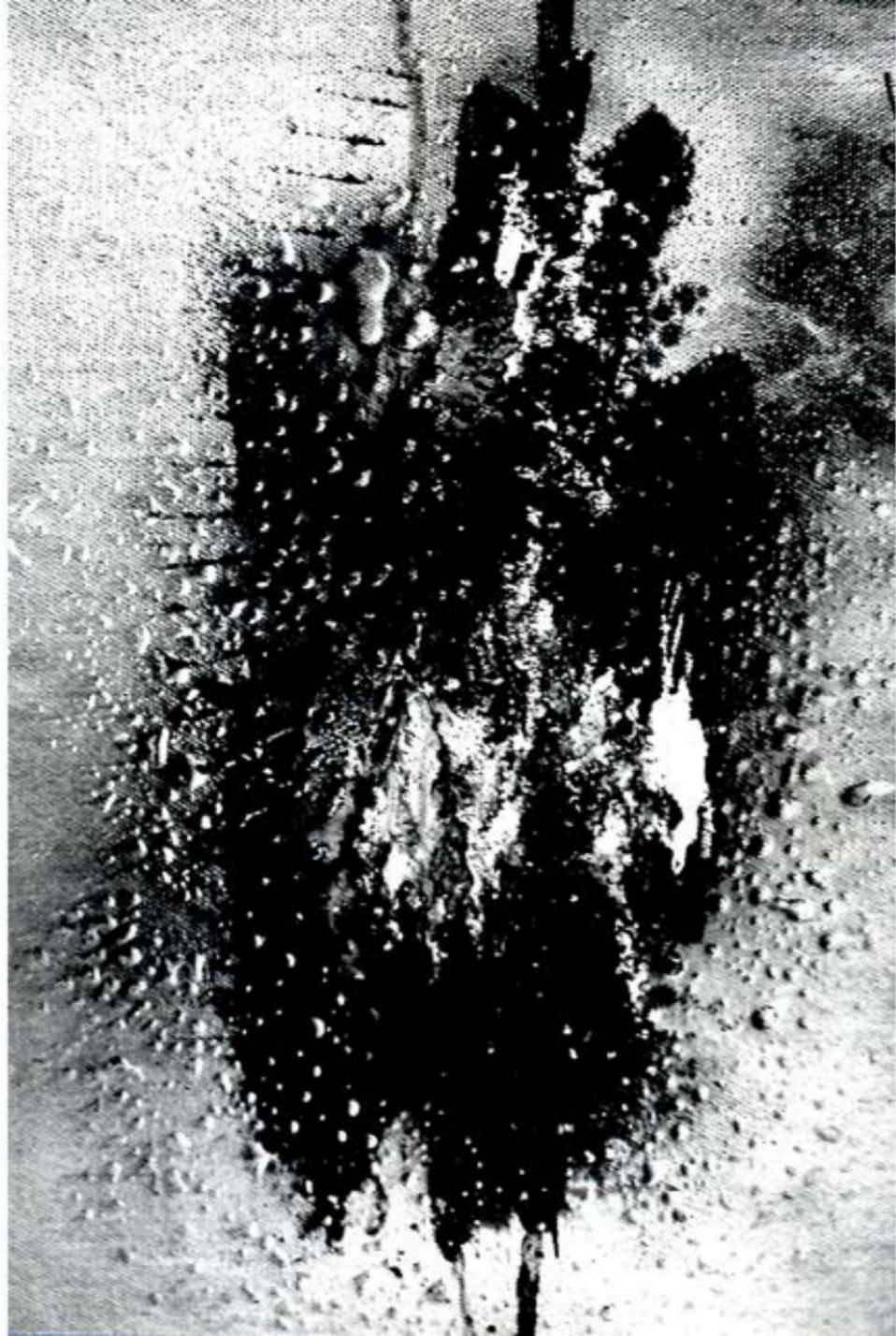
Os segredos da floresta não são revelados senão aos que com ela convivem em harmonia, filhos da sua mais antiga raiz, repetimos com convicção. Porém, podem ser abertas frestas neste mundão, pela crença que o homem simples do lugar costuma dedicar às verdades que lhes são contadas, que falem de esperança e de vida. E então, em respeito à natureza, ele sai desenhando labirintos por onde sabe caminhar e conduzir generoso aos que chegam, disposto a servir, mesmo quando em nada é servido, até pelos enfatizados que de quatro em quatro anos sobem ribanceiras, descem baixios e tudo prometem sem nada cumprir. Sempre querem desenhar o futuro, mesmo sem o saber, sem temores nem assombrações como se conhecessem as bem apropriadas expressões metafóricas de Norberto Bobbio, que bem cabem a este mundo latino-americano e ao mesmo tempo ama-

166 zônico-brasileiro, quando estava a estudar o papel da razão na história entendendo que, em face do futuro, os homens estariam como se estivessem em um labirinto, no qual existem saídas, mas não são fáceis nem óbvias, e de plano se pode comprovar que há becos sem saída.

Não tenham receio de adentrar. A floresta os acolhe como dádiva. Caminhem pelo emaranhado dos estudos do constitucionalismo na América Latina, e, ao final, avistando a saída do labirinto, mesmo em espaço reduzido, quem sabe não seria justo compreenderem que se faz necessária a solidariedade internacional e a valoração de uma ética em bases fundadas na tolerância e na razão. É assim que se dá com o homem da floresta que conhece e sabe indicar o melhor caminho em meio ao emaranhado em que se embrenha para manter a vida neste fim de mundo sem-fim.

E depois, porque em breve todos vão partir de volta para os seus recantos, me permitam dizer como o cantador de boi-bumbá dos tempos mais antigos, que cantava na hora de partir para o curral: “Quem tiver mágoas que guarde / para outra ocasião / levo tristeza nos olhos / saudade no coração”.<sup>15</sup>

15. MONTEIRO, Mário Ypiranga. Folgedos populares. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Cultura. 2009, p. 93.



{ Medalha PÉRICLES MORAES }

## — Abertura<sup>1</sup>

JOSÉ BRAGA

Nascida na Itália renascentista dos séculos 15 e 16, a medalhística surgiu como manifestação de pintores retratistas que desenvolveram uma técnica inovadora de transposição em discos metálicos, de traços fisionômicos de nobres da época.

A tradição de cunhar medalhas, acolhida no mundo inteiro, constitui um meio importante de eternizar acontecimentos e personalidades, transmitindo para o futuro um testemunho indestrutível, gravado em metal.

Termo abrangente, Medalha pode significar Prêmio, Ordem ou Condecoração. Sua concessão destina-se ao reconhecimento de pessoas ou instituições por suas realizações em áreas específicas do conhecimento humano.

No Brasil, o interesse pelas medalhas dá-se com a chegada de D. João VI, em 1808, e com a renovação promovida pelos artistas da Missão Francesa.<sup>2</sup>

Nos idos de 1918, em meio ao estado de desânimo que se abatera sobre a cidade pela derrocada da borracha, três intelectuais reuniram forças para criar em Manaus, indiferentes ao insucesso de tentativas anteriores, uma associação cultural destinada a abrigar vocações devotadas ao cultivo do pensamento por meio das letras: Péricles Moraes, Benjamim Lima e José Chevalier.

A *Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes*, a ser hoje outorgada a Óscar Ramos, Kideniro Teixeira e Editora Valer é, pois, símbolo e memória. Símbolo de uma instituição que caminha para o centenário acesa no seu mister, cumprindo o seu papel em favor das línguas nacionais, do pensamento, das letras e do reconhecimento dos méritos daqueles que se destacam nos vários campos da erudição humana. Memória que nos inspira e une em torno do ideal acadêmico.

<sup>1</sup>. Manaus, 28 de abril de 2008.

<sup>2</sup>. Sobre medalhística: Tarefas do Presidente, Marcos Vilaça, *ABL*, 2007.

Abrangente em sua destinação, visto contemplar anualmente aqueles que se hajam destacado no campo das letras, das artes e do mecenato, o processo de concessão da *Medalha Péricles Moraes* é formal, rigoroso e democrático, envolvendo três momentos sucessivos e complementares: indicação prévia de nomes reputados merecedores, pelos acadêmicos individualmente; consolidação das indicações e elaboração de três listas tríplexes pela Diretoria, observada rigorosamente a frequência das indicações; escolha da Assembleia Geral de três nomes constantes das listas, por escrutínio secreto.

Esta, meus Senhores, minhas Senhoras, a honraria cuja outorga vindes prestigiar. Mas do que simples homenagem, a *Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes* é reconhecimento, mérito, dignidade. Encerra na sua simbologia noventa anos de tradição desta Casa, de construção e divulgação do pensamento amazônico imortalizado pelas letras.

O Coral João Gomes Jr., cujas vozes ainda repercutem neste salão, enchendo-o de beleza e graça, quis prestar à Academia, aos agraciados e a todos que comparecem à Casa de Adriano Jorge nesta noite de inteligência e beleza, a sua homenagem. Mais de meio século de persistente e abnegada dedicação à música, o Coral João Gomes Jr. faz parte da história cultural do Amazonas, patrimônio e glória de Manaus.

## — Elogio ao mérito

ALMIR DINIZ

— LETRAS: HOMENAGEM A KIDENIRO IEIXEIRA

Quando a Academia Amazonense de Letras nasceu, materializando o sonho de Benjarmin Lima, Péricles Moraes e José Chevalier, naquele 1º de janeiro de 1918, justamente na mesma época, um menino de dez anos de idade, tangendor de bois (o Uberaba e o Califórnia) contornava o sopé da serra da Ibiapaba, transportando água, lenha e rapadura para o insipiente comércio de Águas Belas, hoje município de Ipaporanga, em Ipueiras, no Ceará. E o menino, visionário e precoce, fitando o espetáculo da “bica do Ipu” despejando pela falda da Serra Grande, desde o platô de Guaraciaba do Norte até a base, um belo e imenso véu de noiva, drapejante e rendado, alimentava seu estro de emoção e ensaiava seus primeiros versos.

Um dia, para saldar uma dívida, o patriarca José Flaviano Teixeira vendeu a junta de bois-mansos Uberaba e Califórnia. A dor da perda ativou no poeta o desejo de extravasá-la. Fê-lo!

Para dívida pagar,  
o meu pai os bois vendeu;  
e o carro sem trabalhar,  
ao relento apodreceu.  
Uberaba, velho boi!  
Califórnia, meu amigo!  
Não sei dizer como foi  
o que aconteceu comigo  
E como dói, velhos bois,  
por tudo isto saber,

que em verdade, a vocês dois  
eu nunca mais hei de ver!  
– Sítio Lapa – Ipueiras, 1945

O que teria acontecido ao nascente poeta? Aconteceu que o adolescente vestiu a túnica de cantor e violeiro e saiu a esbanjar talento pelo sertão, em desafios e tertúlias, a enriquecer a sertaneja e muito bela Literatura de Cordel, no seu berço de ouro que é o Nordeste, o Ceará, em particular.

Sabedor da manifestação artística do filho, embargou-a o pai, como guardião do futuro da família.

Um filho cantor? – Não! Nunca!

Pois foi assim, Senhor Presidente, prezados confrades, magnânima assembleia, foi assim que este capítulo de nossa História começou.

Um dia, que a névoa do tempo inscreveu em longínqua página do passado Kideniro Teixeira – pois outro não era aquele menino de Ipueiras, que somava dez anos de idade ao tempo da fundação desta Academia senão este varão centenário que hoje homenageamos – um dia, vos dizia eu, Kideniro, atraído pelos encantos do Eldorado, como tantos e muitos intelectuais brasileiros de todas as plagas, veio, também, conhecer o povo da Floresta, e a ele se aliar, querer bem e amar. Era, então, um autodidata de muito talento e rara inspiração – inspiração que já lhe valera o prestígio sertanejo de violeiro e cantor – em plena adolescência.

Sob a bênção de outro poeta, o da *Buzina dos parandás*, o nosso inesquecível Acadêmico Álvaro Maia, o moço Kideniro Stefenson Teixeira graduou-se, primeiro em Odontologia pela Universidade Livre de Manaus – a primeira Universidade brasileira, sob o carimbo histórico de outro belo acadêmico, nosso irmão, o notável a todos os títulos professor Aderson de Menezes, de cuja turma foi o orador. Depois, diplomou-se, também, em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Amazonas, turma de 1946.

Orador fluente, arrebatado, conciso, foi partícipe de várias cruzadas democráticas na praça pública, entre as quais a que ficaria conhecida como “O Petróleo é Nosso”, terçando armas ao lado de notáveis tribunos nativos entre os quais Áureo Mello, Arthur Virgílio

Eu falava de História, antes desta ligeira digressão pelos domínios da lembrança. E repito: isto é História!

O que estamos construindo aqui, hoje e agora, é História! E este evento faz parte integrante do maravilhoso contexto histórico, enfocando a existência estelar deste Cenáculo de Luz!

Não importa que a História seja o anjo do passado. Porque ao historiador atento a ela se origina de atos e fatos do presente, principalmente, quando se tem a felicidade de forrá-la com o testemunho ocular de quem a faz.

É o que acontece, nesta oportunidade. Porque nós temos diante de nós a própria História. Uma História de cem anos!

Neste momento, minhas Senhoras e meus Senhores, nós estamos homenageando com a Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes (área de Letras) não apenas um poeta, mas a própria História. Porque Kideniro Teixeira, o nosso homenageado – ao longo de cem anos, sintetiza e integra nossa vida literária. É um dos poucos, se não o único intelectual da atualidade que conheceu, pessoalmente, muitos dos nossos. Daqueles 30 varões cerebrais que compuseram esta Távola do Saber, naquele longínquo 1º de janeiro de 1918.

Como testemunha ocular da História, da nossa História, Kideniro viu-a organizar-se e florescer, alimentada por centenas de mãos, por cérebros prodigiosos, por magníficos prosadores, por inspirados poetas, teatrólogos, cronistas, cientistas eméritos, tribunos cintilantes, juristas de renome.

Apenas para comprovar e ilustrar esta afirmação, leiamos este bilhete do genial autor de *Ânforas*, *Ulanos* e *Czardas*, o imenso Jonas da Silva:

*Manaus, 30 de outubro de 1944*

*Ilustre poeta Kideniro Teixeira:*

*Ainda sob a impressão da sua visita pessoal para ofertar-me o seu formoso livro "Lanterna Azul", dou-lhe os meus parabéns e agradeço-lhe os felizes*

*momentos que me proporcionou a leitura agradável dos seus lindos versos escritos pelo punho de um verdadeiro mestre.*

*Grato pela gentileza, disponha do grande admirador e amigo  
Jonas da Silva.*

Kideniro conhece nosso ciclo vital de harmoniosos 90 anos [...] toda a maravilhosa constelação de astros de primeira grandeza que faz a glória desta Academia.

O nosso homenageado é amazonense por adoção voluntária; casou-se com dona Francisca de Paula Pessoa Teixeira, filha desta terra; sua primeira filha – Lohana de Paula Pessoa Teixeira, aqui presente, é manauense; e um de seus netos, rebento primeiro de Kideniro Stephenson Teixeira Filho, em homenagem ao Amazonas, leva o prenome de Rionegro.

Dele, com entusiasmo, disse o poeta e cronista Raimundo Araújo, na coluna Letras, Ideias e Fatos do jornal *A Voz dos Municípios Fluminenses*:

*Poeta e promotor. Poeta, festivamente, eruditamente, canta em sonetos magistras, as belezas da Vida, notadamente a Mulher e o Amor. Promotor de Justiça, cumpre, à risca, a sua missão de defensor, intransigente, da Sociedade. Corajoso, valente, desassombrado e culto. Para fazer prevalecer o Direito e a Justiça e a personalidade individual do cidadão na sua liberdade de ir e vir, arrebitou, à bala, cadeados da cadeia pública numa cidade do interior cearense, libertando, sozinho, modesto agricultor preso, ilegalmente, por delegado analfabeto e arbitrário.*

E continua o cronista, fotografando Kideniro:

*Alto, esguio, cabeleira negra, olhos verdes, bigodinho à la Clarke Glabe, tipo galã, nos duros tempos da mocidade foi um Castro Alves no Amazonas.*

Não é exagerada a afirmativa. O genial poeta dos escravos tem muitos pontos de convergência com o vate amazônico. Cada um à sua maneira: o cantor do suplício dos negros é arrebatador e cáustico quando

vergasta os responsáveis pelo holocausto do povo africano no Brasil; o bardo amazônida é batalhador lírico quando assesta as armas cadentes da poesia condenando a tragédia do povo nordestino na Amazônia. Como no seu o magnífico “Recado do Seringueiro”, de minha predileção:

[...]

Em Manaus, em plena Campanha da Borracha, eu fui sempre contra aquela desgraça.

A obra de Kideniro Teixeira, toda ela, é uma oração de amor ao Amazonas e aos amazonenses.

Em *Mandacarus*, com orelhas do nosso pranteado Acadêmico Agnelo Uchoa Bittencourt, e caricatura do autor pelo consagrado artista amazonense Ape (Armilde Pedrosa), da revista *O Cruzeiro*, o poeta consagra a obra aos nossos confrades Álvaro Maia, Aristophano Antony e Jonas da Silva e, fora da Academia, aos intelectuais Rogaciano Leite e Hemetério Cabrinha, além de aos seus pais e filhos. Dedicou, por igual, o soneto “Extrema-Unção” a Mário Ypiranga Monteiro, “Ao Espírito de Nossa Senhora” a Jonas da Silva, e “A Transamazônica” a Álvaro Maia.

No livro *Iluminuras da Tarde* são homenageados Áureo Mello, Arlindo Porto, Clóvis da Matta, Homero de Miranda Leão e Manaus.

No volume *Cardos-Santos*, os lembrados são Jorge Tufic, Áureo Mello, Ape e outra vez Manaus (recordações).

Kideniro, enquanto no Amazonas, esteve sempre presente a todos os movimentos culturais aqui desenvolvidos: ator ao tempo do Teatro-Escola Amazonense de Amadores; sociofundador do Centro de Estudos da Mocidade, presidido pelo Acadêmico Áureo Mello, este da Academia de Letras de Brasília e correspondente de nosso Silogeu no Rio de Janeiro; professor da Escola Técnica Federal do Amazonas e Colégio Dom Bosco; jornalista, redator do antigo Deic – Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda –; redator-secretário das revistas locais *Sintonia* e *Planície*; articulista assíduo de *A Tarde*, do Acadêmico Aristophano Antony, e de *O Jornal* e *Diário da Tarde*, da Empresa Archer Pinto Ltda., nestes assinando a coluna “Casos Dolorosos da Cidade”. Exerceu, durante algum tempo, o cargo de consultor jurídico da extinta Comissão de Estradas de Ro-

176 dagem do Amazonas (Cera) e no Foro de Manaus atuou nas áreas cível e criminal.

Regressando à terra natal ingressou, por concurso público, no Ministério Público do Estado do Ceará, na condição de promotor. Aposentou-se no cargo de procurador do Estado. Reside em Santa Quitéria, no sertão cearense.

Kideniro publicou vários livros destacando-se: *Lanterna Azul* (1944); *Mandacarus* (1944); *Iluminúrias da Tarde* (2001); *O Livro e a Mocidade*, dedicado aos seus alunos da Escola Técnica de Manaus (2003); *A Morta* (elegia); *A Corrida do Bargado* (cordel); e *Cardos-Santos* (2007).

A fortuna crítica de Kideniro é vasta e honrosa. Intelectuais e folhas de todo o Brasil não manifestado sua aprovação ao talento do inspirado bardo. Entretanto, por motivos óbvios, destacarei apenas dois pronunciamentos críticos sobre a obra do nosso do homenageado. O primeiro, de Almino Affonso, escritor de méritos e que, no ano de 2005, inaugurou a galeria dos homenageados da Academia Amazonense de Letras, com a Medalha do Mérito Péricles Moraes, na área de Letras:

*[...] Embora não tivéssemos tido, na minha juventude, uma aproximação maior, eu lia os seus versos que os jornais de Manaus publicavam, como quem buscasse ter neles roteiro a seguir.*

*Depois, lembro-me bem, veio a lume a sua "Lanterna Azul". Com que encanto pude lê-la!*

*[...] Cheguei de viagem e danei-me a reler "Lanterna Azul", uma espécie de reencontro com minha juventude, quando ao lado de sua poesia, eu me deleitava, também, com a produção de "Claro Escuro" do nosso querido Áureo Mello.*

*Tanta coisa linda! Como eu gostaria de haver escrito "Última Santa"! Ou por igual, o "Amor Supremo"! Ou, ainda, "Os Sinos" [...].*

*S. P., 31/1/2000,*

*Almino Affonso.*

A segunda crítica selecionada é um mimo produzido pela inteligência de Sânzio de Azevedo, que dispensa apresentação. Concluindo, diz o crítico:

[...] Agora quero destacar alguns poemas que considero admiráveis: “Tristeza”, “Aos que vêm”, “Aniversário”, “Meu grande anseio” (uma obra-prima em dois sonetos), “A espera”, sem demérito para os demais. 172

E para que não se negue razão a Sânzio, fecharei a página dedicada a Kideniro Teixeira, no conjunto desta homenagem a vultos da Literatura, das Artes e do Mecenato, com a leitura da obra-prima apon-tada pelo grande mestre da Literatura Nacional:

Meu Grande Anseio  
(Para Maria das Dores)

I

Neste mundo o que eu queria,  
era ter vida pacata,  
ter o sol durante o dia,  
e à noite a lua de prata.

Ter a tua companhia,  
mesmo que fosses ingrata...  
Maria, ó minha Maria,  
como esse amor me maltrata!

E era tão pouco, das Dores;  
– colocar dois armadores  
nesta alcova de abandono,

ambos em cada parede,  
que eu, dali, de minha rede,  
escutasse o teu ressono!

II

Pois é isso o que eu não tenho,  
minha Açucena querida!  
És a Senhora-de-Engenho,  
sempre a moer minha vida.

Essa vida que sustenho  
numa senda dolorida..  
Vê, Maria, como eu venho  
Trazendo a alma sofrida?!

De implorar já vivo farto!,  
e é tão simples meu anseio  
em que me estou consumindo:

- Duas redes no meu quarto,  
uma redinha no meio  
e um menininho dormindo!.

Fecho esta página de carinho e de reconhecimento, de ternura e de admiração, de gratidão, também, ao homem e à obra. Não poderei, entretanto, fazê-lo, sem antes referir uma lembrança de Arlindo Porto que alia a sua monumental cultura humanística à admirável percepção histórica construída em memória prodigiosa.

Conta o nosso querido artista da palavra escrita e do verbo fulgurante, falando de Nunes Pereira, outro notável e inesquecível amazônida, que o velho pajé lhe confessara “possuir o tropismo da floresta, pois lhe bastava algum tempo nas matas para remoçar, ganhar forças, recuperar anos de vida [...] Contudo – continua: – Interrompeu-se o ciclo da formidável longevidade e, antes de completar os cem anos que, segundo ele, era o seu objetivo e a oportunidade em que tomaria o maior porre da paróquia, lá no Rio de Janeiro, distante da selva que tanto amava, a sua alma boníssima deixou o invólucro material e adejou para mais um remígio astral [...]. E remata: Não chegou a fazer os desejados cem anos. Tudo porque, creio eu, não tomou a dosagem necessária da bebida indígena que lhe asseguraria a imortalidade [...]. Nunes Pereira morreu aos 92 anos sem jamais, um dia sequer, haver se tomado velho [...]. Eu sempre desconfio que o venerando amigo, nas suas andanças entre os índios do Amazonas, onde colheu farto material dos livros que o tornaram internacionalmente conhecido como etnólogo, aprendeu a fazer e ingerir regularmente, alguma beberagem elaborada com a flora da

'selva selvaggia', o que lhe dava aquela longevidade de camponês da Geórgia. 179

Pois bem, a referência ao poema em prosa do Arlindo foi para fixar que o Kideniro Teixeira, ao contrário de Nunes Pereira, sorveu o poder encantatório da beberagem amazônica na medida exata. E aí está, moço e saudável, jovem e atuante, imponente e lúcido, e há de festejar os cem anos de fecunda existência, no próximo 16 de agosto, não em bar do Rio de Janeiro ou de Fortaleza, ou numa tasca de Santa Quitéria, mas na floresta sempre verde e florida de companheirismo, de estima e de afeição plantada no cantinho revitalizador do Anísio Mello, onde se aprende a conjugar o verbo amizade, e onde se serve, em golfadas de alegria, à irmandade de fiéis partícipes, a poção mágica. que a poesia de Max Carphenthier, em momento de rara inspiração, apelidou de "Chá do Armando".

#### — ARTES: HOMENAGEM A ÓSCAR RAMOS

Exatos 20 anos decorridos desde a solene instalação da Academia Amazonense de Letras. E 30 da vinda ao mundo do poeta Kideniro Teixeira, nascia em Itacoatiara, de tradicional família local, o menino Óscar Ramos. Nasceu sob o signo da arte posto que seu genitor, Óscar Ramos, *sênior*, foi, durante muitos anos, em Manaus, um artista de méritos, exímio fotógrafo, a quem a sociedade poderia, sem nenhum receio, confiar-lhe os mais delicados serviços no ramo.

Vindo para Manaus aos oito anos de idade, o menino Óscar Ramos estudou, seguidamente, no Colégio São Francisco de Assis, no Grupo Escolar Euclides da Cunha, no Colégio Estadual do Amazonas e, fora da capital amazonense, no Colégio Makenzie, de São Paulo. Durante sua permanência em Manaus, na época de estudante, vivia enturmado com os integrantes do Clube da Madrugada, jornalistas e artistas locais, inclusive e, notadamente, desenhistas e pintores. E foi exatamente, ao lado desse ícone das artes plásticas brasileiras, o premiado paisagista amazônico, Acadêmico Moacir Andrade, nosso estimado confrade, que Óscar Ramos realizou sua primeira exposição de pintura, no *hall* da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas. Era o ano de 1957.

Foi do convívio com o pessoal da imprensa e com intelectuais da terra que conheci Óscar Ramos, ainda na adolescência. Sempre alegre, sempre solidário, sempre artista.

Depois o nosso homenageado na área de Artes sumiu. Mas sempre chegavam a Manaus as notícias de sua peregrinação artística pelas bandas do Rio de Janeiro (1959), São Paulo (1968), Curitiba, Belém, Campinas... (1965).

Vai a Itália (1965), a Espanha (1966), visita a Colômbia (1968), Cardiff, Grã-Bretanha, País de Gales (1972), chega a Londres (1973 e 1974)...

Um autêntico andarilho das artes! Andarilho e estudante. Estudante de artes. De desenho e pintura. Expositor. Andarilho e semeador de artes. Professor de arte cinematográfica.

Óscar Ramos é um polivalente, versátil, envolvido nos vários campos da atividade artística.

Frequentou cursos de pintura livre no MAM, com Ivan Serpa (1965); em Madrid, com orientação do mestre Manuel Hernandez Mompó; prática da elaboração da obra construtivista de Júlio Plaza, em seu ateliê (1966); como bolsista (*lecturer fellow*), no Cardiff College (1970 e 1972); em Londres, juntamente com Luciano Figueiredo, desenvolvendo trabalho experimental (1973); de técnica mista, no Rio de Janeiro, ainda com Luciano Figueiredo na procura de espaços novos para interferências.

Marcou presença em duas bienais de São Paulo; na bienal de artes plástica de Cali, Colômbia; salão de Campinas; salão de Futebol no MAM, Rio de Janeiro...

Merceu prêmios: do governo italiano - Homenagem a Dante - (viagem a Itália), em 1965; medalha de bronze no salão de Curitiba (1965); prêmio de desenho da Universidade do Pará, com bolsa de estudos; Kikita, Gramado; Candango, Brasília; Fest, Rio de Janeiro; da Associação de Críticos de Arte, São Paulo, entre outros.

Participou de várias exposições e mostras, individuais e coletivas - em Manaus (1957); na Concord Gallery, Londres (1974); exposição Brasil na França; várias no Centro Cultural Palácio Rio Negro; no Rio de Janeiro e em São Paulo.

No Rio, a partir de 1978, desenvolveu intensa atividade artística, executando capas de disco para Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria

Bethania, Gal Costa, Jards Macalé, João Bosco, Marina, Jorge Mautner; posters para filmes nacionais; capas de livros para editoras nacionais e estrangeiras.

Exerceu, com eficiência, o cargo de diretor de arte de cinema; criou comerciais para a tv em geral; e para a tv Manchete, em particular (programas da Angélica e novela "Amazônia"). E ainda encontrou tempo para ministrar aulas em cursos de cinema, na Casa do Cinema, no Rio de Janeiro.

Novo retorno a Manaus, em 1996, e desde então vem atuando na Coordenação do Centro Cultural Palácio Rio Negro, na Pinacoteca de Manaus, Curadoria da Galeria do Largo; diretor de arte de longas-metragens nacionais e estrangeiros realizados em Manaus; comerciais estrangeiros produzidos pela wv e Zohar, do Rio de Janeiro, e produções fora do Estado, entre as quais: o espetáculo de fim de ano sobre o monumento da Linha do Equador, durante dois anos, em Macapá, no Amapá, com Amir Haddad; e o longa-metragem *Espelho D'Água*, de Marcos Vinicius César, produzido pela Copacabana Filmes, no Nordeste brasileiro.

Este, em linhas gerais, o Óscar Ramos que a Academia Amazônica de Letras foi buscar, escondido na sua modéstia, para outorgar-lhe, merecidamente, a Medalha do Mérito Péricles Moraes, na área de Artes, neste ano de 2008.

#### — MECENATO: EDITORA VALER

O terceiro homenageado da Academia, neste ano de 2008, com a lãurea Péricles Moraes, na área de Mecenato, é a Editora Valer.

Li, com preocupação e com tristeza, o artigo do escritor Cacildo Marques, publicado na revista literária *Linguagem Viva*, de São Paulo, referente ao mês de março de 2008, sob o título 'O fim das livrarias', no qual o autor teme pelo fim dessas oficinas do saber.

De fato, as livrarias agonizam.

Em São Paulo, no mês de março findo, cerrou as portas da rede "Leia-Livros", dando sequência a outras do ramo que já haviam desaparecido como: a "Ediouro/Curió", a "Brasiliense", a "Belas-Artes"

182 e algumas menores. A gigante Siciliano foi vendida por 60 milhões de reais para a Saraiva – ainda bem!

O que é isso? Por que tanta aversão aos livros? A causa, por certo, não será o computador nem a internet que transmitem mas não fixam.

O horizonte livreiro em nosso país está “carregado” de nuvens turvas. Pior é que o mau presságio paulista encontra similar em Manaus. É só lembrar...

Mas, por que, sendo a cultura globalizada, como tudo o mais, o estranho fenômeno não atinge Buenos Aires, por exemplo, cidade que, segundo é dito, possui mais livrarias que todo o Brasil?

Se a situação das livrarias é aflitiva, dá para imaginar o que está acontecendo com as editoras...

Lembro-me, com alegria e tristeza, ao mesmo tempo, faz tempo já, de um encontro de intelectuais, na antiga Capital da República, quando tive oportunidade de exibir aos presentes um livro editado em Manaus, pela Editora Sérgio Cardoso. Um deles, examinando o volume, exclamou, admirado: “Então há uma editora em Manaus!...”.

Como lastimar, entretanto, se ainda hoje, mesmo sendo Manaus a 8ª cidade mais populosa do Brasil, ainda há, lá pelas bandas do Rio de Janeiro, São Paulo e outros grandes centros, quem pense encontrar nas ruas de Manaus índios nus, jacarés e boiúnas convivendo com os nativos?

O diabo é aquele viveiro por detrás do Supermercado Carrefour..., conforme divulgam as folhas da capital da floresta...

Manaus possuiu várias e importantes editoras. Que tiveram, lamentavelmente, o mesmo destino inglório das livrarias referidas pelo escritor Cacildo Marques.

Contudo, em meio a tanto pessimismo e obscuridade, nos idos de 1987, uma réstia de luz riscou os céus do universo dos livros, em nossa cidade.

Era a Livraria Valer. Pequenininha, pobre, desacreditada por muitos, mas extremamente vontadosa. Um broto promissor numa floresta de descrédito e de dúvidas. E cresceu. E se impôs. Criou raízes. Vitorizou-se.

Dez anos depois, o gênio empreendedor de Isaac Maciel aliou-se ao espírito de luz de Tenório Telles para um projeto ambicioso – a fundação de uma editora! 183

E foi assim que, no dia 15 de dezembro de 1997 nasceu a Editora Valer, embalada no mesmo berço de sua irmã gêmea – a livraria.

## — Agradecimento

ÓSCAR RAMOS

E eu tenho a certeza de que a nossa alegria, da Editora Valer, do Kideniro Teixeira e minha, tem em comum um sentimento de alívio na recepção deste prêmio. Estamos livres de qualquer sentimento de culpa por estarmos certos de que essa escolha está isenta de politicagens, interesses secundários e favoritismos infundados. Da minha parte, posso dizer que nunca foi tão fácil receber um prêmio como este, sobretudo por reconhecer na AAL um compromisso tão claramente assumido com o verdadeiro direcionamento da inteligência, da criatividade e do sentimento de estética do ser humano.

Esta Casa, poucos sabem, está muito gravada na minha história. Quando minha família se mudou de Itacoatiara para Manaus, viemos morar nesta rua, ao lado da casa do Sr. Epaminondas Baraúna, num pequeno *bungalow* estilo Novo México, em frente à casa do Sr. Antônio Coelho, três belos exemplos de arquitetura amazonense da época, o Neoclássico francês e o Art Decor de pó de pedra. Uma demolida e a outras duas, desfiguradas. Muito próximo, o Dr. André Araújo, cuja filha Regina era amiga do meu tio Antônio, e que me levava nos domingos para visitar as crianças abrigadas na escola Montessoriana, que ela dirigia. A razão da existência desta Casa foi aos poucos se formando no meu entendimento até o ano de 1955, ano em que o poeta Thiago de Mello veio a Manaus para a posse de sua Cadeira 29 cujo Patrono é Castro Alves. Thiago de Mello procurou meu pai para que ele fotografasse a cerimônia e na noite da posse, 20 de janeiro, meu pai me trouxe com ele para satisfazer a minha curiosidade. Manaus inteira comentava a presença do Thiago entre nós, não só como celebridade de grande projeção nacional como também por ter vindo acompanhado de uma extraordinária mulher de extraordinária beleza, a atriz Thereza Austregésilo. Os dois, no *trottoir* das cinco da tarde

na Eduardo Ribeiro, causavam sensação! Senhoras da sociedade mandaram fazer vestidos, todas comandadas pela Sr<sup>a</sup> Aury Matheus e os homens tiveram engomados seus ternos e camisas de colarinho. Graças a Deus, estávamos longe dos jeans, dos tênis e das camisetas de malha, pois conhecíamos os paramentos adequados para os diversos rituais do nosso então presente.

Devo confessar que não lembro do Dr. Djalma Batista recepcionando o Thiago, não me lembro do Thiago discursando. O que eu me lembro mesmo é o luxo, a elegância, o brilho e o farfalhar dos leques das senhoras que se abanavam com o calor que fazia, sem ar refrigerado. Essa noite nunca saiu da minha memória e a importância desta Casa se firmou no meu entendimento como um lugar de cultura mas sobretudo e em primeiro lugar como um lugar de fausto, luxo e sofisticação.

Poucos anos mais tarde, quando eu voltei de São Paulo onde fiquei por um ano estudando, o João Bosco Araújo me levou para conhecer o Clube da Madrugada, como todos sabemos, uma plêiade de jovens que se propunha à busca e ao experimentalismo de novas estéticas, totalmente voltada para o que, na época, chamávamos de Arte Moderna. Por razões óbvias, o Clube se opunha à Academia. Uma oposição que era um uniforme ético usado mais como dever do que como o resultado de uma postura raciocinada. Afinal era necessário manter viva a chama do experimental contra o experimentado e, sobretudo, não confiar nos homens com mais de 35 anos de idade. E, no entanto, sempre fomos susceptíveis às atitudes de simpatia e aprovação de personalidades como as do Dr. André Araújo e do Dr. Djalma Batista. Deles sempre recebemos os mais generosos estímulos. O Dr. André fez a apresentação da primeira exposição do nosso trabalho, do Moacir Andrade e meu, no saguão da Biblioteca Pública em 1957 e o Dr. Djalma sempre olhou com atenção os meus desenhos e no seu julgamento nunca demonstrou nenhum tipo de paternalismo ou condescendência.

Esta Casa sempre teve uma função absolutamente indispensável para o Amazonas. Mesmo na recusa de aceitar versos *tipo sinto um gosto de quilha nos meus olhos e um paladar de vento nas narinas*, a Academia criava as condições necessárias para a formação de um pen-

186 samento literário, sobretudo entre os jovens da época, colocando em evidência a sábia teoria da inexistência da evolução da arte em favor de uma adequação de linguagem no tempo de sua criação. As discussões sobre literatura moderna organizadas pela professora Nilze Santana, no Colégio Estadual, é óbvio, encontrava respaldo no entusiasmo inflamado entre os que aprovavam e desaprovavam os versos do Farias de Carvalho e de outros poetas e artistas do Clube. A Academia nos deu a perspectiva da diferença entre o artista quando jovem e o artista quando maduro. Eu me lembro da celeuma provocada pelo discurso do Dr. Péricles Morais quando ele... O Clube da Madrugada em peso esteve aqui presente e, momentos depois, reunido no Café do Pina, comentamos durante grande parte da madrugada a inteligência e o poder do Dr. Péricles como literato e o Farias, com sua veia histriônica, imitava-o nos melhores momentos de sua fala. Muitas vezes, ao rechaçar com radicalidade a obra do artista plástico Branco e Silva, meu sentimento de culpa me levava aos anos de minha infância quando o seu Presépio me deslumbrava. Ele sempre me deu vontade de pintar, de fazer coisas com as minhas mãos, de trabalhar a cor muito antes da Bienal de São Paulo (eu vi a primeira), de Picasso e Matisse. Se éramos arruaceiros, beberrões e desorganizados, na nossa maioria, a Academia se mantinha tranquila e forte obrigando-nos a uma conceituação cada vez mais acurada das nossas convicções. Na nossa atitude, tão clássica entre jovens de todos os tempos, de não saber o que queríamos e saber o que não queríamos, colocávamos a Academia num estado de alerta que nunca a permitiu nos ignorar e, principalmente, nos desacreditar diante da sociedade. Vivíamos a fricção indispensável entre o clássico e o moderno na busca de colocação das nossas reações à realidade conforme sofríamos dela. Em Manaus, como no mundo inteiro, os anos 50 se firmavam como uma era de grandes transformações das quais era preciso participar com atuações de uma grande entrega, uma total falta de responsabilidade e muito espalhafato. Para mim, aos dezessete anos, Rimbaud era o mestre supremo "on n'est pás sérieux quand on a dix-sept ans". Como moto, era tudo o que eu queria!

Hoje, a Academia Amazonense de Letras mantém uma atividade grandemente participativa na vida cultural de Manaus. Sua biblioteca

está aberta para consultas e pesquisas. Aos sábados, mantém cursos com temas variados, especialmente dirigidos à tribo universitária mas não fechados ao público em geral. Lançamentos de livros e palestras sempre ligadas à literatura amazonense.

Pessoalmente, declaro a minha satisfação e a minha honra por ter como companheiros esta noite o Kideniro e a Editora Valer. O primeiro, por ter atravessado mais de sessenta anos de atividades várias e nobres, combativas e politicamente corretas, mas pensar que em 1944 publicou seu primeiro livro *Lanterna Azul* e em 2007 *Cardos-Santos*, me leva a considerar com muita emoção sua entrega, sua dedicação e sua fidelidade ao seu talento criativo. Ele é um exemplo da convicção dos humildes de que o labor persistente é uma troca engrandecedora entre o que produz a dádiva e o que a recebe. Eu também estou aqui para homenageá-lo e parabenizá-lo, o que faço com muita alegria.

Quanto à Editora Valer, o que me deixa mais satisfeito na sua premiação é o fato de sua ação ser da nossa contemporaneidade. Não importa a idade que tenhamos esta noite, a ação da Editora Valer está acontecendo neste exato momento. Neste exato momento estamos sendo alvo do seu trabalho construtor, estamos sendo beneficiados pela variada temática de suas publicações que atualizam a nossa erudição e ampliam o nosso conhecimento do pensamento amazônico. E isso se faz cada vez mais necessário neste momento em que a Amazônia se tornou o alvo das mais variadas especulações externas e, como diz o Acadêmico Robério Braga, o Brasil se recusa a ser um país amazônico. A minha satisfação de perfilar ao lado da Editora Valer esta noite é incomensurável e muito enobrecedora.

Independentemente do fato de estar a minha pessoa e a minha obra incluída na Medalha do Mérito Péricles Morais, ainda sou capaz de distinguir que o grande prêmio desta noite de fato pertence à Academia Amazonense de Letras.

Minhas Senhoras e meus Senhores, sou muito agradecido por esta oportunidade cuja possibilidade nunca foi por mim imaginada. É absolutamente sensacional ter ocupado esta tribuna, nesta Casa, para vos dirigir estas palavras. Obrigado e muito boa noite.

## — Abertura<sup>1</sup>

JOSÉ BRAGA

1. Manaus, 22 de dezembro de 2009.

Mérito, como sabeis, é valor, dignidade, merecimento, qualidade que nos torna dignos de prêmio ou estima, dizendo-se meritório aquele que é merecedor de honra e louvor.

Medida de nossas capacidades e aptidões, o mérito pressupõe reconhecimento, dever que ocupa espaço fundamental nesta Casa. As Academias nascem e se reconstroem pelo reconhecimento do mérito de vocações que se projetam no campo das letras, das artes, das ciências, da beleza. Esse reconhecimento, todavia, não se há de restringir às vidas e obras dos que foram sagrados na imortalidade acadêmica.

A *Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes* estende o reconhecimento desta Casa a outras merecidas inteligências, proclamando os seus fazeres em prol do desenvolvimento cultural das gentes amazônidas.

Este ano, excepcionalmente, estamos realizando a solenidade de entrega da Medalha em data posterior ao aniversário do patrono Péricles Moraes, em razão das obras de restauração e ampliação da sede da Academia ao longo de dez meses ininterruptos de trabalho.

Assim, a Academia Amazonense de Letras reúne-se nesta noite de reconhecimento e júbilo para entregar a honraria ao professor e escritor Carlos Gomes, ao bailarino Marcelo Mourão Gomes e ao Instituto Dirson Costa de Arte e Cultura Amazônicas, agraciados em 2009.

Compromissos profissionais inadiáveis no exterior, onde reside, impediram o bailarino Marcelo Mourão Gomes de estar aqui hoje entre nós. Mandou-nos, porém, o seu coração: sua mãe Mazé Mourão para viver por ele as emoções desta hora.

Cumprimentando os integrantes da mesa, os Acadêmicos e Acadêmicas, os homenageados, as autoridades e a todos que prestigiam nesta noite a Casa de Adriano Jorge, declaro aberta esta sessão solene.

## — Os cavaleiros da medalha

MAX CARPENTIER

Quando a flauta dos pastores já expande na alegria os horizontes do mundo; quando uma estrela captura os nossos olhos para a rota da esperança; quando a devoção do Natal reduz as poderosas catedrais à altura de uma manjedoura, reúne-se a Academia Amazonense de Letras. E eis que, pelo poder das evocações profundas, Péricles Moraes ressurge entre nós, íntegro, na beleza de sua humanidade, para outorgar a distinção de luzes da sua Medalha.

Esta Academia, cumprindo seu tríplice destino de guardiã das Letras, do pensamento e das manifestações culturais, vive em permanente estado de reflexão diante das realidades, das buscas, das conquistas dessa interminável escalada em que o homem sonha e concretiza, celebra e sofre, para poder conhecer, para poder realizar a sua natureza divino-humana, nas intermináveis espirais da evolução. Então, a Academia, na sua atividade intra e transcultural, discute o tema, publica o livro, guarda a memória, assinala o caminho, e também, Senhores, procura o exemplo, honra a atitude, mede a contribuição, para poder dizer onde está o mérito, onde transborda o valor, sob que forças o nosso meio avança. Para essa identificação, que proclama e festeja personalidades e instituições, foi criada a *Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes*.

Uma medalha, pela sua natureza significativa, é um símbolo. O que é um símbolo? Baste-nos dizer que ele é uma interpretação respeitável da realidade, uma síntese de anseios e de propensões, uma leitura encantada das construções da vida, um ponto de convergência na direção para o alto. Assim, transmutado pela alquimia da própria excelência, Péricles passou da transitoriedade de homem para a perenidade de símbolo. Ele serviu com o maior fervor a Literatura, isto é, o espaço excelente do espírito criador, o lugar universal onde nas-

190 cem, se abraçam e se desdobram, em multiforme doação recíproca, as indagações e as afirmações da verdade, do sonho e da beleza. Ele estudou e dirigiu os nossos rumos literários, iluminou de estética o pensamento amazônico de então, e nisso interpretou e realizou necessidades e vocações do nosso povo. Péricles foi sùmula e construção, signo de inspirações, fisionomia de vigilância benigna, referência no real e no mistério. E tanto foi, que ainda hoje ele é: permanência no tempo, emblema de dignidade humana, apelo às ascensões, como é da missão dos símbolos.

Este ano, a Academia condecora o professor e escritor Carlos Gomes, na categoria *Letras*; o bailarino clássico Marcelo Mourão, na categoria *Artes*; e o Instituto Dirson Costa, na categoria *Mecenato*. São dois homens e uma instituição, são três símbolos, três vertentes de altos valores que a Academia identificou no aplauso que merecem, e hoje assim os consagra, confirmando-os no respeito e na admiração do nosso povo.

Senhor Presidente, a tribuna, irmã da praça, é espaço de liberdade, mas, se nas praças as vozes se perdem, na tribuna as vozes se responsabilizam. Então, sob esse duplo preceito da liberdade ombreada com a responsabilidade, sem prévia consulta a Vossa Excelência, transformo a *Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes em Ordem da Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes*, contando já com o beneplácito de que medalhas, espécies de brasões, podem elas, por sua natureza, ser expressivas das ordens de todos os méritos. Ao menos por esta noite, que a palavra *ORDEM*, cercada pelas iluminuras do belo e do bem, acrescente-se à palavra *MEDALHA*, e tenhamos assim, no espaço deste discurso, a extraordinária dignificação da medalha pela súbita incorporação da memória universal das ordens do mérito. Que no Grau de Cavaleiro, que é o âmago dos graus, sejam recebidos e ungi-dos o professor Carlos Gomes, o bailarino Marcelo Mourão e, no corpo do seu Instituto, o maestro Dirson Costa.

Mestre Carlos Gomes, esta homenagem da Academia é um abraço que, vos distinguindo, amplia o cabedal acadêmico, porque, ao honrar vosso nome, é certo que nos acrescentamos de vossos dons. Honrar é participar da honra, iluminar-se nela, porque o louvor, que sobe em glória, em graças desce. Nossa medalha é como o rosto de uma

lâmpada que sai pela noite à procura de luzes iguais, de novas iluminações. Ela vos procurava, e vos encontrou, e vos trouxe até aqui, irmã que encontra irmão, luzeiros de mãos dadas. Chegais antecedido de vós mesmo, eis que a distinção abençoada dos humildes sempre os precederá tanto diante dos homens como diante de Deus. A cristã humildade é insuperável como moldura do mérito. Discretamente, como quem nunca desejara reconhecimento algum, vindes com as insígnias de professor e de escritor. De vossas aulas posso dar notícia, porque delas aprendi. De vossa ação literária posso falar, porque fui vosso liderado no Clube da Madrugada e na União Brasileira de Escritores do Amazonas. E de vosso comportamento de homem desprendido posso dar testemunho, porque em toda a nossa convivência foi assim como presença digna que meu coração vos traduziu.

Chegais já condecorado com a Medalha do Mérito Educacional, que o Conselho Estadual de Educação vos conferiu em 2008, consagrando-vos entre os arquitetos da formação intelectual do nosso povo. O idioma é um repositório da índole, das marcas sociológicas, dos bens imateriais da nacionalidade. Ensinando-o, nossas raízes nos apontastes, nosso destino nos descobristes; foi o jeito de falar da nossa alma o que nos ensinastes. Mas não ficastes só na sala de aula, fostes para um jardim, o jardim da praça da Polícia, para fazer de novos ideais novas realidades, nas madrugadas imortais do Clube. Do jardim fostes para uma casa, a sede andarilha da União Brasileira de Escritores do Amazonas, da qual fostes tesoureiro, secretário-geral e presidente. Foram tempos de fervor, de heroica lavoura dentro da noite. Muito hoje nos sustentamos daquelas germinações que escandalizavam o deserto.

Um dia, o professor deu lugar ao escritor, e eis que em 1967 publicais o livro de contos *Mundo mundo vasto mundo*, que vos colocou em posição de vanguarda na ficção amazonense. Sobre esse livro, é melhor que fale por nós Arthur Engrácio, quando diz: "Constitui esta obra... um passo avançado na nossa prosa de ficção... É forte o senso de procura em Carlos Gomes". Recordemos também a palavra de Antonio Paulo Graça, que escreve: "Para mostrar sua sintonia com as questões filosófico-existenciais do tempo presente, o autor reuniu alguns contos em que personagens se veem perdidos às voltas com

um mundo absurdo”. E ouçamos a emoção de Fábio Lucena quando comemora assim: “*Mundo mundo vasto mundo*, saúdo-te como uma vitória da minha geração. Crédito ao teu criador a categoria de intérprete da minha época, dos mais autênticos, do porte, inclusive, do comandante que chorou no mar a caminho do exílio, para voltar algum dia, quando será milhões...”. De fato, mestre, eu neste instante digo que já vos multiplicastes, já sois milhões, pela multidão de aulas que destes, pela contribuição inumerável de vossa permanência firme no que de melhor existe no caráter, no estudo, na criação literária, e agora, pela extensão da saga educadora que tereis como conspícuo e libertário Cavaleiro da Medalha.

Como quem de um livro levanta os olhos para um palco, eu passo agora da literatura para a dança, e encontro um bailarino levantando ao êxtase as plateias do mundo. É Marcelo Mourão Gomes, o homem feito de música, tal a perfeição com que os seus músculos interpretam e dão vida aos caprichos e às vertigens das notas musicais. Mazé Mourão, que belo ideal o do teu filho, quantas assistências celestes teceram a sua vocação! Ele não conta em anos o tempo de sua vida; conta-o em coreografias, em óperas vividas, em músicas dançadas, porque o tempo pode ser cristalizado na beleza, e é nas maravilhas do palco que ele vive a plenitude de sua existência. Ele não tem ainda mais que trinta anos, e já tem pelo menos trinta mil “pliés”, “tombés”, “elevés”, “glissés”, sem contar as passagens numerosas de um “sissone” para um “grand-jeté”. Tudo isso para dançar, por exemplo: o “Quebra-Nozes”, “O Corsário”, “Romeu e Julieta”, “Dom Quixote”, “O Cisne Negro”, “A Bela Adormecida”, “Sevilhanas e Tangos”. Um compêndio clássico de ópera é um painel sonoro da história sentimental da humanidade. O que aí faz um bailarino é escalar essas alturas, descer a esse silêncio amável que há entre uma música que fala e o nosso coração que ouve. E eis a primavera a rodopiar com o outono, o amante salvando-se no crucifixo da amada, e pode um relâmpago da arte evangelizar toda uma escuridão, conforme o nosso sonho, conforme a nossa vida, conforme o nosso amor. Marcelo Mourão dança sobre píncaros e abismos, sobre os mistérios que permeiam as grandes dimensões de nossa presença no mundo. Desde cedo ele se preparara para realizar em seu corpo essa ancestral conjugação de deslumbramento

mentos que há no encontro da música com a dança, com as falas dos libretos; nessa comunhão algo febril em que cordas e metais e sopros, dando vibráteis contorções à matéria de que somos feitos, nos fazem sentir momentos de nossa capacidade de antegozar as dimensões eternas, naquela hora em que a dança quase leva o espírito extasiado a romper com os limites da carne emocionada. Isso não é uma felicidade simples. Trata-se de uma densidade dramática que comporta os graus mais apaixonados e antigos da expressão humana, eis que a dança existe desde o primeiro movimento da argila que se deixou amar pelo Sopro; desde os ritos de fertilidade, que foram e que são orações dançadas, até os imortais balés de repertório que dançam as mais fundas comoções da alma.

Imagino o que vós sentis, Marcelo Mourão, em vossas apresentações. Que emoções sublimadas, que êxtases aflitos percorrem todas as dimensões do vosso ser nos rituais da dança. A vossa arte, que tem o dom de revelar, em feições ritmadas, o âmago do imponderável, conta em cadências aladas a história das nossas fascinações. E tem o vosso corpo que sorrir com os oboés felizes; e tem o vosso corpo que exprimir o gemido das flautas; e tem o vosso corpo que dar asas aos suspiros das harpas; e tem a vossa alma de conhecer, no espaço de um salto, o afago de nossa própria transcendência, quando os violinos da dor sobem desesperados para receber das mãos de Deus a justificação das lágrimas, os alívios supremos, o consolo de tudo.

Esse é Marcelo Mourão, Senhores, o amazonense que conseguiu a unanimidade dos aplausos do mundo à sua arte e que pontifica nos mais belos palcos como solista de invejável desempenho. A mitologia registra que Terpsícore, a musa da dança, gerou com o deus-rio Aque-lós as sereias. Aqui, para a mitologia da nossa região, bem se pode acreditar que Terpsícore, num movimento nupcial da Grécia e do Amazonas, gerou com o rio Negro, herdeiro equatorial dos seus segredos de musa, o bailarino que hoje é consagrado Cavaleiro da *Medalha Cultural Péricles Moraes*.

Largo agora as mãos de Terpsícore para encontrar as de Euterpe, a musa da música, para que ela me conduza até Dirson Costa, isto é, ao Instituto que leva o seu nome e que vem se notabilizando no mecenato.

Façamos uma breve incursão na História. O político e diplomata romano Caio Mecenas, na época áurea de Roma, além de ser notável conselheiro de César Octaviano, depois de aposentado dedicou-se à proteção e ao estímulo de seu círculo literário, de que participaram, entre outros, Horácio e Virgílio. Ele os patrocinava “com amizade, bens materiais e proteção política”. Vem daí, do nome desse protetor das artes, o termo mecenato, atividade benfeitora em que se distinguiram a alta burguesia do Renascimento e hoje é política de patrocínio cultural público e privado que aperfeiçoa seus mecanismos de efetivação no Brasil e no mundo, sob as formas de leis de incentivo fiscal, de fundação de ONGs, de estratégias de mercado, e das antigas e às vezes silenciosas iniciativas de solidariedade pessoal que repetem o gesto de Caio Mecenas.

Nessa área da promoção cultural, o Instituto Dirson Costa mantém os projetos de Centro de Artes, Centro de Referência do Teatro Amazônico, Centro de Memória e Biblioteca. Seu trabalho, voltado especialmente para jovens e comunidades indígenas, já mereceu diversos prêmios. O Instituto resume o seu ideário nos seguintes termos: “Formar, por meio do estudo das Artes e da Cultura da Paz, o Homem Amazônida, habilitando-o ao pleno exercício da cidadania”. Vejam, Senhores: arte, cultura e paz. Esse enunciado revela muito a inspiração do mecenato, que é a promoção do humano, seja na arte, seja na ciência, seja na erradicação da ignorância, seja na mitigação de todas as fomes. A verdadeira raiz do mecenato está muito além de qualquer interesse fiscal, ou empresarial, ou de injunções econômicas. Essa raiz pertence aos campos da generosidade, nome que a caridade gosta de usar quando desce dos altares de Deus para andar na terra, entre as necessidades dos homens. É sob a perspectiva da generosidade que se deve entender e aplaudir o ideal do maestro Dirson Costa. Ele certamente gerou seu Instituto num momento em que a música lhe deu a súplica das mais elevadas visões humanas. A música, Senhores, só pode ser o rosto do silêncio de Deus. Regendo vozes, Dirson ouviu anseios; ouvindo anseios, mais amou sua gente; sua gente amando, semeou na terra. O poeta Jorge Tufic, num poema sobre a ausência dele, escreveu: “Aqui embaixo, entretanto, / ficara este vazio, talvez uma pausa, / ou – quem sabe? – aquele gesto fraterno / que imitamos

sem saber de quem”. Porém, dizemos nós, ficou o Instituto, Senhores. Esse Instituto é sua herança, um reflexo de si mesmo que perdura entre nós. É Dirson caminhando conosco, cordial como sempre, maestro como nunca, regendo agora alegros de esperança, talvez também regendo, entre as esferas, aquela missa cujo texto escrevi para ele. A generosidade de Dirson Costa precisa de um adjetivo que a identifique. Seja então generosidade LUTADORA, a que cria sem cessar, a que não desiste, a que prossegue na determinação dos que ficam, a que jamais encontrará repouso enquanto houver necessidade de amor sobre a terra. Podeis vir, Dirson Costa, já cavaleiro das ordens celestes, para receber, da Academia para o vosso Instituto, o título de Cavaleiro da *Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes*, que certamente passareis às mãos de vossa musa conjugal, a doutora Aidalina Costa, apaixonada administradora da instituição que deixastes.

Finalmente, Senhores, é oportuno que eu procure o fio entrelaçador, o fio que se sente haver, que necessariamente há entre a literatura de Carlos Gomes, a dança de Marcelo Mourão e o Instituto de Dirson Costa. Qual a palavra que faz o nexo entre esses destinos, e os identifica, a ponto de reuni-los na noite única de uma mesma homenagem, nesta comunhão que se reparte em três para a edificação de muitos. Essa palavra, Senhores, é DOAÇÃO, oferta de dons, entrega de vida. De Carlos e sua literatura, recebemos a palavra criadora e suas imagens do mundo e suas criaturas. De Marcelo e sua dança, recebemos os abraços rítmicos das volúpias salvadoras. De Dirson e seu Instituto a partitura de uma vigília que é toda uma canção a cada resgate de sonho. Agora, os três cavaleiros se unem, se abraçam, olham juntos o silêncio dos espaços lá fora, para fazer que todos nós, na alegria, agradeçamos a Deus pela ternura do bem, pelo convite do belo, pela aventura da vida, por essas bênçãos tão boas das coisas infinitas.

Muito obrigado!

## — Agradecimento

CARLOS GOMES

Faz algum tempo que li em certa peça oratória cujo autor se me esvaiu na memória que Horácio lapidou este sábio conselho, válido sobretudo para aqueles com quem a Musa da Eloquência não foi nem um pouco generosa: *Estobrevis et placebis*.

Serei breve, como recomendado o imortal poeta da Antiguidade Clássica. Até porque não estou convencido de que mereça receber a *Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes*, exuberante homenagem para quem, como eu, tão poucos créditos possui.

Quis recusá-la. Em carta ao atual Presidente deste Silogeu, expus as razões pelas quais abdicava de tão imenso galardão, que é tradicionalmente concedido àqueles que enriqueceram, com obras e ações, o patrimônio imaterial de nossa gente.

Sou intelectualmente assaz pequeno, disse-lhe com firmeza. Portanto, sem nenhuma concessão à modéstia, em tão luminoso perfil eu seguramente não me enquadro.

Entretanto, quando nos encontramos no lançamento da *Antologia do Conto do Amazonas*, Sua Excelência, com a lhaneza de trato que o caracteriza, refutou meus argumentos e lavou as mãos, ao me responder que nada podia fazer: a decisão fora da Academia.

E agora? Fazer o quê? Não comparecer à solenidade seria imperdoável descortesia, que certamente saberia a abominável gesto grosseiro para com a academia de letras de minha terra, instituição que me cumpre tributar reverência e admiração pelo seu passado tão glorioso quanto o seu presente, mercê dos expressivos nomes de nossas letras, artes e ciências que sempre reuniu. Perplexo, pus-me a ponderar sobre a escolha e me perguntei: Mas por que esta Casa resolveu agradecer-me com honraria de tão subida monta?

Não me foi necessário dar muitos tratos à bola. Intuí, sem grande esforço, que só podia ser isto: o que pretendeu a Academia foi, na verdade, homenagear uma geração que, nos anos 50 e 60, sob os influxos do Clube da Madrugada, muito mourejou pela cultura em nossa terra, do que resultou, na área das letras, o surgimento de autores de histórias curtas, muitas das quais documentaram os costumes da sociedade de então e o doloroso momento histórico que vivíamos.

Desse modo, em meu lugar, nesta hora, poderiam estar Benjamin Sanches, Aluísio Sampaio, João Bosco Pantoja Evangelista, Arthur Engrácio, Ernesto Pinho Filho, Erasmo Linhares... Mas estes já descansam em infinitas e ígnotas plagas.

A *Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes* melhor cairia no peito de Francisco Vasconcelos, que tão assinalados serviços prestou à cultura em nossa terra, numa época em que tudo se fazia escuro. O galardão ornaria, com perfeita justiça, o peito de Adrino Aragão de Freitas, o de Getúlio, embora espiritualmente jamais se tenha afastado do berço em que nasceram, a vida os levou para longe daqui, os dois primeiros para Brasília e o último para São Carlos, cidades onde, saudosos destes pagos, passaram há décadas a residir. Mas entre nós ainda temos a alegria do convívio com Ediney Azancoth, memória viva do teatro amazonense, cuja trajetória, em feliz parceria com Selda do Vale, vem registrando em obras em que muito se deleitarão e aprenderão os estudiosos e apreciadores da arte cênica em nossa terra. Além de autor dramático, Ediney é ator de largos recursos dramáticos, razão porque se tornou referência, desde sua atuação no Teatro Universitário, no seu tempo de acadêmico de Filosofia, e depois no Tesc – Teatro Experimental do Sesc, grupo a que emprestou e ainda empresta o brilho de seu talento.

Mas, enfim, talvez por ser eu o sobrevivente mais à mão de minha geração, entendeu a Academia que deveria recair em mim o múnus de representá-la.

E eis-me aqui emocionado, esmagado pela grandiosidade deste momento solene, a receber uma honraria que, mais que a mim, pertence a coevos meus que já viveram ou que, em plena faina criadora, ainda vivem.

Prometi ser breve. Obrigado, Senhores Acadêmicos, por me terem feito depositário deste galardão, *ad referendum*, por assim dizer, de outros que melhor representariam a minha geração. Ao receber a medalha que leva o venerando nome de um dos maiores ícones desta Academia – Péricles Moraes – só lhes prometo que, agradecido, saberei conservá-la no imo do peito, com o grande e sincero respeito que lhe devoto.

## — Abertura

ELSON FARIAS<sup>1</sup>

Senhoras e senhores Acadêmicos  
Minhas senhoras e meus senhores

1. Discurso pronunciado de improviso e copidescado pelo autor. Publicado originalmente na edição 28 da Revista da AAL, aqui com as correções sugeridas pelo autor.

A Academia Amazonense de Letras reúne-se hoje solenemente para fazer a condecoração de personalidades com a Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes.

Essa medalha foi criada pela Academia para homenagear figuras de destaque da vida brasileira na Amazônia.

Figuras de destaque, aquelas que se projetaram explorando temas da Amazônia ou interpretando temas da Amazônia.

A medalha foi criada numa linha que eu diria convexa, não de uma linha côncava, voltada para dentro da Academia, no sentido de homenagear figuras que tivessem prestado de uma forma ou de outra algum serviço à Academia. Não. O empreendimento teve por objetivo premiar aqueles que atuam fora e a Academia generosamente fez com que fosse numa linha convexa, aberta para fora, homenageando figuras como a do Sr. Moysés Israel que, em sua atividade empresarial, jamais se esqueceu de colaborar com a cultura, tanto que, ultimamente, teve a iniciativa de doar terras de sua propriedade para implantar os *campi* das Universidades Federal e Estadual do Amazonas em Itacoatiara.

O Sr. Severiano Porto que, não obstante não ser amazonense, elegu o Amazonas como sua terra e aqui desenvolveu uma obra mag-

nífica. Não sei se vocês sabem que o chapéu é uma invenção dele. Vale a pena lembrar. O confrade José Braga andava atrás de alguém que fizesse para ele um ambiente, um restaurante e me solicitou uma sugestão. A ideia dele era estilizar uma casa de farinha, mas achamos que seria difícil conciliar o espaço com arrumação de mesas e cadeiras de um restaurante etc. Sugeri, então, conversarmos com o Severiano Porto, que, sem dúvida, teria uma ideia para isso. Aí o amigo José Braga procurou o arquiteto que lhe propôs de pronto a concepção de um chapéu de palha.

Nasceu assim aquela obra que todos ainda nos lembramos erguida na Vila Municipal. Mas um dia alguém, na calada da noite, achou de fazer ali outra coisa e pôs abaixo o chapéu de palha. Ocorre que o chapéu de palha, como estrutura arquitetônica, foi destruída, mas permaneceu a ideia. Hoje, Manaus está cheia de chapéus de palha, a gente vê monumentos, eu conheço um restaurante, um local de lazer com uma estrutura enorme, construída de palha, na linha daquilo que Severiano Porto concebeu. Quer dizer, ele desenvolveu uma linguagem, ele criou aquilo que nunca mais vai desaparecer da fisionomia paisagística da cidade de Manaus.

Outra é a amiga Astrid Cabral, que saiu de Manaus aos 18 anos de idade, mas nunca deixou de pensar, de sofrer Manaus, tanto assim que escreveu um livro de poemas intitulado “Visgo da Terra”, pessoa presa no visgo, tal como aqueles passarinhos que os meninos da Amazônia prendem nas árvores e levam para engaiolar em casa com inocente maldade. A diferença é que a Astrid soube libertar o seu passarinho nas asas da poesia.

Senhores homenageados:

Estais aqui para receber uma homenagem cara a todos nós, fruto de uma decisão democrática, pois a Academia ouviu aos seus 40 titulares e eles se manifestaram por meio do voto secreto, escolhendo-os para esta homenagem.

É, portanto, uma conquista dos senhores e não uma simples concessão da Academia. A premiação é uma conquista dos senhores.

Muito obrigado.

Está aberta a sessão.

{ PORTFÓLIO }

## — Anísio Mello

SERGIO LUIZ PEREIRA, escritor

As imagens que constam desta revista são de um pintor que nos deixou faz pouco mais de um ano. São obras, originais e belíssimas, baseadas em pesquisas. Sim, pesquisas, porque seu autor, além de artista completo, era preocupado com o processo ou efeito de reprocessar sua arte, quando, para ele, a confecção estava incompleta ou quando era necessário aprimorar propriedades ou melhorar o rendimento de sua operação pictórica como um todo.

Anísio Thaumaturgo Soriano de Mello, homem de letras e artes, dá-nos exemplo de existência politicamente singela e de vida culturalmente ativa. Prova disso são três obras póstumas (há muitas outras, inclusive), umas das quais chancelada pela Academia Amazonense de Letras – *Rito selvagem* – lançada há pouco. As outras duas são: *Igapó – histórias e lendas da Amazônia* e *Convite à poesia*.

Em verdade, a Academia faz tributo a um dos seus membros mais queridos, que na data de 21 de junho último faria ele, em plena juventude, 84 anos. Quanta beleza na sua pintura! Feliz do homem que, por meio dela, consegue ver o esplendor da alma do artista e a beleza de seu coração! Anísio Mello bem soube ser fiel aos seus princípios éticos e manter uma vida pública extremamente austera com seus deveres. Não que no seu cotidiano fosse diferente. Por isso vive e viverá na sua pintura, nos seus escritos e no peito de seus amigos.

Nas páginas 1, 2, 5, 6, 7, 121, 167, 207 e 208: obras de Anísio Mello em fotos de Roberto Mendonça.

{ RESENHAS }

## — Um passeio pela Catedral dos Sacramentos

ALMIR DINZ

Venho de inefável viagem pela magia dos símbolos. O espírito transbordando de emoção. A matéria impregnada das luzes do mestre mandando de seus textos em lufadas de sabedoria.

Venho de belo passeio pelos áureos caminhos da poesia. O lirismo esparzindo-se em cada fragmento da obra feito o perfume balsâmico dos óleos santos num turíbulo imaginário.

Venho de uma festa de luz e cores dos domínios de poesia. Do misticismo e da beleza. De um revoar por galáxias de sonhos a testemunhar o parto das estrelas.

Revi, de muito perto, a construção de arco-íris plantando a ponte entre o divino e o humano. Convivi com a água, a luz e o vento como mensageiros das sagradas escrituras. E bebi, nas palavras dos sábios, nas crônicas dos exemplos, na memória dos tempos e na história dos artifícios dos evangelhos a construção da fé cristã.

Viajei nas “asas do vento” sorvendo nas gelosias do conhecimento e nos alpendres das mansões bíblicas a explicação mais simples dos santos mistérios.

Na prosa poética de Max Carpentier penetrei a *Catedral dos Sacramentos* revendo imagens armazenadas nos cantões adormecidos da lembrança e nas arcas das reminiscências ativadas pelo expositor. E em sua poesia doutrinária de Max reencontrei-me com as parábolas e a instituição dos dogmas sacramentais ensinadas com simplicidade e profundidade por esse vigoroso hermenêuta de raro pendor artístico.

Leigo, o autor penetra o mundo litúrgico derramando ensinamentos éticos e morais, unguendo de sabedoria esse romance sagrado composto de belos capítulos, criteriosamente selecionados,

204 segundo sua concepção de esteta forrada de sólida formação poética e cristã.

Em cada tijolo ou capítulo dessa obra magnífica, de sublime arquitetura, emergem lições de clara religiosidade e inegável sapiência desvendando no arcabouço místico a essência das santas escrituras.

Quem adentra a *Catedral dos Sacramentos*, com o espírito desarmado, e serve o sumo e assimila a essência das doutrinas abraçadas pelos teólogos em convívio com os textos santos, nunca mais esquecerá os conceitos e as interpretações lançadas com simplicidade e inteligência, nem olvidará, jamais, as lições de nosso poeta místico contidas na obra max carphentiana.

Retornado do passeio pela magia dos símbolos, eu te saúdo e louvo, inspirado poeta Max Carphentier, pela edição primorosa da *Catedral dos Sacramentos*.

## — As doces lembranças

JORGE TUFIC

*Doces lembranças*, de Dona Chloé Loureiro, é um livro original sob vários aspectos: ele conta a história de sua vida, retrata uma época de ouro, ensina a viver e, ao mesmo tempo em que narra os eventos cívicos, religiosos ou domésticos, transcreve as receitas que fizeram o sabor e estreitaram a convivência entre parentes e amigos. Em pinceladas vigorosas, mostra-nos ainda o que foi a Sena Madureira da sua e da minha infância nas décadas vinte e trinta, quando, sempre com a diferença de uma década, nossos pais tiveram de trocar o ambiente semibucólico daquele município acriano pela cidade de Manaus.

Se os tempos deterioram, se a qualidade de vida do brasileiro deprime-se com o progresso e a cosmopolitização, Dona Chloé não recorda e faz recordar apenas para viver, mas, sobretudo, para salvar. E aqui está um livro, essencialmente brasileiro e puro, que nos indica o caminho de volta ao sentimento caseiro do afeto, aos encontros na praça, ao valor da amizade, ao cultivo fraterno da boa vizinhança. A criatividade e os milagres da cozinha também contam na levantação dos hábitos, no enfrentamento cotidiano das dificuldades. Por outro lado, os pais e os filhos são incapazes de ver e sentir como vê e sente a mãe compenetrada, que saiu da curiosidade e dos anseios da primeira e segunda infâncias, dedicadas aos longos preparativos da mulher e da esposa, para as tarefas do lar. E as *Doces Lembranças* de Dona Chloé estão repletos de acontecimentos afetivos, e até de sustos e sacrifícios que somente a ela, e as suas doces lembranças, devem pertencer.

Mas, leiam com atenção este livro. Leiam e anotem, que há nas suas entrelinhas muitas outras receitas, de amor e sabedoria, que bem podem conduzir à felicidade. O cenário de nossa infância comum, tão barulhento para mim quanto suave e romântico para Dona Chloé, nos devolve aos idos que o leve debuxo que ilustra seus

206 capítulos vai, aos poucos, sugerindo: a chatinha que dobra uma curva de rio, a canoa com seu japá, o relógio de parede, o bondinho, o quiosque da praça e os retratos de família. É assim, exatamente, que ficam na memória as cenas e os objetos de nosso passado. Só as lembranças, com suas tintas e suas cores, têm o poder de acordá-la numa paciente e amorosa recomposição de gestos, pessoas, eventos, cronologia. E a seguir, o elenco de receitas que alegravam o paladar, e dariam, a cada gênero de goma, seu clima e sua festa.

Com franqueza, eu não esperava emocionar-me tanto com a leitura destas reminiscências, depois de ter lido as memórias de Pedro Nava. O fato, no entanto, é que a terra de minha infância tem mais a ver comigo do que a Belo Horizonte ou a Juiz de Fora daquele autor mineiro, cuja obra, na opinião de Francisco de Assis Barbosa, é uma lição de vida e uma lição de Brasil, como as *Doces Lembranças*, de Dona Chloé serão, para nós, uma lição de vida e a lição de um Brasil diferente e esquecido. Se alguém duvida, compare a vitalidade interior das casas mineiras de antanho, descritas pelo mestre de *Balão Cativo*, com as suas congêneres do Acre, onde a casa do Dr. Areal Souto destaca-se como exemplo e modelo.

Decorridos alguns anos dos últimos episódios que marcam, com chaves de ouro, as páginas finais desta autobiografia, nós fizemos, eu e meus pais, esse mesmo roteiro fluvial de Sena Madureira a Manaus, e adivinho a emoção daqueles que deixavam suas raízes pela vida da Capital. Como se sabe, as únicas, assim consideradas naquele tempo Capitais da Amazônia, eram Manaus e Belém. São dezenas de pessoas que estiveram, momentos apenas, diante dos nossos olhos. Personagens reais, ou imaginários, seu tempo, hoje, é de fábula. Como aquele misterioso Ramayana de Chevalier que Dona Chloé viu e “fotografou” nas suas diversas e espalhafatosas aparições durante a viagem. E a quem tivemos por amigo no apogeu e na derrocada, apenas física e breve, de sua bela e prodigiosa existência.

Finalizando esta modesta apresentação da escritora Chloé Loureiro, eu tenho a dizer, simplesmente, que os ossos de seu baú “reencarnam” neste livro, não por arte de um saudosismo estéril e vazio, mas porque também florescem na dimensão poética de um legado cultural que vence a morte.





2º CONCURSO

# MANAUS. & poesia

*Seleção e premiação de poemas inéditos sobre Manaus,  
em homenagem aos 342 anos de sua fundação.*

**Como participar:**

Increva-se na Academia Amazonense de Letras, no período de 20/10 a 21/11 de 2011, horário comercial, apresetando os poemas em envelope lacrado, com pseudônimo.

**Seleção:**

Serão escolhidos quinze poemas, identificados em sessão pública, na sede da Academia, às 18 hs do dia 5 de dezembro.

**Premiação:**

Aos três melhores poemas serão conferidos prêmio individual de R\$ 3.000,00, em dinheiro, Diploma de Honra ao Mérito e publicação na *Revista da Academia*.  
*Todos os inscritos receberão Certificado de Participação.*

**Informações:**



Academia Amazonense de Letras  
Rua Ramos Ferreira, nº 1009 – Centro  
Telefone: 3234-0584 e 3233-5381  
E-mail acadam@ig.com.br



— *Visão florestal*, Anísio Mello, 2005 · foto de Luciane Páscoa.



— Sem título, Anísio Mello, 2007 · foto de Roberto Mendonça.



Sem título, Anísio Mello, 2007 • foto de Roberto Mendonça.

revista da  
**AAAL**  
(ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS)

A geração e difusão do conhecimento, do saber, da arte e da beleza são as principais expressões de nossa Academia.

Assim tem sido feito desde os seus primeiros passos. Sua Revista, como veículo dessa difusão, tem cumprido esse importante papel e tem representado a expressão escrita do pensamento acadêmico.

Em contraposição, a regularidade das publicações, na dependência direta de recursos, tem estabelecido descontinuidades. Grande tem sido o esforço das diferentes administrações para fazer circular pelas instituições daqui e do restante do país este seu veículo de divulgação. Recria-se somente agora a expectativa de produzi-lo e fazê-lo circular com a qualidade e regularidade desejada.

É justo que a Academia Amazonense de Letras, com tamanha produção literária, a disponibilize aos seus leitores, contribuindo e facilitando o diálogo com a sociedade que a estimula e engrandece.

— MARCUS BARROS



AMAZONAS

MANAUS